



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RENATA OLIVEIRA SILVA

UMA GEOGRAFIA SENSÍVEL DO CORPO: A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM DO
PARQUE URBANO DIQUE DO TORORÓ, UM ESPAÇO LIVRE DE USO
COLETIVO NA CIDADE DE SALVADOR-BA

SALVADOR

2020

RENATA OLIVEIRA SILVA

UMA GEOGRAFIA SENSÍVEL DO CORPO: A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM DO
PARQUE URBANO DIQUE DO TORORÓ, UM ESPAÇO LIVRE DE USO
COLETIVO NA CIDADE DE SALVADOR-BA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Geografia da Universidade Federal da Bahia como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.
Áreas de concentração: Análise do Espaço Geográfico
Linha de Pesquisa: Análise Urbano-Regional

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa

SALVADOR

2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de
Ciências e Tecnologias Prof. Omar Catunda, SIBI - UFBA.

R586 Silva, Renata Oliveira

Uma geografia sensível do corpo: a percepção da paisagem do parque urbano Dique do Tororó, um espaço livre de uso coletivo na cidade de Salvador-BA/ Renata Oliveira Silva. – Salvador, 2020.

164 f.

Orientador: Prof. Dr Angelo Szaniecki Perret Serpa

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
Instituto de Geociências, 2020.

1. Geografia Humana. 2. Fenomenologia. 3. Percepção. 4. Parque - Dique do Tororó. I. Serpa, Angelo Szaniecki Perret. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

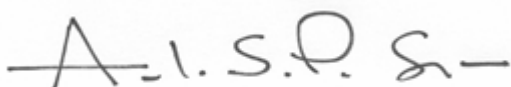
CDU 911.3

TERMO DE APROVAÇÃO

UMA GEOGRAFIA SENSÍVEL DO CORPO: A PERCEPÇÃO DA
PAISAGEM DO PARQUE URBANO DIQUE DO TORORÓ, UM ESPAÇO
LIVRE DE USO COLETIVO NA CIDADE DE SALVADOR-BA

RENATA OLIVEIRA SILVA

BANCA EXAMINADORA



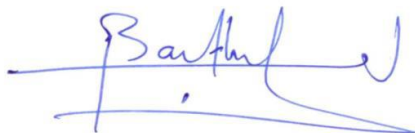
Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa (Orientador-Presidente)
(Programa de Pós-Graduação em Geografia UFBA)



Prof. Dr. André Nunes de Sousa
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA)



Prof. Dr. Clímaco César Siqueira Dias
(Universidade Federal da Bahia - UFBA)



Profa. Dra. Francine Barthe-Deloizy
(Univ. Paris IV)

Aprovada em Sessão Pública de 15 de outubro de 2020.

Dedico essa dissertação ao meu cansaço, à minha preguiça, à minha procrastinação, ao meu medo, insegurança e dúvida.

Porém, eu dedico esse trabalho muito mais à minha revolta com o cenário político e socioeconômico do país, ao meu querer ser mais um pouco, à força de vontade de compreender, à minha curiosidade em falar com as pessoas e descobrir um pouco mais do mundo, ao prazer em ler a Geografia Humanista e a Fenomenologia, à confiança de que daria tudo certo no final. Ao meu esforço e perseverança, ao meu empenho, dedicação, responsabilidade e compromisso que são minhas melhores qualidades.

Dedico esse trabalho à mim, à minha consciência e ao meu corpo, aos meus sentimentos, emoções e sensações que, juntos, me auxiliaram a construir algo valioso para mim e anseio que para sociedade também.

Dedico ainda à minha filha, Iana, que já está chegando e me mostra novas experiências num corpo de mãe! Dedico, por fim, aos corpos de todas as outras mulheres que pode ser o meio não só de chegada ao mundo para viver experiências, mas meio que nutre vidas que chegam ao mundo para pensar e criar pensamentos. Assim, agradeço ao corpo de minha mãe. Esse é um registro de que eu sou-no-mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com muito amor ao meu companheiro, amigo, esposo e ajudante nas visitas de campo, Robson, por ter me amparado e apoiado, com paciência e certeza, de que eu concluiria. Agradeço por ter me auxiliado a cada ida ao Dique do Tororó. Você fez parte da realização dessa pesquisa. Com sol ou chuva. Durante o dia e a noite. Você é especial para mim.

Agradeço com muito carinho à minha família (Rodrigo, Orlando, Oswaldo, Márcia, Eliene e Thayana) em especial às três mulheres, mães, cuidadoras, motivadoras da minha busca pelo conhecimento: minha mãe Dayse, minha avó Adalgisa e minha tia Denise. Se eu consigo erguer algo é porque vocês me deram a base necessária e eu tenho muito orgulho de ser cria de vocês. *Girl Power!*

Agradeço, emanando toda a luz aos seres iluminados que me guiam, ao meu Anjo da Guarda, à grande divindade, à natureza, às Deusas e Iabás, aos astros e constelações. Sem a fé em toda forma de espiritualidade e energia que tenho, eu não seguiria até o fim com esse trabalho.

Agradeço com muita alegria aos que me proporcionaram contentamento em meio à preocupação do dissertar: minha cadela, Pretinha, que me ajudou a desanuviar do mundo toda vez que a via. Às crianças que me rodeiam e sempre me recordam que eu preciso manter viva a minha criança interior para eu não enlouquecer no mundo muito sério dos adultos: Samantha, Kauã, Luana (adolescente), Maria Cecília, Mariah Eduarda, Ana Luíza e Lorena. É por essa geração que eu sigo estudando, para que eles possam com maior facilidade buscar o conhecimento de forma justa e igualitária, em prática, no futuro.

Agradeço com toda a reciprocidade do que me foi dado às amigas que foram enormemente gentis em me entender durante o processo de pesquisa e construção de texto, me apoiando com palavras, ouvidos, risadas e comidas: Jéssica, Vanessa, Aline, Débora, Fabrine (obrigada por indicar a música barroca para eu conseguir escrever e auxiliar na elaboração dos mapas), Geiza, Monalisa, Edy, Naiara, Emily, Suelem, Tainã e Helca. Nem sempre nos encontrávamos, mas a lembrança e a certeza de ter vocês ao meu lado me fortaleceram.

À minha psicóloga que, enfim, não deixou que eu perdesse a cabeça e acreditou mais em mim do que eu mesma. Valeu, Luane!

Agradeço com toda a minha disposição para o que precisarem aos amigos e colegas acadêmicos que de um jeito ou de outro fazem parte dessa pesquisa, seja realizando algo na prática para mim e junto comigo. Ou ainda me dando ideias, apoio, palavras de incentivo: Carol, Flávia, Jéssica, Juliana, Wellington, Alexandre, Caê, Raísa, Mateus, Antônio, Michele, Sávyo, Natália e Fábria. Tenho muito orgulho de encontrar vocês e dividirmos grandes ideias. E a todos os outros colegas que eu também encontrei no caminho, nas disciplinas, tópicos especiais e lanchonetes.

Agradeço imensamente aos colegas do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação do qual faço parte e muito me honra crescer com vocês.

Agradeço muitíssimo ao financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por possibilitar a minha manutenção na universidade pública brasileira para a realização dessa pesquisa ao longo de dois anos. Em tempos como o que vivemos é de extrema relevância esse suporte. Viva a universidade pública brasileira, seus agentes e apoiadores!

Agradeço a todos os meus entrevistados, sujeitos atuantes da minha pesquisa, sem essas pessoas reais, que vivem o Dique do Tororó, não haveria Dique do Tororó, muito menos pesquisa geográfica científica sobre este parque.

Agradeço aos professores que me inspiram, orientam e ensinam a buscar sempre mais aprendizado: Ana Lúcia de Araújo, Clímaco Dias, André Sousa, Francine Barthe-Deloizy, Catherine Prost, Flora Pidner, Maria Auxiliadora da Silva e Marcelo Sousa Brito, que muito contribuíram para eu querer e conseguir dar continuidade à minha formação.

Por fim, não menos importante, agradeço com todo o reconhecimento possível ao meu professor, orientador e provocador de pensamentos: Angelo Serpa. Um intelectual que muito admiro e tenho a oportunidade de conviver e aprender. Obrigada por todos os anos de animação ao saber científico.

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo principal realizar uma investigação acerca da paisagem do parque urbano Dique do Tororó na cidade de Salvador-BA. Nessa investigação buscou-se refletir sobre a percepção de paisagens a partir do corpo enquanto interface entre consciência e mundo, ou seja, corpo que experiencia o mundo. Além disso, buscava-se compreender a intersubjetividade entre sujeitos frequentadores desse parque enquanto espaço público. Ou, como os resultados nos apontaram: espaço livre de uso coletivo. O aporte metodológico e filosófico que possibilitou esse estudo foi o fenomenológico, ou, com mais ênfase, a obra “Fenomenologia da Percepção” de Maurice Merleau-Ponty. Essa dissertação tem como direcionamento o anseio de contribuir para os campos da Geografia Urbana e da Geografia Humanista brasileira. Com isso, é a partir da ideia de um estudo fenomenológico e dos referenciais desses campos que a pesquisa apresenta considerações e resultados revelados pela paisagem enquanto fenômeno e pelas respostas dos sujeitos entrevistados. A dinâmica da intersubjetividade entre os sujeitos e os corpos laborantes dos diferentes grupos sociais que frequentam o Dique do Tororó são algumas dessas revelações. A minha experiência enquanto sujeito-pesquisadora também ganha espaço na realização da pesquisa e na apresentação dos resultados como, por exemplo, na representação da paisagem do parque.

Palavras-chave: Geografia Humanista. Paisagem. Fenomenologia da Percepção.
Intersubjetividade. Espaço livre de uso coletivo.

ABSTRACT

This work had as main objective to carry out an investigation about the landscape of the urban park Dique do Tororó in the city of Salvador - BA. This investigation sought to reflect on the perception of landscapes from the body as an interface between consciousness and the world, that is, the body that experiences the world. In addition, it sought to understand the intersubjectivity between subjects who frequent this park as a public space. Or as the results pointed out: free space for collective use. The methodological and philosophical contribution that made this study possible was phenomenological, or with more emphasis, on the work "Phenomenology of Perception" by Maurice Merleau-Ponty. This dissertation is aimed at contributing to the fields of Urban Geography and Brazilian Humanist Geography. With this, it is from the idea of a phenomenological study and the references of these fields that the research presents considerations and results revealed by the landscape as a phenomenon and by the responses of the interviewed subjects. The dynamics of intersubjectivity between the subjects and the workforce of the different social groups that frequent the Dique do Tororó are some of these revelations.

Keywords: Humanist Geography. Landscape. Phenomenology of Perception.
Intersubjectivity. Free space for collective use.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO PARQUE DIQUE DO TORORÓ E SUA CENTRALIDADE - 2020.....	37
Figura 2 – HABITAÇÕES DO BAIRRO DO TORORÓ REFLETIDAS NO ESPELHO D'ÁGUA DO DIQUE DO TORORÓ.....	38
FIGURA 3 – ESCULTURA DOS ORIXÁS NA LAGOA E ESTÁDIO DA FONTE NOVA AO FUNDO.....	39
FIGURA 4 – AO LADO DIREITO, PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NOS BANCOS DO PARQUE.....	45
FIGURA 5 – PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EMBAIXO DO VIADUTO RÔMULO ALMEIDA.....	45
FIGURA 6 – PESSOAS CONTEMPLANDO A PAISAGEM E CUIDANDO DE CRIANÇAS NOS BANCOS DO DIQUE DO TORORÓ.....	46
FIGURA 7 – TRABALHADORES QUE CUIDAM DA LIMPEZA E MANUTENÇÃO DO PARQUE.....	47
FIGURA 8 – TRANSEUNTES NA EXTREMIDADE PRÓXIMA À ESTAÇÃO DA LAPA.....	48
FIGURA 9 - PESCADORES NA BEIRA DA LAGOA, BORDA DO ENGENHO VELHO DE BROTAS.....	49
FIGURA 10 – PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA NA ÁREA PRÓXIMA AOS RESTAURANTES.....	50
FIGURA 11 – FLUXO DE PESSOAS POR VOLTA DAS 9:30 HR DA MANHÃ.....	53
FIGURA 12 – PÔR DO SOL NO DIQUE DO TORORÓ.....	54
FIGURA 13 – NOITE DE NATAL APÓS AS 21 HORAS NO DIQUE DO TORORÓ.....	55
FIGURA 14 – CHEGADA AO DIQUE PELA ESCADARIA DO JARDIM BAIANO.....	57
FIGURA 15 – PESSOAS SURGEM NO MEU CAMINHO.....	58
FIGURA 16 – PEDALINHOS ESTACIONADOS NAS ÁGUAS VERDES ESCURAS DO DIQUE.....	59
FIGURA 17 - ACADEMIA COM PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA E OS PATOS E GANSOS NA BEIRA DA LAGOA.....	60
FIGURA 18 – PÍER DOS BARCOS.....	61

FIGURA 19 – VISTA EMBAIXO DO VIADUTO RÔMULO ALMEIDA.....	61
FIGURA 20 – BORDA DO BAIRRO DO TORORÓ, SENTIDO FONTE NOVA, PRÓXIMO AO POSTO BR.....	62
FIGURA 21 – BORDA DA LOCALIDADE DO JARDIM BAIANO.....	63
FIGURA 22 – ROQUE MOSTRA OS PEIXES QUE CONSEGUIU NA LAGOA DO DIQUE.....	69
FIGURA 23 – INÍCIO DO PERCURSO.....	95
FIGURA 24 – ESCADARIA DO JARDIM BAIANO.....	95
FIGURA 25 - LAGOA SE EXPANDE À DIREITA.....	96
FIGURA 26 – PESSOAS NO PONTO DE ÔNIBUS.....	96
FIGURA 27 – MONUMENTO.....	96
FIGURA 28 – RESTAURANTES AO FUNDO.....	97
FIGURA 29 – BORDA DO ENGENHO VELHO DE BROTAS.....	97
FIGURA 30 – ABERTURA DO CÉU.....	98
FIGURA 31 – PÁSSARO E HOMEM NO <i>PIER</i>	98
FIGURA 32 – FLORES E DESNÍVEL.....	99
FIGURA 33- O VERDE E O CINZENTO.....	99
FIGURA 34 – PARQUINHO CAMUFLADO PELA PLACA.....	100
FIGURA 35 – ESTÁDIO FONTE NOVA À DIREITA.....	100
FIGURA 36 – MENINOS PULAM DO <i>PIER</i>	100
FIGURA 37 – PAMEIRAS.....	101
FIGURA 38 – UM DOS PARQUES INFATIS.....	101
FIGURA 39 – RAIOS DE SOL NA LAGOA.....	101
FIGURA 40 – CORREDOR VEGETAL.....	101
FIGURA 41 – PESCA NA MARGEM DA LAGOA.....	102
FIGURA 42 – IMPONÊNCIA DOS ORIXÁS.....	102
FIGURA 43 – BAIRRO DO TORORÓ AO FUNDO.....	104
FIGURA 44 – ÁREA DA ACADEMIA.....	104
FIGURA 45 – AVES NA BEIRA DA LAGOA.....	104
FIGURA 46 – GUARDAS DE PROTEÇÃO	104
FIGURA 47 – BANCO E GRAMA RASTEIRA.....	105
FIGURA 48 – BARQUEIROS AO FUNDO JOGANDO.....	105
FIGURA 49 – BARCOS NA LAGOA.....	105
FIGURA 50 – VISÃO SERIAL 1.....	106

FIGURA 51 – VISÃO SERIAL 2.....	106
FIGURA 52 – VISÃO SERIAL 3.....	107
FIGURA 53 – VISÃO SERIAL 4.....	107
FIGURA 54 – VISÃO SERIAL 5.....	107
FIGURA 55 – VISÃO SERIAL 6.....	107
FIGURA 56 – FLOREZINHAS ENFEITANDO O CHÃO.....	108
FIGURA 57 – ÁRVORE FRONDOSA.....	108
FIGURA 58 – MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAS.....	108
FIGURA 59– CIPÓS.....	108
FIGURA 60 – ARBUSTOS COM FORTE ODOR.....	109
FIGURA 61 – NOVO CAMINHO PERCEBIDO.....	109
FIGURA 62 – CAMINHO QUE LEVA À ACADEMIA NO CENTRO E CAMINHO EXTERNO À ESQUERDA.....	110
FIGURA 63 – CRUZAMENTO DE VIAS.....	110
FIGURA 64 – VIADULTO ALÉM NA PAISAGEM.....	111
FIGURA 65 – BAMBUZAIS, ÁRVORES E PANOS BRANCOS.....	111
FIGURA 66 – NOVAS ÁRVORES PLANTADAS.....	112
FIGURA 67 – PINGOS NA LAGOA E ALÉM AS HABITAÇÕES.....	112
FIGURA 68 – BASE DAS ÁRVORES COM NAJÉ.....	112
FIGURA 69 – O CAMINHO.....	112
FIGURA 70 – QUIOSQUES FECHADOS.....	113
FIGURA 71 – ESCULTURA ESCONDIDA NAS FOLHAS.....	114
FIGURA 72 – LATERAL DA ESCULTURA.....	114
FIGURA 73 – ESCULTURA DE FRENTE.....	114
FIGURA 74 – BASE DA IMENSA ÁRVORE.....	115
FIGURA 75 – TOPO DA IMENSA ÁRVORE.....	115
FIGURA 76 – PONTO DE ÔNIBUS COMO ABRIGO DA CHUVA.....	115
FIGURA 77 – FONTE DO DIQUE EM ÁREA CERCADA.....	116
FIGURA 78 – SUCOP.....	116
FIGURA 79 – GRAFITE COM ROSTOS DE MOA DO KATENDÊ E MARIELLE FRANCO.....	117
FIGURA 80 – PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA FAZENDO CAMINHADA.....	117
FIGURA 81 – CHUVA NA LAGOA E ESCULTURAS ILUMINADAS.....	118

FIGURA 82– ASFALTO MOLHADO.....	118
FIGURA 83 – BARRACA DE COCO ALÉM.....	118
FIGURA 84 – MAPA PERCURSO NO DIQUE DO TORORÓ: A MINHA PERCEPÇÃO.....	120
FIGURA 85 – O DIQUE DO TORORÓ VISTO DE CASA.....	123
FIGURA 86 – A PAISAGEM É MOVIMENTO.....	128
FIGURA 87 – DA JANELA LATERAL.....	128
FIGURA 88 – MANIFESTANTES NO PARQUE.....	132
FIGURA 89 – VESTES VERMELHAS E PRETAS.....	132
FIGURA 90 – INTERAÇÃO NA CAPANHA ABRAÇANDO VIDAS.....	145
FIGURA 91 – CRIANÇAS DEPOIS DA TROCA DE ABRAÇOS.....	146
FIGURA 92 – MINHA PARTICIPAÇÃO NA CAPANHA ABRAÇANDO VIDAS.....	146
FIGURA 93 – A PAISAGEM DO DIQUE DO TORORÓ: UM QUEBRACABEÇA.....	149
FIGURA 94 – UMA ATRAÇÃO DISTANTE.....	151
FIGURA 95– LUZES NOTURNAS NO PARQUE.....	152
FIGURA 96 – ALEGRIA AO VER PESSOAS REUNIDAS.....	153
FIGURA 97 – MEU CORPO QUIS DANÇAR.....	154
FIGURA 98 – TERRITÓRIO DO OUTRO.....	155
FIGURA 99 – TRANQUILA HIPNOSE.....	156
FIGURA 100 – A PAISAGEM E SUA EXPANSÃO.....	157

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DATAS DE VISITAS DE CAMPO REGISTRADAS.....	66
QUADRO 2 – CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS.....	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PONTO DE PARTIDA	17
1.1 TEMA.....	17
1.2 JUSTIFICATIVA.....	18
1.3 APORTE TEÓRICO-CONCEITUAL E FILOSÓFICO.....	22
1.3.1 Paisagem e espaço público	23
1.3.2 Fenomenologia da percepção (corpo e intersubjetividade), experiência espacial e Geograficidade	25
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO.....	30
2 O DIQUE DO TORORÓ	36
2.1 ASPECTOS PERCEBIDOS DA EXPERIÊNCIA NA PAISAGEM.....	41
2.2 O CORPO ENQUANTO PAISAGEM.....	43
2.3 O PARQUE AO LONGO DO DIA: USO E APROPIAÇÃO.....	52
2.4 O CORPO SENSÍVEL À PAISAGEM.....	55
3 A EXPERIÊNCIA NA PAISAGEM E COM O OUTRO	65
3.1 O QUE NOS DIZEM AS ENTREVISTAS.....	67
3.1.1 Dique do Tororó: um espaço livre de uso coletivo.	71
3.1.2 Percepções do Dique do Tororó	73
3.1.3 A paisagem e os sentidos do corpo	75
3.1.4 Elementos da paisagem do parque	78
3.1.5 A paisagem do Dique do Tororó e seus sujeitos	80
3.1.6 Preferências e repulsas	84
3.1.7 A interação no parque público	85
3.1.8 Corpo e paisagem	89
3.1.9 A importância do Dique do Tororó na vida dos entrevistados, para a cidade e para os bairros do entorno	91
3.2 A MINHA PERCEPÇÃO.....	93
3.3 REENCONTRO NO PARQUE.....	121
3.3.1 Josilene: as caminhadas com o seu cão	121
3.3.2 Janaíra: o trajeto para o trabalho	124
3.3.3 Reginaldo: movimento, conversas e cotidiano	126
4 UMA PAUSA NA CAMINHADA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE UMA LONGA JORNADA	130

4.1 O QUE FICOU DA TRAJETÓRIA	131
4.1.1 Espaço público em brechas e efemeridade?	131
4.1.2 A paisagem do Dique do Tororó	132
4.1.3 Intersubjetividade: interação e território	136
4.1.4 Corporeidade e perceber	140
4.1.5 Os corpos laborantes	142
4.2 MEMÓRIAS PARA SEGUIR CAMINHANDO.....	147
4.2.1 Dique do Tororó: a paisagem como quebra-cabeça	148
4.2.2 Destrinchando o meu quebra-cabeça	150
REFERÊNCIAS	159
APÊNDICE A–ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTADOS DO DIQUE DO TORORÓ	163
APÊNDICE B –TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ.	164

1 INTRODUÇÃO: PONTO DE PARTIDA

Paisagem é um conceito que teve suma importância para a constituição da ciência geográfica, bem como o espaço público é um conceito estudado por muitos autores, não apenas da Geografia. Alguns deles foram relevantes para a realização deste trabalho, como Angelo Serpa (2007 a), Francine Barthe-Deloizy (2018), Janes Jacobs (1961), entre outros.

Relacionada a essas constatações, uma memória ocorreu ao final do curso de graduação – na disciplina de História do Pensamento Geográfico, ministrada pela Professora Flora Pidner em 2016 –, quando uma fagulha de animação foi lançada ao meu pensamento: quais abstrações conceituais geográficas eu havia vivido sem perceber que eram abstrações geográficas, antes de me tornar geógrafa? Recordei de um episódio vivido na infância em que me perdi de minha mãe, por alguns minutos, no centro de Salvador, mais precisamente na Avenida Sete de Setembro. Eu conhecia aquele espaço, pois andava muito por ali, mas estive perdida justamente pelas características de centralidade de uma metrópole como Salvador que eu percebi no momento, num corpo infantil de onze anos de idade: o intenso comércio, o grande fluxo de pessoas e automóveis, as edificações bem altas, entre outros fatores que eu havia, ainda criança, notado, mas que só compreendi como abstrações científicas da Geografia após estudá-las ao longo da graduação. Assim, surgiu uma vontade de contribuir para a Geografia Urbana, estudando paisagens de espaços públicos de Salvador. Esse fato atrelou-se ao anseio de mergulhar na Geografia Humanista, pensando em uma pesquisa relacionada com a subjetividade e a experiência vivida no espaço geográfico.

Desse modo, a pesquisa que originou essa dissertação de mestrado teve como objetivo a realização de uma investigação fenomenológica da paisagem de um recorte do espaço público, em Salvador, para o qual assumo aqui a nomenclatura de **espaço livre de uso coletivo**, tendo como abordagem de estudo a Geografia Humanista, apostando em atender às aspirações científicas que brotaram a partir de tais experiências corporais e inquietações.

1.1 TEMA

Durante uma caminhada pela cidade de Salvador, é possível presenciar diversas paisagens. Seja uma movimentada calçada numa avenida comercial, uma praia, um

jardim, uma praça ou casarões antigos, todas essas imagens chegam aos olhos e comunicam algo em meio à correria cotidiana. A questão primordial é como percebemos essas paisagens que temos diante de nós. Considera-se que o olhar pode ser insuficiente para a compreensão da paisagem, pois esta não é apenas visual – a paisagem pode ser ouvida, tocada, percebida por meio do cheiro e até mesmo com o sentido do paladar, por meio de analogias a determinada paisagem ou determinado espaço. Os indivíduos são, assim, mais do que observadores de paisagens, dos momentos percebidos no espaço geográfico em que vivem, pois essa paisagem só existe porque outrem ajudou a construí-la ao longo dos anos e naquele exato momento – a paisagem se constitui a todo instante e de forma intersubjetiva. De tal modo, somos observadores e construtores de paisagens.

O anseio foi levantar uma discussão tendo como fundamento a fenomenologia da percepção, proposta por Merleau-Ponty (1999), e refletir como a percepção de paisagens pode ser alcançada a partir dos sentidos. Além disso, buscou-se compreender a paisagem e apreender a dinâmica da intersubjetividade entre diferentes sujeitos no espaço livre de uso coletivo representado por suas paisagens. E essa é uma possibilidade pouco habitual, na Geografia, de entender o espaço (público) urbano a partir da percepção da paisagem como fenômeno.

Em síntese, pretendeu-se analisar a intersubjetividade de um parque urbano público a partir de suas paisagens e da fenomenologia da percepção. Assim, a paisagem do parque urbano Dique do Tororó em Salvador foi percebida pelo corpo da sujeito-pesquisadora a fim de considerar o que esta apresenta sobre a intersubjetividade nesse espaço em relação aos outros corpos que também experimentam a paisagem do parque. O estudo é uma pequena contribuição que atrela os campos da Geografia Urbana e da Geografia Humanista, com o aporte filosófico da fenomenologia.

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa pretendeu contribuir para uma reflexão teórico-metodológica acerca de uma investigação da Geografia Urbana por meio de uma análise não tão frequentemente apresentada, fenomenológica, resultando numa aproximação com a Geografia Humanista. A partir de uma análise não tão comum, o espaço livre de uso coletivo urbano foi investigado por um caminho onde o sujeito que usa e se apropria do espaço teve sua experiência, seu cotidiano e sua subjetividade considerados. Assim,

surgiram novas considerações e questões acerca de tal temática ao longo do texto. Pretendeu-se dar continuidade à pesquisa que já havia desenvolvido na graduação referente ao espaço público na cidade de Salvador (praças), ao uso, à apropriação e ao reconhecimento de tais espaços como lugar por seus frequentadores. A pesquisa atual é também relevante no tocante à contribuição para possíveis intervenções do planejamento urbano neste espaço, pois o vivido e a subjetividade muitas vezes são camuflados.

Como dito anteriormente, houve um grande interesse em imergir na Geografia Humanista e na influência das minhas experiências acadêmicas, foi um anseio prosseguir com o estudo que foi realizado com o trabalho de conclusão de curso de graduação, no qual as discussões giraram em torno de determinadas praças como espaços públicos – na capital baiana – e estes enquanto lugares para seus agentes. Nessa pesquisa¹, foi identificado que, atualmente, além de lugares para seus agentes, os espaços públicos (especificamente, Praça da Piedade e Praça do Santo Antônio Além do Carmo) são mais locais de passagem e territorialidade do que de negociação da esfera pública e/ou interação entre os sujeitos. Assim, baseando-se na teoria de Merleau-Ponty (1999), as paisagens de outro espaço público foi experienciada a fim de entender, primeiramente, como elas se apresentam como fenômeno e se os sujeitos percebem o outro no espaço livre de uso coletivo ao qual elas estão relacionadas.

As ruas, os fluxos, a arquitetura, a natureza, os indivíduos, os processos e as dinâmicas que se realizam nesses espaços constituem paisagens da cidade, e interpretá-las foi o que este estudo pretendeu desenvolver; com o auxílio da fenomenologia, aprimorando e criando uma maior aproximação entre a Geografia Urbana e esse método de estudo, no qual há uma perspectiva do objeto de pesquisa intrinsecamente relacionado ao sujeito e reconhecido como um fenômeno.

É necessário lembrar que a Geografia Urbana é um campo que está pautado numa abordagem mais habitualmente marxista² e que privilegia as formas, funções, estruturas, os processos urbanos e as transformações históricas (muito relevantes), mas

¹ Silva, Renata Oliveira Uma "Geografia da Realidade" do espaço público: estudo de duas praças da cidade de Salvador através da Geograficidade. / Renata Oliveira Silva.- Salvador,

² É importante salientar que essa perspectiva de análise da abordagem marxista apresentada é somente uma dentre outras existentes. Saliento também que foi realizada uma busca avançada no site <http://www.periodicos.capes.gov.br> por trabalhos relacionados à paisagem do Dique do Tororó por meio de uma abordagem fenomenológica e não foi encontrado nenhum resultado.

que deixa escapar, geralmente, a dimensão do vivido.³ Diferente da Geografia Humanista, que, ainda pouco conhecida e explorada pelos geógrafos, se comparada a outras vertentes geográficas, tem como temática primordial tal dimensão.

De acordo com Holzer (2008), a Geografia Humanista revela a subjetividade e a forma como os indivíduos se envolvem, entendem e se relacionam com o espaço geográfico. A Geografia Humanista tem como principal base filosófica a fenomenologia, e o principal responsável por construir essa relação foi Edward Relph (1979), em um de seus textos mais conhecidos no Brasil, intitulado *As bases fenomenológicas da geografia*. Nesse artigo, Relph tem por objetivo compreender a subjetividade existente na relação entre o homem e o espaço, trazendo para a Geografia esse reconhecimento de experiências geográficas, ou seja, de experiências diretas dos fenômenos. “Fenômeno” é entendido como tudo que se mostra, que é percebido, ou ainda“ [...] tudo aquilo que, do mundo externo, se oferece ao sujeito do conhecimento, através das estruturas cognitivas da consciência.” (SERPA, 2001, p. 3). E foi por meio desses embasamentos que investigamos as paisagens do Dique do Tororó, um espaço livre de uso coletivo, em Salvador.

A relevância desta pesquisa se afirma ainda mais nesse contexto, pois defendo ser necessário desenvolver, na Geografia, mais estudos sobre paisagem e espaços públicos da maneira como a fenomenologia nos possibilita pesquisar. As inspirações que entusiasmaram esta pesquisa a recorrer à abordagem humanista, cunhada no método fenomenológico, são dos trabalhos de autores como Eric Dardel (1952), Yi-Fu Tuan (1977), Edward Relph (1979), Werter Holzer (2008), Letícia de Pádua (2017), entre outros. Nota-se também que o parque urbano do Dique do Tororó – segundo o nosso conhecimento até então –, não foi o cerne de estudos realizados a partir da abordagem proposta. O Dique também tem o diferencial de ser um parque urbano rodeado por bairros populares importantes para a cidade, como o bairro Garcia e o Engenho Velho de Brotas. É diferente, pois, na contemporaneidade, a maior parte dos grandes espaços públicos das cidades, que respondem e colaboram para os interesses do mercado imobiliário, são criados ou requalificados próximos aos bairros onde habitam a população de classe de renda média, como comprovado nos textos do livro *O espaço público na cidade contemporânea*, de Serpa (2007 a).

³ Um dos estudos sobre o Dique do Tororó numa abordagem mais cultural foi o de Estenio de Oliveira, encontrado em: Oliveira, Estenio Enrique Ribeiro de, *A vegetação na transformação da paisagem do Dique do Tororó* / Estenio Enrique Ribeiro de Oliveira. _ Salvador, 2007. 160 f. : il.

Outra razão relevante procede do interesse de enfatizar a importância do corpo como instrumento e meio na realização de pesquisas geográficas. Indica-se como principal referencial teórico Maurice Merleau-Ponty (1945) e sua fenomenologia da percepção. Já a experiência corporal (e vivida), muito estudada por Yi-Fu Tuan (1983), também foi identificada nos escritos da urbanista e ativista Jane Jacobs, em seu livro *Morte e vida de grandes cidades*. Essa autora descreve a cidade como um fenômeno, como espaço do cotidiano. Para Jacobs (2011), a cidade se apresenta, antes de tudo, como realidade. Realidade de um espaço cotidianamente vivido das paisagens que interessa a esta pesquisa.⁴

Além da abordagem materialista, histórica e dialética já consolidada na Geografia Urbana, defendo a possibilidade de uma articulação de estudo das paisagens de Salvador pelo viés fenomenológico, a fim de testar e oferecer outras possibilidades de apreensão da paisagem. Defende-se também uma investigação geográfica sensível do corpo, ou seja, onde o corpo experiencia, sente e percebe. Essa investigação inclusive respeitou a escala do corpo da sujeito-pesquisadora e dos sujeitos do recorte espacial.

As questões que nortearam esta pesquisa foram as seguintes: como, a partir da percepção da paisagem, é possível entender a dinâmica e a intersubjetividade dos corpos no Dique do Tororó através do corpo dos seus sujeitos frequentadores e do corpo da sujeito-pesquisadora? Caso seja percebida, como se caracteriza a intersubjetividade entre os sujeitos no Dique do Tororó a partir do que apresentam suas paisagens e seus sujeitos? Quais as tipologias de uso do espaço pelos corpos dos sujeitos e as ausências reveladas pela paisagem desse espaço livre de uso coletivo?

O objetivo geral foi apreender a paisagem do Dique do Tororó e refletir como a percepção de paisagens pode ser alcançada a partir do corpo que experiencia o espaço livre de uso coletivo e como se apresenta a intersubjetividade de uma paisagem vivida por seus sujeitos.

Para alcançar este objetivo principal, foi necessário especificar outros objetivos como: identificar, como os sujeitos, desse espaço livre de uso coletivo, usam e relacionam-se com suas paisagens; observar se e como ocorre a intersubjetividade no parque urbano a partir da percepção de suas paisagens; e investigar e caracterizar como

⁴ Ressalvo que a maneira como Henri Lefebvre trata a noção do espaço vivido não foi esquecida em nossa abordagem, no entanto não aprofundamos nessa direção em função da prioridade dada a noção de geograficidade a partir de Eric Dardel, que será explicitada mais adiante.

os indivíduos e grupos de indivíduos percebem essas paisagens e como se percebem entre si.

1.3 APORTE TEÓRICO-CONCEITUAL E FILOSÓFICO

Para investigar fenomenologicamente as paisagens urbanas, articulei o conceito-chave de paisagem com o de espaço público e as teorias da fenomenologia da percepção e experiência espacial. Será apresentado também o conceito de geograficidade, visto que a relação entre sujeitos e paisagem que ocorre no cotidiano é uma questão relevante para a pesquisa. A percepção da paisagem de um espaço livre de uso coletivo e tudo que o envolve é o que se pretendeu revelar, com uma atenção maior para o corpo, de modo a refletir sobre como a paisagem é vista, sentida, ouvida, associada a sensações, gostos e cheiros. Esses estímulos poderiam permitir a emergência de novos significados relacionados às experiências vividas nos espaços públicos, possibilitando, portanto, uma Geografia existencial, focada na realidade urbana e baseada nas relações intersubjetivas entre o indivíduo, grupos de indivíduos e a paisagem.

Apesar do enfoque maior nos autores e estudos da Fenomenologia e da Geografia Humanista, é importante anunciar que, ao longo do trabalho de pesquisa, os resultados alcançados nos apontaram para a necessidade de buscar em outras fontes bibliográficas, novas articulações para melhor descrever e analisar os fenômenos encontrados, quais sejam: David Harvey (2004) e Michel Foucault (1999). Outro autor foi Henri Lefebvre (2006), como já citado anteriormente em nota de rodapé sobre a ideia de espaço vivido que se aproxima mais do cotidiano, não sendo a análise do espaço vivido nessa dissertação aprofundada a partir de sua teoria. Em contrapartida, ao analisar o corpo como presença, Lefebvre aparece referenciado na reflexão.

Anuncio e explico com antecedência aqui também a preferência, em alguns trechos, por referenciar notas de aulas, cursos e/ou conferências, considerando a importância de todos os momentos vividos no processo de pesquisa ao longo dos dois anos de realização do mestrado. Estando presente nesses momentos, as falas dos docentes imediatamente reverberaram em mim, e, por isso, senti necessidade de articular alguma reflexão a partir destas falas, que se tornaram desse modo referências para mim. Ainda assim, notas de rodapé foram adicionadas aos trechos nos quais essas

falas foram referenciadas, indicando trabalhos publicados desses docentes nos quais as mesmas ideias aparecem de modo mais detalhado.

1.3.1 Paisagem e espaço público

A paisagem na Geografia é considerada um conceito-síntese, pois nela podemos identificar muitos dos elementos que compõem o espaço geográfico, além dos determinantes e das ações que a modificaram. É a paisagem que revela o passado, o presente e até as futuras feições do espaço. A paisagem pode ainda apresentar as identidades do lugar e/ou as culturas de uma região. Santos (2006), em sua obra *A natureza do espaço*, distingue espaço de paisagem. Para o autor, paisagem é “o conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima” (SANTOS, 2006, p. 66). De acordo com o autor, a paisagem é a junção de ações passadas com as transformações do tempo presente. Santos também alerta para a incessante tentativa de acordo entre o espaço e a paisagem, pois eles estão sempre relacionados. Essa relação interessa neste estudo, visto que as paisagens percebidas puderam revelar a intersubjetividade no Dique do Tororó em Salvador.

Para diferenciar espaço de paisagem, Milton Santos (2006) cita a hipotética eventualidade de os laboratórios do Pentágono, nos Estados Unidos, criarem uma bomba de nêutrons e a utilizarem no período da Guerra Fria. Com a explosão da bomba, as vidas humanas seriam extintas, mas as construções resistiriam ao impacto. Assim, o “Presidente Kennedy afinal renunciou a levar a cabo esse projeto. Senão, o que na véspera seria ainda o espaço, após a temida explosão seria apenas paisagem” (SANTOS, 2006, p. 67-68). Esse exemplo, além de diferenciar os dois conceitos, torna mais palpável o entendimento do que é a paisagem e nos alerta para o fato de que, sem a vida humana na Terra, não existe a paisagem. A paisagem só existe como tal porque existe quem a percebe, quem a constitua. Sem a vida humana, ela perde seu sentido, mesmo admitindo que, considerando o exemplo dado por Milton Santos, a paisagem que resistiria à explosão da bomba contaria muito sobre uma sociedade a partir de suas estruturas e formas. Contudo, sem a vida humana, não haveria um indivíduo para quem essa paisagem revelasse algo.

Angelo Serpa (2013) traz acréscimos acerca da paisagem e aos estudos feitos por Milton Santos a respeito desse conceito, enfatizando a perspectiva fenomenológica. De acordo com o autor, a paisagem:

[...] resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos ‘visíveis’, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, ‘invisível’, e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade (SERPA, 2013, p. 170).

Acrescenta ainda que “A essência das paisagens como ‘aparições’ está, portanto, no espaço, no todo espacial como real-abstrato, porque em cada paisagem há uma relação com uma realidade espacial potencial, em perpétua mudança” (SERPA, 2013, p. 171).

Já Eric Dardel (2015), assinala que a paisagem é o ambiente terrestre que nos rodeia, ultrapassa a ideia de paisagem como vemos em um quadro ou na janela de um automóvel. A paisagem é percebida porque é vivida, é a impressão da vida humana na Terra. “Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos” (DARDEL, 2015, p. 30).

A partir dessas referências, é possível entender a paisagem como fenômeno que apresenta a relação entre o homem e o espaço, ou, como na noção de geograficidade de Dardel (2015), entre o homem e a Terra. Sendo assim, a paisagem é o conceito-síntese capaz de explicar as dinâmicas do espaço: enquanto fenômeno permite desvendar dinâmicas espaciais. Na presente pesquisa, o recorte do espaço público que nos interessa é o Dique do Tororó.

No livro *Mudança estrutural da esfera pública*, de 1961, Jurgen Habermas, disserta a respeito do espaço público. Habermas (1984) explica como se originou a ideia de esfera pública burguesa e sua transformação ao longo do tempo. Além disso, apresenta a opinião pública como condição importante para a existência de um espaço público. O autor traz diversas concepções de opinião pública e suas funções como a ideia de senso comum, o papel da imprensa/mídia e do uso público da razão, este último compreendido como essencial para a existência do espaço público. O espaço público, como resalta Habermas (1984), é cada vez mais raro ou inexistente – envolvendo a política, a expressão livre e a ausência de territórios, já que o mesmo constata e enfatiza

as transformações estruturais sociais da esfera pública. Segundo o autor, a relação entre esfera pública e privada é de interdependência; porém, quando ocorre uma mistura das esferas, quando os aspectos do privado se voltam para o público, e vice versa, há uma perda das esferas que resulta em uma esfera do social e outra esfera do íntimo.

Enfatizo, no entanto, que não busquei com essa pesquisa pelo espaço público conforme compreendido por Habermas (1984) e outros estudiosos, mas sim revelar o que ainda pode aparecer de intersubjetividade no cotidiano do Dique do Tororó que, como já mencionado, será visto aqui como um espaço livre de uso coletivo. Assim como os espaços do acesso livre de catracas, por exemplo, ou o espaço que não é o da propriedade privada, o espaço onde a vida ocorre de forma pública, da rua, da praça, do parque, o espaço livre de edificações para todos verem, o espaço que é da socialização do público que o frequenta (mesmo que nos dias atuais aparentemente haja pouca interação e mais territórios como já observado em estudo anterior aqui citado). O espaço livre de uso coletivo como lugar da manifestação da vida da cidade, onde podemos ler na sua paisagem as contradições, as relações, as ausências, as presenças e a intersubjetividade. Assim, é o espaço das pessoas que estão “diante dos outros, sob o olhar de outrem, ‘público’ no sentido original da palavra.” (DARDEL, 2015, p.28).

No entanto, acredita-se que a percepção do outro, que já é um lampejo de intersubjetividade no espaço público, ocorre mesmo quando não há uma comunicação direta entre indivíduos. E é essa percepção do outro e da existência do outro que torna o meu ser no mundo possível, foi isso que buscamos nesse estudo. Mas como ocorre essa intersubjetividade? As paisagens desses espaços foram a possibilidade de sua explicitação nesta pesquisa.

Essa intersubjetividade pesquisada no Dique do Tororó tem relação direta com a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2018), já que é a intersubjetividade que relaciona os indivíduos e seus corpos para a construção de paisagens.

1.3.2 Fenomenologia da percepção (corpo e intersubjetividade), experiência espacial e Geograficidade

Em sua obra *Fenomenologia da percepção*, publicada primeiramente em 1945, Merleau-Ponty nos encaminha para o entendimento do corpo como interface entre a

consciência e o mundo. O corpo promove a intersubjetividade: sem o corpo, a consciência não experimentaria o mundo em seu entorno; sem o corpo, a paisagem não seria percebida. O corpo e suas sensações e/ou sentidos ganham, portanto, inegável importância na fenomenologia de Merleau-Ponty: o corpo se torna instrumento para alcançar a percepção, ultrapassando, assim, o que nos diz a consciência. Para que isso ocorra, é necessário “ouvir” os sinais do corpo.

E, tratando-se de corpo, articulamos também nossa reflexão sobre o corpo à obra de Henri Lefebvre (2006) *A presença e a ausência*. Neste livro, o autor defende que a natureza, o mundo e as coisas nos chegam pelo corpo e pelos sentidos, porque há uma situação e, para existir situação e manifestação das coisas, precisa haver presença. Lefebvre credits a Friedrich Schelling a filosofia da presença (LEFEBVRE, 2006), e, a partir dessa perspectiva, entendemos que a paisagem é construída por meio da intersubjetividade entre os indivíduos.

Merleau-Ponty, por sua vez, propõe que os nossos sentidos são instrumentos basilares para percebermos o mundo que nos rodeia. Dessa maneira, a subjetividade ganha relevância, já que cada indivíduo perceberá determinado fenômeno de forma diferente a partir de seus sentidos, e é através dessa experiência do corpo que iremos formar juízos sobre determinado fenômeno. Considerando que a paisagem se estabelece por meio de relações intersubjetivas, ou seja, na relação com o outro, este outro que também percebe, pois tem um corpo e sensações, é a experiência no outro, no acontecer do fenômeno, que nos possibilita “sintetizar” a noção de intersubjetividade (2004).

Já em sua obra intitulada *O olho e o espírito*, Merleau-Ponty (2004) nos faz compreender que a essência do fenômeno, do outro ou dos objetos se constitui em função das qualidades e dos predicados das coisas. O exemplo do autor acerca do limão é revelador: a essência desse fruto se define através de sua acidez, é áspero em sua textura e apresenta coloração amarela. A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2018) nos remete a uma existência das coisas a partir do mundo vivido pelo sujeito. A areia de uma praia é branca e quente a partir do sujeito que a reconhece dessa forma através de seu corpo naquele momento em que a percebe. É um fenômeno percebido por determinado sujeito. Outro indivíduo, numa mesma paisagem, por meio de seu corpo, pode concluir que a areia é seca e áspera. A essência do objeto/da paisagem depende da percepção de quem o/a experiencia.

Também na obra *O olho e o espírito* (2004), o autor nos apresenta como os pintores captam a paisagem, a cena, o instante. Essa captura pode ocorrer em seus

quadros de variadas maneiras, com riscos e colorações diversas, assim também acontece com as coisas no mundo, que podem ser percebidas ou capturadas de maneiras diferentes; e essa variação dependerá do sujeito que percebe e da experiência que cada um estabelece em relação ao que é percebido. É como se o que é percebido, como a paisagem, por exemplo, fosse uma verdade provisória e particular de cada fenômeno. A percepção, então, é o “ato que cria de um só golpe, com a constelação dos dados, o sentido que os une – que não apenas descobre o sentido que eles têm, mas ainda faz com que tenham um sentido” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.65-66).

É a partir do e pelo corpo que esta pesquisa foi realizada. Os corpos da sujeito-pesquisadora e dos sujeitos entrevistados foram de significativa importância, principalmente na metodologia do trabalho. O corpo nos interessa, pois é o referencial de experiência espacial e de escala para este estudo. É com a possibilidade de espacialidade do corpo que as experiências foram possíveis, ao caminhar, tocar, sentir, ouvir, ver – corpo que se espacializa, que preenche o espaço e é afetado por esse espaço. Numa pesquisa que tem como aporte filosófico e metodológico a experiência da percepção corporal, considerando os registros de Merleau-Ponty, recordamos que Francine Barthe-Deloizy (2018) afirma que o corpo é “processo e perspectiva de pesquisa”, o corpo é no mundo por meio de experiências singulares, experiências situadas e únicas. Cada corpo que preenche a paisagem carrega o seu mundo. Cada corpo também é influenciado por outros corpos, no encontro de mundos, por isso é situado. Ainda segundo a autora, o corpo é ferramenta metodológica e são os corpos que produzem o espaço. Nesse caso, também produzem paisagem, pois Barthe-Deloizy (2018) esclarece que o espaço, ou a paisagem não preexistem ao corpo.

Também sobre a relação corpo-paisagem e a geografia sensível que aqui se constrói, as memórias do que foi vivido ainda na infância em meio ao fervor do centro de Salvador com sua urbanidade, e que é o disparo dessa investigação, saliento a afirmativa de Merleau Ponty (2018) quando trata do mundo percebido,

meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 317).

Assim, acredita-se que os corpos dos sujeitos do espaço estudado e da sujeito-pesquisadora são sensíveis à paisagem. A paisagem só existe e é considerada porque um ou mais corpos foram sensíveis a ela.

O corpo sensível à paisagem o é também aos sujeitos que a constituem? Procuramos entender a intersubjetividade no Dique do Tororó. Para Merleau-Ponty (2018), a intersubjetividade é o reconhecimento do eu no outro, é o encontro/troca das subjetividades, é a percepção de outro ser no mundo e desse ser no mundo semelhante a mim em existência que me percebe, que me faz reconhecido como consciência existente. Todo esse processo de reconhecimento acontece por meio da materialidade e percepções do corpo de cada indivíduo. Para o autor a intersubjetividade existe quando reconhecemos o nós, os outros “Eus”, o conjunto de “Eus”,

é o corpo de outrem enquanto portador de um comportamento. Quer se trate dos vestígios ou do corpo de outrem, a questão é saber como um objeto no espaço pode torna-se o rastro falante de uma existência (MERLEAU-PONTY, 2018, p.467).

Como vestígios compreendo a voz, o cheiro, as transformações deixadas pelas ações de determinado ser. Deste modo, o autor afirma que a sociedade é constituída de um número incontável de consciências, bem como acredito ser também a constituição da paisagem.

Como reconhecemos outro ser para si, ou seja, um corpo com consciência? Como ocorre a intersubjetividade? Para Maurice Merleau-Ponty (2018), em sua longa e detalhada explicação, quando o Eu percebe outros objetos no espaço, a priori todos são apenas ser em si, sem consciência, mas as semelhanças comportamentais apresentadas por meio do corpo no faz reconhecer o outro como ser em si, ser consciente igualmente ao Eu. Logo, o outro é simultaneamente ser em si e ser para si, o primeiro quando percebido pelo Eu e o segundo quando este mesmo se percebe enquanto consciência. Bem como o Eu sabido de sua consciência, do ser para si, não admite ser apenas objeto para o outro, ser em si. Dessa forma, o reflexo de consciências é a intersubjetividade e “A evidência de outrem é possível porque não sou transparente para mim mesmo, e porque minha subjetividade arrasta seu corpo atrás de si.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.472). O exemplo que o autor apresenta da reação de um bebê a uma possível mordida no seu dedo é elucidativo:

Um bebê de quinze meses abre a boca se por brincadeira ponho um de seus dedos entre os meus dentes e faço menção de mordê-lo. E todavia ele quase não olhou seu rosto em um espelho, seus dentes não se parecem com os meus. Isso ocorre porque sua própria boca e seus dentes, tais como ele os sente do interior, são para ele imediatamente aparelhos para morder, e porque minha mandíbula, tal como ele a vê do exterior, é para ele imediatamente capaz das mesmas intenções. A “mordida” tem para ele imediatamente uma significação intersubjetiva. Ele percebe suas intenções em seu corpo, como seu corpo percebe o meu corpo, e através disso percebe em seu corpo as minhas intenções (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 471-472).

A comunicação das consciências revela o outro na paisagem, de tal forma que quando percebo o outro

Meu olhar cai sobre um corpo vivo prestes a agir, no mesmo instante os objetos que o circundam recebem uma nova camada de significação: eles não são mais apenas aquilo que eu mesmo poderia fazer com eles, são aquilo que este comportamento vai fazer com eles (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 473).

Portanto, foi a intersubjetividade que possibilitou relacionar a paisagem e seus indivíduos. Foi também a intersubjetividade que permitiu identificar e caracterizar interações resultantes das intenções e comportamentos criados na intersubjetividade.

Além do suporte nesses referenciais para compreender a paisagem, também contamos com a noção de experiência de Yi-Fu Tuan. Em seu livro *Espaço e lugar*, Tuan (2013) desenvolve a ideia de experiência, que abarca as variadas formas de como uma pessoa conhece e constrói a realidade no cotidiano. De acordo com o autor:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, o paladar e o tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 2013, p. 9).

As considerações feitas por Tuan embasam esta pesquisa, pois se compreende que a paisagem é constituída e percebida por meio da experiência cotidiana, no dia a dia. Ainda segundo Tuan (2013), as experiências são, muitas vezes, fugazes e combinam sensações como a do ver, do ouvir e do cheirar. São essas experiências que ocorrem por meio da percepção corporal, que nos basearam para entender as paisagens experienciadas.

Essas experiências corporais estudadas por Tuan têm relação com “a realidade”, traduzida no conceito de geograficidade, criado por Eric Dardel (2015), que busca embasar fenomenologicamente a Geografia. Segundo o autor, geograficidade é o conceito que fundamenta a relação entre o homem e a Terra. E essa relação ocorre

através das experiências cotidianas. A geograficidade nos revela que os conceitos geográficos traduzem modos de existência. Assim, antes de se afirmar como conceito, a paisagem é uma realidade, constituída e percebida por diferentes sujeitos. É o que Dardel (2015) chama de “realidade da Geografia”. Paisagem, região ou lugar são mais do que abstrações conceituais da ciência geográfica: são realidades experienciadas cotidianamente por todos nós.

Como já explicitado, a paisagem é o conceito-chave nesta pesquisa, mais precisamente a paisagem do Dique do Tororó em Salvador. Para o autor, a realidade de uma grande cidade é sintetizada pela rua: “centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento construtivo e permanente, às vezes quase inconsciente [...] realidade concreta, imediata” (DARDEL, 2015, p.28). A rua, segundo o autor, é compreendida como parte do espaço público no qual o urbano existe de maneira mais genuína.

Se a rua é o “quadro da vida cotidiana” urbana, do espaço construído, como afirma Dardel (2015), esse é o quadro-paisagem que nos interessou. Perceber suas dinâmicas se fez necessário, já que são essas dinâmicas “às vezes quase inconscientes” que constroem esses quadros e transformam as paisagens, ou ainda as paisagens que, de alguma forma, transformam o homem: é a geograficidade acontecendo a cada momento da existência cotidiana. E supomos também que foi por meio da paisagem que alcançamos a intersubjetividade nos espaços públicos.

A noção de geograficidade e a construção de uma Geografia do cotidiano não romantizam a ciência geográfica. Na verdade, elas sublinham o que é experienciado no cotidiano da vida, o que antecede e fundamenta as considerações conceituais. Para Relph (1979), geograficidade diz respeito aos vários sentimentos e conhecimentos que o indivíduo estabelece com os espaços que ele experiencia, e são esses sentimentos, sensações e interações em relação às paisagens dos espaços públicos que busquei evidenciar.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO

A fenomenologia parte da ideia de que um fenômeno se apresenta de forma singular para cada observador e plural a cada nova percepção. Portanto, não houve uma hipótese a ser confirmada ou falseada nesta pesquisa, mas sim questões que nortearam a

execução do estudo. Este trabalho tem como suporte filosófico a fenomenologia. A investigação tem um caráter qualitativo e pretendeu entender como os sujeitos do Dique do Tororó e a sujeito-pesquisadora percebem e como se constituem as paisagens do parque urbano. Além disso, interessou compreender o que as mesmas revelam sobre a intersubjetividade e as experiências vividas nesses espaços. A paisagem foi percebida pela sujeito-pesquisadora e questionada aos sujeitos levando-se em conta os sentidos e significados, a subjetividade e a experiência que estes têm com a paisagem.

Por isso, fez-se necessário assumir um texto na primeira pessoa do singular, pois se trata de um estudo que valoriza os sujeitos envolvidos na pesquisa, incluindo quem realiza a investigação. De acordo com Sousa (2018)⁵, toda história é situada: quem conta uma história ou realiza uma pesquisa com bases fenomenológicas e humanistas o faz a partir do seu ponto de vista, de sua experiência, de onde fala, como fala, e essa situação precisa ser apresentada. Já Marandola Jr. (2019)⁶ adverte em aula quanto à necessidade de criar a situação e o caminho próprio ao escrever fenomenologicamente. Acredito que esse modo de escrever foi revelado com mais particularidade ao longo do texto, pois é um grande desafio se desapegar de todos os manuais de pesquisa que nos são apresentados ao longo da vida acadêmica e assumir uma maneira mais subjetiva e autoral de fazer ciência. Essa subjetividade que se confunde com a criação, com o autoral, é um desafio e, ao mesmo tempo, o que há de precioso em encarar um objeto espacial, a paisagem, como fenômeno. É a possibilidade de fazer um estudo mais aprofundado e com menos reprodução do que já foi feito na ciência.

Através das experiências de campo, evidenciei o que nos revelam as paisagens e a intersubjetividade no espaço livre de uso coletivo ao qual estão relacionadas. De acordo com Moreira (2002), as verdades são reveladas em sua forma essencial a partir do que cada pessoa experiencia, de como determinado fenômeno se apresenta para cada indivíduo.

Além das minhas percepções e com o objetivo de alcançar a experiência no outro (intersubjetividade) no parque, foram realizadas entrevistas com sujeitos

⁵ Sousa discorre mais sobre a noção de “situação” em sua tese: *Percurso historiográfico do campo disciplinar geográfico na Bahia e em São Paulo: contribuições da Universidade Federal da Bahia e da Universidade de São Paulo* (2015). Na tese, Sousa discute a noção de “situação” a partir de Milton Santos em sua obra *A natureza do espaço* (1996).

⁶ Eduardo Marandola Jr. apresenta fenomenologicamente a noção de “situação” como situacionalidade ou seres-em-situação, dando ênfase ao corpo na experiência geográfica, o que podemos relacionar também com a ideia de “circunstancialidade”. Todas essas ideias já foram apresentadas também por Marandola Jr. em publicações como, por exemplo, em *Lugar enquanto circunstancialidade* (2014).

frequentadores do espaço experienciado. A quantidade de entrevistas não foi pré-definida, pois a finalidade foi compreender como os sujeitos que estiveram dispostos a conversar percebem a paisagem do Dique do Tororó, se esses indivíduos percebem os demais e como ocorre essa percepção da paisagem e do outro, ou seja, dos seres em si e dos seres para si, “Existem dois e somente dois modos de ser: o ser em si, que é aquele dos objetos estendidos no espaço, e o ser para si, que é aquele da consciência.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 468).

Considera-se que espaços públicos podem existir com acesso restrito – escola pública, hospital público etc. – e com livre acesso – como as ruas, praças, parque e praias. Assim, vale destacar que a escolha do espaço para esta pesquisa restringe-se ao espaço de uso coletivo. Destacamos ainda que, baseado no interesse de apreender um novo aspecto a respeito do espaço livre de uso coletivo na metrópole soteropolitana, a categoria “parque” foi escolhida, visto que a categoria “praça” já havia sido estudada por mim na monografia de conclusão da graduação. As visitas de pré-campo também auxiliaram na certificação da escolha do parque urbano do Dique do na cidade de Salvador.

Desta forma, para esta pesquisa, a quantidade não é relevante, e sim a qualidade dos dados – experienciar dez espaços diferentes de forma rasa e rápida não seria interessante em um estudo de cunho fenomenológico. A escolha do espaço também é indício da minha situação e subjetividade neste trabalho, pois é um espaço já conhecido, habitualmente frequentado e experienciado diversas vezes; porém, de maneiras diferentes da proposta deste trabalho, minhas visitas ao Dique do Tororó tinham como objetivo o lazer e/ou a prática de atividade física, ações que também pratiquei e me ajudaram durante a pesquisa. O registro das paisagens com fotografias foi um auxílio na construção do texto final para proporcionar uma representação das paisagens aos leitores e essas fotos são realizadas de forma a mostrar ao público que está sendo feito o registro, sem parecer que é algo secreto ou escondido. A escolha das fotografias relaciona-se com o que foi vivido e experienciado por mim, como uma revisita de algo muito relevante no momento do trabalho de campo, é um modo de enfatizar o meu olhar. Essa é a posição metodológica que assumo enquanto pesquisadora, de acordo com as orientações de Barthe-Deloizy (2018) ⁷.

⁷ Essa citação refere-se à conferência proferida pela professora Francine Barthe-Deloizy na UFBA no ano de 2018, mas há também um artigo citado nessa dissertação no qual consta suas ideias aqui expostas: *Le corps peut-il être « un objet » du savoir géographique?* (2011).

Outra função das fotografias foi a de representar um exercício de percurso no parque, percurso esse que serviu como metodologia para extrair mais profundamente as minhas percepções, para dar vazão ao meu corpo sensível como instrumento de pesquisa geográfica. Esse momento do percurso foi baseado na leitura de Gordon Cullen (1996), que apresenta em seu texto as diversas imagens, sensações e emoções que a paisagem urbana pode nos causar a partir dos vários elementos que a constituem. Esse percurso, além das fotografias, foi representado por um mapa e o próprio texto que o descreve e serve como guia, principalmente para o leitor que não conhece o parque do Dique do Tororó. As fotos, o texto e o mapa desse percurso mostram que as possibilidades de representação na geografia são variadas.⁸

As paisagens percebidas e experienciadas por mim ocorreram a partir da escala considerada como da experiência do corpo humano, ou seja, um para um (1:1). A descrição ocorria no instante da experiência e era enriquecida posteriormente, baseada nas lembranças do momento vivido e em fotografias. O corpo tem papel relevante enquanto instrumento metodológico, como já citado antes. As descrições das paisagens auxiliaram na compreensão da intersubjetividade do espaço escolhido, pois constaram nas descrições todos os fenômenos revelados e experienciados. As descrições das experiências no parque e da sua paisagem são extremamente relevantes: Maurice Merleau-Ponty, afirma que as descrições, quando se estuda um fenômeno, precisam ser “a ocasião de definir uma compreensão e uma reflexão mais radicais do que o pensamento objetivo.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.489). É a partir dessa ocasião que eu poderia ir além do que o fenômeno nos apresentou e do que o pensamento objetivo, como afirma o autor, nos proporciona. As abstrações e relações reflexivas dos resultados de uma pesquisa fenomenológica são possíveis porque descrevemos o fenômeno estudado.

As entrevistas foram realizadas com o auxílio de um roteiro de perguntas que foi elaborado com base nas leituras que fundamentam o trabalho. Adverte-se que o roteiro não impediu, nem limitou, que a entrevista tomasse um rumo de conversa, como não impediu que fosse alterado ao longo da pesquisa. Para as entrevistas, foi utilizado um aparelho gravador para registro dos áudios previamente liberados pelos entrevistados e posteriormente autorizados em documento pelos mesmos. Após as entrevistas, foi

⁸ A variedade de representações do espaço geográfico e seus processos é um tema de discussão do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação do qual faço parte, o que muito me animou a registrar de alguma forma essa temática.

realizado um novo momento com os entrevistados que concordaram e permitiram que eu os acompanhasse por um tempo no momento em que estavam no Dique. Esse acompanhamento pretendeu compreender como acontece o uso, a apropriação, a estadia do entrevistado no parque, sem grandes interferências da minha parte. Apenas ao final do reencontro foi solicitado que o entrevistado relacionasse uma sensação ou sentimento a três principais elementos da paisagem, de repulsa ou de satisfação, comentando a experiência no Dique, daquele momento em que os acompanhei.

Com as etapas juntamente aos entrevistados concluídas, foi realizado um campo particular, como foi feito no pré-campo da pesquisa, agora inspirado metodologicamente no livro *Paisagem Urbana* de Gordon Cullen (1996), já citado anteriormente. A metodologia deste campo individual consistiu em dar uma volta no Dique do Tororó, percebendo e observando ao longo do percurso cada definição tratada por Cullen (1996), como a visão serial, o local, o conteúdo e a tradição funcionalista (função). Também se atentou para as aplicações de ponto focal, pés e pneus, pavimento, integração da árvore, desníveis, aqui e além e imediaticidade, que acredito constituírem a paisagem do parque urbano. As sensações, emoções que a mim tocaram foram consideradas ao longo do percurso que é apresentado no subcapítulo 3.2: “A MINHA PERCEPÇÃO”.

As etapas do desenvolvimento da pesquisa foram as seguintes:

- a. Pesquisa bibliográfica para elaboração da dissertação;
- b. Visita de pré-campo para certificação do recorte espacial a ser visitado e experienciado (um parque);
- c. Elaboração de roteiro de questões para entrevistados do Dique do Tororó (Apêndice A);
- d. Elaboração termo de autorização para gravação de voz (Apêndice B);
- e. Visitas de campo para experiência e realização de descrição e fotografias das paisagens e de entrevistas com os frequentadores dos espaços;
- f. Visitas de campo individual;
- g. Visitas de campo para segundo momento de acompanhamento dos entrevistados;
- h. Representação da localização e dos espaços públicos escolhidos;
- i. Sistematização e análise das descrições das paisagens;
- j. Realização da transcrição e análise das entrevistas;
- k. Escolha das fotografias;

- l. Elaboração de mapa de percurso e de localização;
- m. Elaboração do texto final.

Os instrumentos ou materiais utilizados nesta pesquisa são:

- a. Roteiro de visitas de campo e de entrevistas;
- b. Aparelho de celular para registros fotográficos;
- c. Aparelho de gravador para registros de áudio;
- d. Software Arcmap (versão 10.7.1) para elaboração de mapas;

Os procedimentos metodológicos – ou caminhos, como intitulei – não foram rigidamente definidos e engessados. No caminho, ocorreram retornos, reflexões e alterações. Novas ideias e intuições surgiram ao longo de uma pesquisa, como foi o caso do percurso individual, que foi pensado após o contato com a leitura de Cullen (1996) durante o curso de mestrado e a disciplina Tópico Especial Espaço Público e Paisagem ministrada pelo professor Angelo Serpa (2019a). Assim, o caminho foi experienciado e constituído ao longo da pesquisa. A Geografia Humanista, junto à fenomenologia, nos possibilita ousar e viver a pesquisa, e não foi desperdiçado esse privilégio para seguir padrões de manuais metodológicos de pesquisas. Aproveitei essa construção metodológica para pôr em prática as ideias que surgem no âmbito das reuniões do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação, do qual faço parte, ideias estas que abraço, me propondo arriscar com maneiras menos convencionais de se fazer ciência.

2 O DIQUE DO TORORÓ

O recorte espacial estudado nesse trabalho localiza-se na cidade de Salvador, situada no estado da Bahia. Esse espaço é brevemente apresentado a seguir e mais detalhadamente representado em narrativas descritivas resultantes da experiência em visita de pré-campo. Constatou-se, desde já, que a visita de pré-campo auxiliou na identificação de alguns aspectos como as práticas de atividades físicas, de lazer, de contemplação e as práticas relacionadas ao trabalho que ocorrem neste espaço.

O parque urbano⁹ aberto do Dique do Tororó, localizado em uma área de centralidade da capital baiana, tem como perímetro aproximado 2.600 km de calçamento que abraça a lagoa, dado que consta no calçamento do próprio parque. Em seu entorno, estão bairros como o do Tororó, Barris, Garcia, Engenho Velho de Brotas e Nazaré. Importantes avenidas estão nas adjacências, como a Vasco da Gama, a Mario Leal Ferreira (Bonocô) e o Vale dos Barris (onde está instalada a Estação da Lapa).

Segundo diversas narrativas o Dique já teve o seu tamanho e o volume de água bem maiores, é comum em conversas com os mais antigos, e até mesmo os sujeitos entrevistados dessa pesquisa, lembrarem das mudanças ao longo do tempo, como os aterros em alguns locais. O termo tupi “Tororó” vem da palavra “itororó” e significa pequena cachoeira, enxurro, bica d’água¹⁰, das águas do Rio Lucaia que corriam na cidade, mas que teriam sido represadas. Como também das fontes de água próximas ao Dique. As esculturas de oito orixás em suas águas são uma das características do parque¹¹.

⁹ “Parque urbano – é a área pública, dotada de atributos naturais parcialmente preservados, antropizados ou descaracterizados em relação às suas condições originais, parcial ou completamente urbanizada, destinada ao lazer ativo e contemplativo, à prática de esportes e atividades recreativas e culturais da população.” PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR – BAHIA GABINETE DO PREFEITO, LEI Nº 9.069 /2016 Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU 2016 e dá outras providências. p. 213. Acesso em 30 de Março de 2019.

¹⁰ De acordo com o site: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/itororo/>

¹¹ Essas esculturas são recentes na paisagem, foram colocadas com a última obra de requalificação em 1998.

FIGURA 1 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO PARQUE DIQUE DO TORORÓ E SUA CENTRALIDADE - 2020



FONTE: Elaboração Renata Silva e Fabrine Lima (2020).

FIGURA 2 - HABITAÇÕES DO BAIRRO DO TORORÓ REFLETIDAS NO ESPELHO D'ÁGUA DO DIQUE DO TORORÓ.



FONTE: A autora (2018).

É importante nessa pesquisa salientar a dúvida que gira em torno do tamanho da lagoa e do seu represamento ou não feito pelos holandeses. Em pesquisa bibliográfica no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (IGHB), buscando obras mais antigas que orientassem e possivelmente sanassem tal dúvida foram encontrados poucos registros sobre o Dique, a maioria dos livros fala muito bem da história da Bahia, do crescimento da cidade de Salvador, dos fatos históricos, mas para uma localidade importante, principalmente pela presença de água nas proximidades do centro da cidade de outrora, foi um árduo trabalho encontrar material que falasse apenas sobre o Dique do Tororó ou que lhe conferisse maior ênfase. Afrânio Peixoto (1946), no livro “Breviário da Bahia”, chama de “erro crasso” essa história dos holandeses terem represado as águas do Rio das Tripas, pois em apenas um ano – 1624 a 1625 – tempo que os holandeses estiveram em Salvador, não seria possível fazer tal represamento. Para Peixoto (1946), o Dique é um lago ou lagoa natural que recebia água do Rio das Tripas, Tororó e de outros riachos, com grande extensão e sinuosidade e, com o passar do tempo, as obras de aterros e canalizações foram diminuindo sua extensão.

Já o Dr. Silva Lima, na Revista Trimensal do IGHB de 1899, escreve sobre a lagoa ter sido habitat de jacarés, da fama de água com lodo que prendia quem ali caísse, conta também das águas servirem para banhar negros escravizados, cavalos e mais

famosamente para as lavadeiras praticarem seu ofício. O próprio Silva Lima (1899) crítica os documentos mais antigos de quando a cidade limitava-se à freguesia da Sé e a porção de água do Dique não era devidamente documentada, mesmo estando próximo ao antigo limite da cidade. O autor também comenta que na época da publicação, 1899, o Dique já tinha passado por aterros, mas necessitava de obras “d’arte” (arquitetura) para fornecer à população um lugar de lazer que ainda era escasso na cidade. Atualmente esse é o principal uso do parque.

Uma das fontes próximas ao Dique do Tororó é a Fonte do Tororó que hoje em dia é separada da lagoa pela via Presidente Costa e Silva que se estende até a estação da Lapa. A Fonte do Tororó fica numa pequena área cercada, como se fosse um anexo do parque, próximo à Superintendência de Obras Públicas (SUCOP) – órgão da prefeitura – mas são raras as vezes que o portão se encontra aberto. Além das várias funções e dos usos que os outros autores aqui já citados comentam, a travessia de uma borda a outra da lagoa são realizadas até hoje, além das pequenas rotas para a prática de oferendas nas águas da lagoa.

FIGURA 3 – ESCULTURA DOS ORIXÁS NA LAGOA E ESTÁDIO DA FONTE NOVA AO FUNDO



FONTE: A autora (2018).

O professor geógrafo Pedro Vasconcelos (2002), em seu livro “Salvador: transformações e permanências (1549-1999)”, comenta a importância do Dique do Tororó para as religiões afro-brasileiras, que contavam, e ainda contam, com as águas e a vegetação, material e simbolicamente relevantes para as oferendas dessas religiões. Essa relevância, como defendido por Vasconcelos (2002), é muito mais pela simbologia

e materialidade dos elementos naturais da água e da vegetação do que pelos monumentos dos orixás, que ali são mais utilizados para fortalecer a imagem turística da cidade do que a fé dos praticantes de religiões afro-brasileiras.

Rita Nogueira (2000) dedica todo um capítulo em sua dissertação de mestrado “Dique do Tororó: propostas e intervenções em um espaço público”¹² para tratar da polêmica sobre o represamento do Dique: a autora afirma que há quem acredite na versão de que o Dique foi de fato construído pelos holandeses e outra versão de quem contesta tal história. Baseando-se nas afirmações do historiador Cid Teixeira (1978 apud NOGUEIRA, 2000) constata a origem natural do lago, lago de vertente, apontando inclusive a polêmica em torno dos termos usados para denominar a porção de água do Tororó – lago, lagoa ou dique – mas não se atendo a ela, pois considera o que é mais comumente conhecido e usado. A única possibilidade de construção feita pelos holandeses diz respeito a uma localidade onde corria o Rio das Tripas (pela atual Baixa dos Sapateiros ou Avenida J. J. Seabra) próximo à Ladeira de Santana, à Praça dos Veteranos e ao Largo da Palma, onde se localiza o Quartel do Corpo de Bombeiros.

O trabalho de Nogueira (2000) descreve, ainda baseando-se nas falas de Cid Teixeira, que o Dique já era conhecido pelos governos desde os primórdios da cidade, quando os fortes do Barbalho e de São Pedro tomavam conta tanto do mar quanto da terra, incluindo a porção leste onde se localizava o Dique do Tororó em relação à antiga porção da cidade. É importante lembrar que, nas várias referências aqui citadas, algumas delas também citadas por Nogueira (2000), é comentado sobre a antiga extensão do Dique do Tororó, de aproximadamente 6 quilômetros, tendo os dois fortes citados anteriormente como extremidades dos seus limites. As águas que desaguavam no Dique são também citadas: as diversas fontes de água, o Rio das Tripas (que corria na Baixa dos Sapateiros), as águas do sangradouro na antiga Rua do Sangradouro (próxima à Ladeira dos Galés, atual Djalma Dutra) e o Rio Lucaia (que segue na Avenida Vasco da Gama); o Dique era, portanto, alimentado por tais cursos.

As diversas intervenções de aterros e vias também são mencionadas, como, por exemplo, para a construção do Estádio de Futebol Otávio Mangueira (Fonte Nova); essas intervenções foram responsáveis pela diminuição da extensão da lagoa. Nogueira (2000) fez uma busca histórica minuciosa para dar conta do seu trabalho, mas, ainda

¹² Trabalho científico que sugiro que seja consultado por quem tiver o interesse em saber mais sobre a história das transformações do Dique do Tororó. O trabalho de Nogueira (2000) encontra-se impresso na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

assim, afirma sobre a dificuldade de encontrar registros, documentos e mapas sobre as alterações que envolveram as águas da cidade de Salvador, inclusive não podendo afirmar com certeza o sentido que corriam tais águas. Além dos comentários de Cid Teixeira (1978 apud NOGUEIRA, 2000), é também citado Waldir Oliveira (1997 apud NOGUEIRA, 2000), bem como são lembrados, em algumas explicações acerca da topografia e da drenagem da cidade, os estudos de Célia Peixoto (1968 apud NOGUEIRA, 2000) e de Florisvaldo Falk (1976 apud NOGUEIRA, 2000), respectivamente. Nogueira (2000) conclui que o Dique do Tororó de origem natural e extensão original compreendia o antigo Rio das Tripas, fazendo parte de uma mesma bacia hidrográfica de captação: o rio era o maior receptor de águas de chuva e do lençol freático que mina água por meio das fontes de água próximas ao Dique, porém, as intervenções talvez tenham mudado o curso das águas.

Fez-se necessária toda essa explicação quanto ao Dique do Tororó, para se compreender e alcançar um posicionamento quanto à polêmica que talvez não tenha mais tanta força atualmente. A polêmica surgiu já como negação em um dos primeiros contatos com Reginaldo Filho, entrevistado, vendedor de água de coco no Dique do Tororó, que afirmou, em rápida conversa, que ele já havia assistido uma palestra que desmentia a construção da represa pelos holandeses.

Enfrentada, ainda que brevemente, a polêmica, o Dique do Tororó, mesmo com uso do termo “dique”, aqui é considerado como lagoa natural que passou por alterações, tendo sua paisagem também transformada ao longo dos anos. No entanto, é nas paisagens do presente, do tempo sincrônico, que me atenho para as demais descrições do parque.

2.1 ASPECTOS PERCEBIDOS DA EXPERIÊNCIA NA PAISAGEM

Apresento, então, uma experiência de pré-campo que realizei no dia 19 de setembro de 2018, por volta das 18 horas, em forma de narrativa:

“Caminho partindo da localidade onde existe uma pizzaria e restaurante famosos, me distanciando do estádio da Fonte Nova, e em direção a uma área de prática de atividade física, onde existem equipamentos e que pensei poder encontrar pessoas interagindo. Sigo na borda das águas do Dique, ao lado do bairro do Engenho Velho de Brotas, ando e escuto conversas entre as pessoas que fazem caminhada ao meu lado.

Escuto crianças no parque e deduzo que as pessoas que não estão vestindo roupas de ginástica estão retornando de um dia de trabalho.

Penso em buscar interações sujeito-paisagem, ela já ocorre, inclusive comigo. Atento-me ao corpo de crianças que brincam pegando folhas, pisando e sentindo a areia do chão do parquinho. Avisto um homem pescando, a vara de pesca é o instrumento que o faz interagir com as águas. Muitos corpos caminham pra lá e pra cá. Escuto o som dos pés calçados no concreto e conversas interrompidas a cada passagem. A paisagem está se constituindo a todo instante. Os automóveis que passam no entorno do parque também são percebidos como trilha sonora, uma música intensa. Observo pessoas sentadas, dialogando em um banco. As árvores e o jardim dão um tom agradável aos meus olhos até perceber algumas lixeiras quebradas. O céu é percebido com certa amplitude, a circulação de vento é muito agradável, as luzes das esculturas dos orixás chamam a atenção do meu olhar. Eu também chamo a atenção dos demais por estar escrevendo num papel, em um dos bancos do parque, o que penso que não é uma ação tão comum nesse espaço. Sendo percebida, me sinto ainda mais como parte da paisagem.

Os cheiros são múltiplos em alguns momentos e imperceptíveis em outros. O cheiro de pizza e de carnes assadas dos estabelecimentos no início da caminhada volta a minha memória e sinto vontade de comer. O cheiro de fumaça ou pneu queimado no asfalto me faz lembrar o trânsito que não cessa e que contorna o parque.

Troco olhares com uma mulher quando ela chama o filho que brincava no parque. Sinto meu paladar seco, sinto sede. Tenho a sensação de ser observada novamente e é incômodo, a priori, mas aos poucos é como se eu me acostumassem e, com o passar dos minutos, incorporo mais e mais a paisagem. Buzinas no trânsito quebram minha concentração. O verde se faz presente – é a cor que mais aparece: na vegetação, nos bancos e até nas placas. Mesmo à noite, penso que a água do Dique do Tororó é verde bem escura e não aceito que seja uma água negra porque o céu escureceu. Caminho em direção à área que possui equipamento para ginástica.

No trajeto, um cheiro de esgoto é reconhecido pelo meu olfato, bem como as edificações ao redor do parque, as árvores e seus largos troncos. Outro cheiro de comida se apresenta, esse vem do restaurante do outro lado da rua. Já na área de atividade física, me atento aos patos e gansos que flutuam na lagoa. É outro ponto de vista das águas do parque, mais abrangente, estou mais próxima das esculturas dos orixás. O estádio de futebol é o plano de fundo do que vejo. Resolvo sentar em um dos bancos próximos aos

equipamentos de ginástica e noto uma concentração considerável de pessoas, por volta de dez frequentadores, homens, mulheres, jovens, adultos e idosos. As pessoas conversam com seus pares, companheiros de exercício. A interação com a paisagem é por conta dos equipamentos de ginástica e bancos, como no meu caso, que contemplo a paisagem para esta experiência e outros que se exercitam.

Ouçoo conversas distantes. Um rapaz senta no banco ao lado do que eu estou sentada. Pouco tempo depois, outro rapaz se aproxima e cumprimenta o primeiro. Os dois são jovens, magros, negros, e deduzo que são moradores de algum bairro próximo. O rapaz que chegou por último se alonga e parte para sua caminhada. Uma interação me chama atenção, pois parece que os sujeitos envolvidos não se conheciam. Essa ocorre quando levanto para ir embora, quando uma senhora conversa sobre dieta alimentar e, de repente, ao passar próxima a um rapaz, ele sorri para ela, por achar graça, talvez, do que ela dizia sobre se negar a restringir sua alimentação e preferir os sabores das comidas. Encerro minha experiência de escrever o que percebo, mas sigo caminhando, pertencendo e percebendo a paisagem que habito e seguirei estudando.”

2.2 O CORPO ENQUANTO PAISAGEM

Nesse subcapítulo, no qual apresento o Dique do Tororó, é o momento em que alcancei alguns dos objetivos dessa pesquisa, como a identificação dos sujeitos do parque urbano, o modo como usam o parque e como se relacionam, por meio da minha observação.

São diversos os corpos dos sujeitos que compõem a paisagem do parque aqui estudado, paisagem esta resultante das inúmeras ações de tais sujeitos. E é de extrema importância caracterizar os corpos presentes no Dique do Tororó, tendo em vista a concordância com a ideia de Francine Barthe-Deloizy (2018) que se apoia numa ideia de que cada corpo que se movimenta carrega consigo mundos que são intersubjetivos, possuem uma forma, se espacializam diferentemente no tempo e espaço. Cada corpo no Dique possui idades, formas e cores variadas. Vestimentas e posturas diferentes. Cada corpo se movimenta e usa o parque à sua maneira. Portanto, cada indivíduo constrói a paisagem do Dique do Tororó com sua especificidade, mas, não sendo possível abarcar todos os corpos, busquei caracterizar alguns atributos similares entre corpos que foram unidos em grupos sociais, não para pensar numa paisagem diferente para cada grupo

social, mas para caracterizar as “tribos” presentes na paisagem estudada. Pois, como defende Deloizy (2018), cada corpo traz uma informação, cada corpo possibilita ser compreendido por meio dos marcadores corporais como: peso, músculos, altura, comportamento, vestimenta, gênero, etc. É uma tentativa através dos códigos dos corpos, de entender sobre os mesmos e a paisagem que habitam.

Nesse sentido, foram identificados alguns grupos sociais que constituem a paisagem do Dique: as pessoas em situação de rua, os contempladores da paisagem, os trabalhadores, os transeuntes, os pescadores e os praticantes de atividades físicas. Existem ainda grupos que não foram tão recorrentes nas minhas visitas de campo, mas que frequentam o Dique, como os turistas e as pessoas religiosas, ou povo de Axé¹³. Com certeza, aprofundando cada vez mais em cada grupo social, novas características iriam sobressair e novos subgrupos iriam aparecer, mas se atendo ao que foi possível identificar, esses são os seis grupos sociais que serão caracterizados e descritos a seguir.

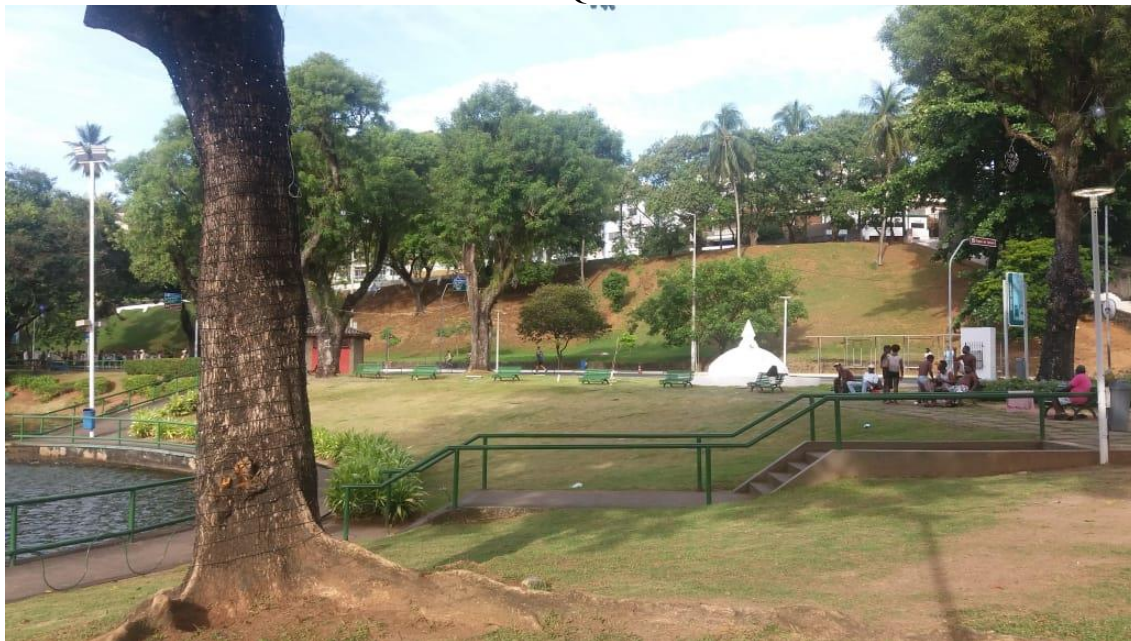
As pessoas em situação de rua são sujeitos que ocupam espaços específicos do parque, como os bancos próximos aos restaurantes na área próxima ao estádio de futebol, embaixo do viaduto Rômulo Almeida próximo à extremidade do vale dos Barris e em alguns bancos na lateral onde existem esculturas de orixás na calçada do parque, na proximidade da quadra do Bloco Apaxes do Tororó. O grupo de sujeitos da primeira localidade costuma ocupar os bancos ao longo do dia com baldes, roupas e outros pertences, nesta localidade o número desses sujeitos é considerável, por volta de dez pessoas ou mais. Já na localidade do viaduto, os sujeitos são mais vistos durante o dia, dormindo, enrolados em panos, com poucos pertences; à noite eles não ocupam o viaduto, imagino que seja por causa da exposição dos mesmos, então, eles aproveitam o movimento do dia para descansar; durante a noite, eles não ficam no local para não correr risco de vida já que a localidade fica numa curva perigosa podendo haver acidentes de carro, por exemplo.

Já a presença de pessoas em situação de rua da localidade próxima à quadra do bloco Apaxes do Tororó é menos frequente, ali não são encontradas todos os dias, mas na maioria das vezes ocupam esse espaço durante a noite com alguns pertences seus. A maioria dos corpos deste grupo social são negros, com vestimentas velhas, sujas, rasgadas. O odor dos corpos também os caracteriza, bem como a forma de se mover,

¹³ Utilizo o termo “povo de Axé” por ser o mais comum no cotidiano de Salvador quando falamos (de maneira respeitosa e até próxima) sobre as pessoas que cultuam e emanam sua fé nas religiões de matrizes africanas/afro-brasileiras: o termo tem a ver com o cotidiano, com a realidade geográfica da cidade.

falar alto e se apropriar dos bancos, como se fosse mesmo seus bancos, não bancos de todos os que estão no parque: há ali, certamente, a expressão de uma territorialidade.

FIGURA 4 – AO LADO DIREITO, PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NOS BANCOS DO PARQUE.



FONTE: A autora (2018).

FIGURA 5 – PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EMBAIXO DO VIADUTO RÔMULO ALMEIDA.

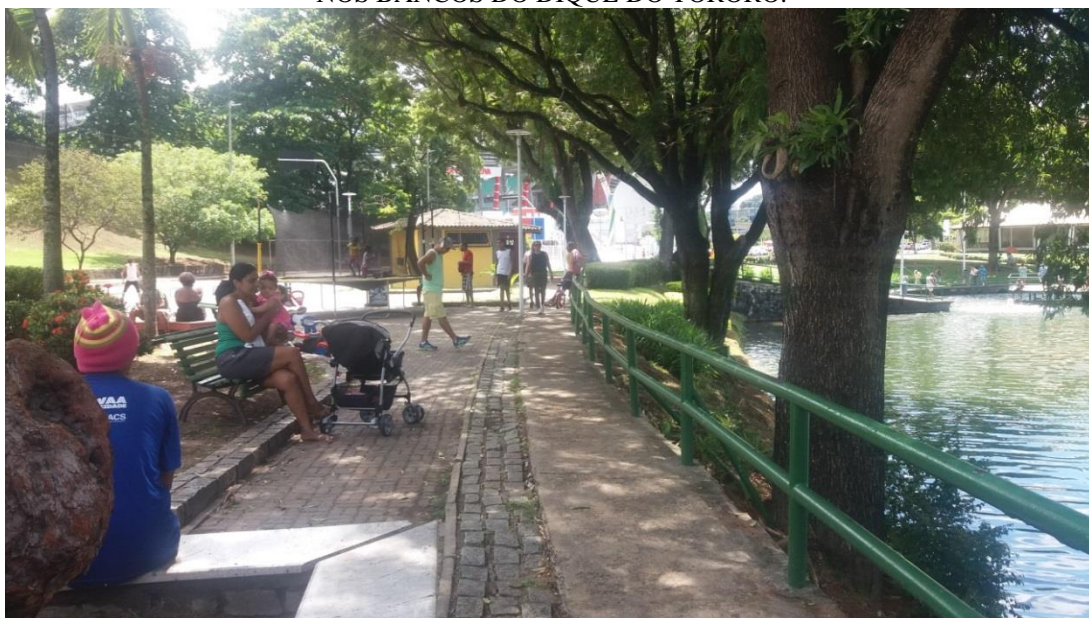


FONTE: A autora (2019).

Os contempladores da paisagem são as pessoas que não carregam muitas coisas nas mãos, mas que costumam ir ao parque e sentar-se nos bancos, passar um momento, caminhar um pouco, como um *flâneur*. Os casais de namorados, idosos e pais de crianças (que brincam nos parquinhos) estão englobados nesse grupo por não fazerem

parte dos demais grupos identificados. Estes sujeitos aparecem ao longo do dia. O período entre o fim da tarde e a noite são os preferidos dos casais e pais de crianças. Penso que pela manhã, o sol e o calor de Salvador façam com que o parque não seja tão atrativo para uma contemplação confortável da paisagem. Esses usuários usam roupas leves e confortáveis, alguns casais de estudantes têm como pertences cadernos, os pais das crianças costumam carregar brinquedos, bicicletas e sacolas com objetos de cuidado das crianças. A localização desses contempladores se dá na maioria das vezes onde há disponibilidade de bancos para sentarem, parquinhos infantis, ou outros ambientes de *playground*.

FIGURA 6 – PESSOAS CONTEMPLANDO A PAISAGEM E CUIDANDO DE CRIANÇAS NOS BANCOS DO DIQUE DO TORORÓ.



FONTE: A autora (2019).

Os trabalhadores formam um grupo com práticas diversas, mas todos usam o parque como lugar de seu ganha pão, as vestes também são leves, usam sandálias ou vestimentas mais específicas (como os que trabalham com limpeza e manutenção), e os objetos que podem carregar estão relacionados ao seu trabalho. Estes sujeitos costumam conversar, interagir mais com muitas pessoas, pois a maioria desses trabalhadores é constituída de comerciantes; assim, passam boa parte do tempo se comunicando com os colegas ou com os clientes. Esses comerciantes vendem bebidas (alcoólicas e não alcoólicas), picolés, pipoca, petiscos, algodão doce, entre outros tipos de lanches. Também têm os trabalhadores que alugam os pedalinhos, as varas de pesca, aluguel de patins, bem como o acesso a brinquedos infantis infláveis ou camas elásticas que são mais conhecidos como pula-pula aqui em Salvador.

Os corpos que trabalham no Dique de Tororó são em grande parte de pessoas negras. Também há expressão de territorialidades nas localidades onde há trabalhadores no parque e isso importa para a paisagem, serve como referencial. Como exemplos temos, as pessoas que trabalham na limpeza e manutenção do parque, os garçons dos dois restaurantes que descansam no entorno dos estabelecimentos; os vendedores de bebidas na proximidade do estádio de futebol; vendedores de pipoca; o vendedor da barraca de coco próximo à ladeira que liga o parque ao Jardim Baiano; os rapazes e moças, bem como crianças que vendem bala de gengibre na sinaleira da cabeceira próxima à Estação da Lapa; os policiais militares que fazem a segurança do parque; os homens que conduzem os barcos (mas que na maior parte do tempo jogam dominó); além dos trabalhadores menos frequentes, como os professores de atividade física e os ambulantes que ocupam o parque apenas no domingo, em dias de jogos de futebol ou shows no estádio (vendendo bebidas, comida, camisas de times e artistas e alugando brinquedos).

Estes sujeitos se localizam nas proximidades dos restaurantes, na extremidade do estádio de futebol. Outros ambulantes ficam próximos aos dois parquinhos infantis nas duas bordas da lagoa. Às vezes passa um ou outro ambulante, vendedor de picolé ou amendoim na extremidade do vale dos Barris. Mas não encontramos trabalhadores fixados, por exemplo, na localidade próxima ao posto de combustíveis e à quadra do bloco Apaxes do Tororó, nem na localidade próxima ao viaduto Rômulo Almeida.

FIGURA 7 – TRABALHADORES QUE CUIDAM DA LIMPEZA E MANUTENÇÃO DO PARQUE.



FONTE: A autora (2018)

As pessoas que apenas circulam no parque, não contemplam, não namoram, não trabalham, não se exercitam, mas que fazem do parque seu caminho são consideradas aqui como transeuntes. Esses sujeitos também variam em corpos, posturas, roupas e outras características. Porém, o que se afirma com mais certeza é que estes sujeitos aparecem em maior quantidade nos horários de pico, como pela manhã, entre sete e nove horas, ou entre o final da tarde e começo da noite, entre dezessete e vinte horas. Nestes horários de pico percebemos que são corpos que vão ou voltam do trabalho e passam pelo parque para começar ou concluir seu dia de trabalhador.

Esses corpos carregam mochilas, bolsas, andam apressados, sobem e descem dos ônibus e atravessam as vias do entorno do parque. Estes sujeitos que aparecem em maioria nestes horários já ditos configuram uma paisagem intensa, juntamente com os automóveis que circundam a lagoa nestas mesmas horas. É uma paisagem mais veloz, mais agitada, oposta à paisagem dos contempladores, das crianças, dos namorados. Aqui, constato que cada grupo de sujeito nos apresenta uma paisagem diferente, mesmo que de modo sincrônico.

FIGURA 8 – TRANSEUNTES NA EXTREMIDADE PRÓXIMA À ESTAÇÃO DA LAPA.



FONTE: A autora (2018).

Os pescadores fazem parte de um grupo não muito numeroso, são poucos os que pescam, talvez pela lagoa não ter mais tanto peixe assim, porém, este é um grupo muito específico. São homens, com idade (aparentemente) dos vinte anos até os mais idosos. Estes são corpos também predominantemente negros. Eles carregam as varas de pesca,

mochilas e às vezes bebidas alcoólicas. Eles ficam em pontos específicos do entorno da lagoa como próximos aos restaurantes e nas laterais. Um dos pontos laterais fica num *pier* próximo ao posto de gasolina e à quadra do bloco Apaxes do Tororó. Já outro ponto lateral é próximo ao viaduto Rômulo Almeida, ponto este onde atracam os barcos. Mas, ocorre também de encontrar pescadores em outros locais, mas não com tanta frequência como os já citados.

FIGURA 9 - PESCADORES NA BEIRA DA LAGOA, BORDA DO ENGENHO VELHO DE BROTAS.



FONTE: A autora (2019).

Por último, mas não menos importante, existem os praticantes de atividades físicas. Esses sujeitos são os mais numerosos e diversos no que se refere à cor, à forma e à postura corporal. São pretos, pardos, brancos, baixos, altos, crianças, jovens, adultos, idosos, gordos e magros. Estes indivíduos também ocupam a maior parte do parque e em todos os períodos do dia. Sempre tem alguém caminhando no Dique, seja pela manhã, na parte da tarde, à noite e até de madrugada (em menor quantidade e frequência). As vestimentas desses corpos são na maioria das vezes coloridas, leves, justas, como é o mais adequado para movimentar o corpo.

Os praticantes de atividade física podem estar sozinhos ou com mais pessoas. Os caminhantes e corredores percorrem todo o perímetro da lagoa ao menos uma vez, outros mais experientes com a atividade podem completar até três voltas. Encontramos também pessoas que jogam capoeira, dançam, fazem musculação nos aparelhos nas

localidades próximas ao restaurante *Habib's* e na extremidade do vale dos Barris¹⁴. Há quem ande de bicicleta ou patins, principalmente aos domingos, quando uma das vias é fechada para automóveis, ou à noite, quando o fluxo de gente diminui.

FIGURA 10 – PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA NA ÁREA PRÓXIMA AOS RESTAURANTES.



FONTE: A autora (2018).

Há ainda os grupos que não obtive êxito em me aproximar para realizar entrevistas, mas que também constituem a paisagem desse espaço. O povo de Axé é o que mais atíça a curiosidade, mas que, por outro lado, inibe minha aproximação, por respeito e para não intervir de maneira inoportuna nas práticas e nos rituais que costumam fazer nas águas e no gramado do Dique: são pessoas que costumava ver bastante, antes de iniciar a pesquisa, mas apenas três mulheres foram vistas nas minhas visitas de campo.

O povo de Axé, ou seja, que cultua religiões de matrizes afro-brasileira costuma se vestir de branco, as mulheres usam torço na cabeça, carregam sacolas com os elementos da oferenda (comidas, pratos, perfumes, flores, etc.); em geral, costumam ser rápidos e pontuais em seus afazeres religiosos no parque. Esses corpos aparecem já próximo ao ponto certo de onde farão o ritual, e, ao concluí-lo, logo saem e caminham

¹⁴ Neste espaço de musculação da extremidade do vale dos Barris não foi visto ao longo da pesquisa o uso dos aparelhos por mulheres, os sujeitos que lá se concentram são homens, as mulheres não ocupam este espaço de maneira significativa, é um paisagem marcada pela territorialidade do gênero masculino. Já ao fim da pesquisa, foram vistas em algumas vezes duas a três mulheres jovens se exercitando na área da academia, mas, ainda assim, sem uso dos aparelhos e de maneira mais recuada em relação aos homens que se espalham na área.

indo embora, não permanecendo por mais tempo. Penso que ainda por causa da discriminação e preconceito em torno dos rituais que ainda afligem a sociedade brasileira, mesmo que em momento algum tenha presenciado de fato situações assim no Dique do Tororó. Presenciei duas situações com o povo de axé: na primeira, uma mulher que estava na beira da lagoa, com flores, na borda do Engenho Velho de Brotas. Quando a avistei, estava fazendo uma das entrevistas, mas quando pensei em tentar um contato, ela já não estava mais no mesmo lugar, havia sumido; na segunda situação, presenciei duas mulheres mais velhas ao longe, agora na borda do bairro do Jardim Baiano, então, caminhei ao encontro das duas para mais uma tentativa, porém não tive êxito, pois as mulheres atravessaram a rua com pressa para conseguir pegar o ônibus que se aproximava. As tentativas de entrevistar alguém ligado ao Axé me acompanharam até o fim da pesquisa, mas sem sucesso.

Os turistas formam um grupo bastante comentado pelos entrevistados e que se espera estar presente no espaço do Dique do Tororó em considerável número, já que este parque é um ponto turístico. Um grupo de turistas que encontrei e não consegui contato estavam dentro de um ônibus de passeio pela cidade, na borda do Engenho Velho de Brotas, fotografando e admirando o Dique pelas janelas fechadas do ônibus.

Já os barqueiros, que foram citados no grupo de trabalhadores, é um coletivo de homens adultos e idosos que ocupam um *pier* na borda do Engenho Velho de Brotas; eles costumam jogar dominó e baralho até aparecer um cliente para atravessar a lagoa ao custo de dois reais, ou, para fazer oferendas, por exemplo, na bacia de Oxum: nesse último caso, o valor cobrado é maior. Estes homens são negros em maioria, vestem roupas simples como shorts, camisetas e sandálias de dedo. Tentei falar com eles, inclusive com a indicação de outros entrevistados, mas não obtive êxito também, nenhum deles aceitou, se recusaram no momento em que jogavam dominó; mesmo com a possibilidade de realizar a entrevista em outro momento, não obtive êxito. Ainda que em desagrado com o objetivo da pesquisa, ocorreu aqui uma comunicação e reconhecimento do outro, ou melhor, da não disposição para a troca comigo, mas sim para a vontade do lazer, do jogo, o que não deixa de ser uma manifestação da intersubjetividade.

A manifestação de territorialidades foi aqui citada e observada na paisagem do Dique. Penso que a paisagem do Dique não é a priori territorializável, mas sim que as relações sociais produzem (e reproduzem) os territórios manifestados na paisagem. Nesse sentido, concordo com o professor Angelo Serpa (2007 a) quando ele afirma que

“parece consensual que ‘identidades’ constroem-se sempre a partir do reconhecimento de uma alteridade. Isso, no entanto, só pode acontecer onde há interação, transações, relações ou contato entre grupos diferentes” (SERPA, 2007 a, p.20).

Ou seja, a territorialização, que é o processo de reconhecer-se igual aos seus e/ou diferente dos demais, mesmo criando territórios, só existe porque há interação, intersubjetividade, alguma troca e o reconhecimento do outro: mesmo que de forma não harmônica, mesmo que de maneira não tão direta ou frequente, o simples fato dos corpos se diferenciarem em vestes e comportamentos já revela o reconhecimento de nós e dos outros.

Esses são os principais sujeitos e os grupos sociais que pertencem e constituem a paisagem do parque. Ressalto que me identifico como participante dos grupos de praticantes de atividades físicas e de contempladores simultaneamente: uso e ocupo esse espaço urbano das duas formas e é também a partir desses pontos de vista que experiencio e percebo os aspectos importantes para a pesquisa.

2.3 O PARQUE AO LONGO DO DIA: USO E APROPIAÇÃO

O Dique do Tororó, como já mencionado anteriormente, é um parque urbano localizado no centro de Salvador, rodeado de bairros populares e importantes na cidade. Também já foram mencionados os variados tipos de frequentadores e, de certa forma, as maneiras como os mesmos usam e se apropriam do parque. Mas, se faz necessário detalhar e descrever ainda mais os fenômenos observados até porque para cada sujeito e sua maneira de constituir este lugar nos é apresentado uma (ou várias) paisagem (ns) distinta (s). Por isso, busquei olhar de modo mais minucioso o parque ao longo do dia.

Muito influenciada pela dimensão da visibilidade apresentada por Serpa (2007 a) e pela noção de escala-tempo procurei orientar novas experiências nas paisagens do Dique. A escala espacial, à qual me refiro nas descrições, está relacionada à escala da experiência humana, escala geográfica do fenômeno que experiencio, da escala pequena que compreende menores áreas até as grandes escalas que abarcam áreas maiores, quando considero a presença de turistas no Dique e a imagem turística do espaço. Ou seja, aqui não se trata de escala cartográfica. Mas o que mais ressalto aqui é a escala da minha experiência, do chão que caminho e dos metros de extensão que alcanço com os sentidos do meu corpo. Já a escala temporal a que me refiro nas descrições é a escala do

tempo imediato, da minha experiência momentânea, podendo ser relacionada hora ou outra a uma escala de tempo de longa duração, histórica, como quando comentei anteriormente sobre o passado e as transformações do Dique.

O Dique foi visitado por mim várias vezes, em horários e dias diferentes, de modo que presenciei, assim, paisagens diversas e por vezes dispare de um mesmo lugar. Na maioria das vezes que o visitei o tempo estava firme, não houve chuva forte; poucas vezes havia nuvens que resultaram em chuvas rápidas. No período matutino, até às oito da manhã, o Sol é amigável com os sujeitos que frequentam o Dique, a partir desse horário e até as quinze da tarde o Sol fica bem forte, só os mais ousados, acostumados ou necessitados circulam por lá nesse período. Já caminhei por um espaço curto do parque em direção à estação da Lapa por volta do meio dia e a sensação é bem sufocante, com todos os carros, poluição e barulho que se apresentam em volta neste horário. As habitações dos bairros ao redor parecem crescer e ao mesmo tempo nos prender com seus muros altos. Os trabalhadores e pessoas em situação de rua são os que se mantêm no Dique de maneira inalterada nesse período. Os demais grupos se apresentam em menor quantidade. O início da manhã é um dos períodos que mais encontramos os praticantes de atividades físicas e transeuntes, mais precisamente nos horários que antecedem a hora do trabalho.

FIGURA 11 – FLUXO DE PESSOAS POR VOLTA DAS 9:30HR DA MANHÃ.



FONTE: A autora (2018).

No período vespertino, como já antecipadamente mencionado, entre o meio dia e antes das quinze horas, só mesmo aqueles que trabalham, os que estão acostumados a

praticar atividades físicas, ou precisam transitar pelo parque são encontrados por lá. Com exceção do fim de semana, principalmente aos domingos, quando uma das vias é fechada para automóveis ou quando há eventos no estádio de futebol. Nestes dias específicos há sempre muita gente e de todas as idades aproveitando o espaço, principalmente para as atividades físicas e para o lazer. Os indivíduos andam nos pedalinhos da lagoa, fazem piqueniques (até mesmo com comemoração de aniversários), realizam ensaios fotográficos, entre outras atividades. Desde o mês de janeiro de 2019, um senhor canta e toca violão regularmente, próximo a pizzaria que fica na beira da lagoa. Nos dias úteis da semana a presença de pessoas cresce entre quinze e dezesseis horas. Mas, o maior fluxo é entre as dezessete e dezenove horas, quando todos os grupos estão presentes em consideráveis quantidades em todo o entorno do parque.

FIGURA 12 – PÔR DO SOL NO DIQUE DO TORORÓ.

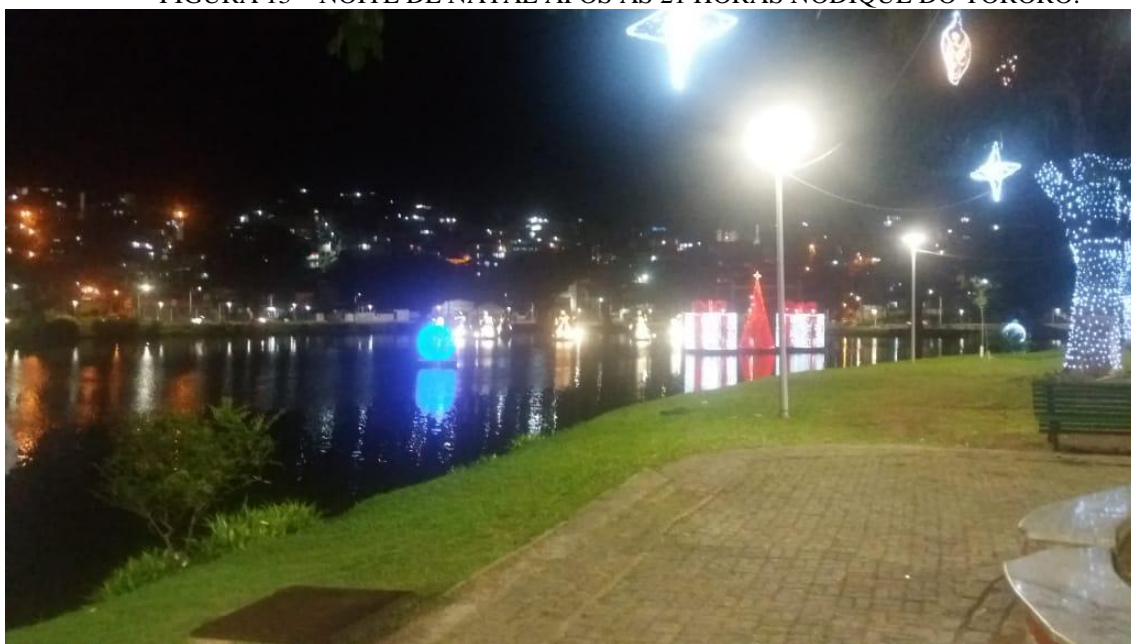


FONTE: A autora (2019).

Já nas noites do parque a quantidade de pessoas diminui conforme as horas passam. Até as vinte horas transeuntes, praticantes de atividades físicas, pessoas em situação de rua, contempladores, trabalhadores e até mesmo os pescadores são encontrados nas margens no Dique. Mas, a partir das vinte e uma horas, o parque começa a esvaziar, mesmo que nunca tenha presenciado um momento no qual não

houvesse ao menos uma pessoa se deslocando. Na noite de Natal de 2018, por exemplo, algumas famílias foram ao Dique ver a iluminação, crianças brincavam nos parquinhos, casais tiravam fotos com os enfeites natalinos que decoravam as águas. As paisagens que o Dique nos proporciona são mutáveis a cada momento, mas sempre cheias de vida e de gente.

FIGURA 13 – NOITE DE NATAL APÓS AS 21 HORAS NO DIQUE DO TORORÓ.



FONTE: A autora (2018).

2.4 O CORPO SENSÍVEL À PAISAGEM

Uma das motivações para realizar esse trabalho foi justamente uma experiência que tive ainda na graduação, quando, em um trabalho de disciplina, precisei buscar na memória um fato relacionado à Geografia que tinha vivido antes de saber que estava relacionado à ciência geográfica. Hoje, mais nítido do que antes, entendo que se tratava da geograficidade dardeliana ou ainda do que Letícia de Paduá (2017) procurou explicar no seu texto que nos orienta em direção a Geografia Humanista. Eu me perdi no centro de Salvador quando criança e achei a Geografia Urbana. Me perdi em referências locais, mas me orientei quando percebi, através do meu corpo, e da experiência desesperadora, de medo, de novidade, de não saber o que fazer, quando me vi sozinha em meio ao grande fluxo de pessoas e automóveis da Avenida Sete de Setembro e da

Praça da Piedade, no centro de Salvador. Era grande a agitação no fim de tarde de um dia de semana quente e as edificações me apresentavam todo o urbano que existia ali.

O ocorrido acabou bem, minha mãe me encontrou, eu cresci, cursei Geografia e aprendi as abstrações conceituais que são vividas diariamente por nós, mas nem sempre percebidas, como as teorias de centralidade urbana, processos que ocorrem no espaço da cidade, ou conceitos de paisagem e lugar. É a partir desse fato e da carga pessoal envolvida que busco apresentar a experiência da paisagem no Dique do Tororó.

É o corpo que possibilita que experienciemos, percebendo ou não a relação que temos com a terra, com o lugar, com a paisagem. É importante ressaltar que quando me direciono para estudar o parque urbano do Dique existem duas possibilidades de sentir a experiência: sozinha mais atenta e quando acompanhada por meu esposo há uma maior segurança no caminho para o parque e em seu entorno, pois não se pode negar o assédio que as mulheres sofrem nos espaços públicos da cidade. Em pontos específicos, como na ladeira que liga o Jardim Baiano ao Dique, há muito pouco movimento na maior parte do tempo, mas este é o caminho mais curto para chegar até o parque, quando estou acompanhada é muito mais tranquila a minha experiência enquanto sujeito pesquisadora; há também alguma tensão na extremidade do vale dos Barris, onde há aparelhos de musculação e onde se concentram muitos homens.

E se relato as sensações desagradáveis, na borda da porção do bairro do Tororó, há um trecho entre o posto de gasolina BR e a sede do bloco Apaxes do Tororó onde a vegetação é maior, o odor é forte e se concentram muitas oferendas já decompostas. Tudo isso faz do trecho, um trecho desagradável para os sentidos do corpo. A paisagem ali não é acolhedora, há um *pier* que geralmente concentra lixo, sacolas, redes de pesca, oferendas decompostas, infelizmente já foquei o olho até mesmo em ossos e patas de animais. O trecho do viaduto também não é nada agradável, há pouca iluminação e a falta de proteção na beira da lagoa ali em alguns momentos do dia traz a sensação de insegurança, abafamento e a primeira medida que se pensa em tomar é andar mais rápido. Pode-se dizer que as boas sensações acontecem mais vezes do que as ruins.

“É manhã do dia 14 de dezembro de 2018, logo quando desço a escadaria ao lado do estádio de futebol e atravesso a rua para caminhar me deparo com os comerciantes e praticantes de atividades físicas, esses são os sujeitos que saltam aos meus olhos, com mais um pouco de observação alcanço quem está em situação de rua mais adiante nos bancos, reunidos, conversando.

FIGURA 14 – CHEGADA AO DIQUE PELA ESCADARIA DO JARDIM BAIANO.



FONTE: A autora (2018).

Então, a lagoa se apresenta, a grama, as árvores, todos os equipamentos inseridos no parque pelas gestões dos governos, bem como os restaurantes: os cheiros que saem dos restaurantes constituem sempre uma deliciosa percepção. A mente imagina rapidamente pizzas e carnes. Mas volto ao foco da caminhada quando as pessoas surgem na minha frente e preciso então desviar o meu corpo dos outros corpos. A atenção no entorno do parque é importante, porque, além das pessoas e da lagoa estar próxima, temos um trânsito bem agitado em volta do parque. Inclusive é necessário explicar que na maioria das vezes que caminho, o faço no sentido contrário aos automóveis, pois já me disseram ser esta uma forma de garantir segurança, para poder se esquivar de um possível acidente ou carro em alta velocidade; mas percebo que a maioria das pessoas caminha no mesmo sentido que os automóveis que circundam o parque e isso me aflige um pouco. Também me questiono o porquê de tanta gente caminhar no mesmo sentido dos automóveis, já que não há uma regra para isso. Talvez o fluxo dos automóveis influencie no movimento das pessoas. O fluxo da maioria das pessoas e dos automóveis tem o sentido anti-horário.

FIGURA 15 – PESSOAS SURGEM NO MEU CAMINHO.



FONTE: A autora (2018).

Seguindo a caminhada, na borda da porção do bairro do Engenho Velho de Brotas (contrário ao sentido dos automóveis), sempre que vejo a Ladeira do Pepino me recordo de minhas avós e dos primos que cresceram ali, há um afeto pessoal que se manifesta por esse trecho. Outra lembrança afetiva se manifesta quando vejo crianças nos parquinhos. Sempre vem uma vontade de parar para olhar como elas brincam. Na continuidade do percurso, até a extremidade do vale dos Barris, me volto muito para os indivíduos que percebo (intersubjetividade) e penso como esses demonstram me perceber. Percebo também todo o trânsito, me encanto com as enormes árvores, admiro os bancos e as águas, as esculturas dos Orixás e os pedalinhos, que de certo modo me hipnotizam.

FIGURA 16 – PEDALINHOS ESTACIONADOS NAS ÁGUAS VERDES ESCURAS DO DIQUE.



FONTE: A autora (2018).

Dois lugares que gosto muito são, primeiro, um espaço com equipamentos de musculação em frente à lanchonete *Habib's*, que está sempre com gente se exercitando, e onde há uma faixa de pedestres com grande movimentação de transeuntes e onde tem até vendedor de tênis. Os patos e gansos do Dique também ficam nesse trecho. O segundo lugar que me encanta é onde ficam os barqueiros jogando dominó o dia todo no *pier* onde se localizam os barcos. Eu adoro ver que existem aqueles que apreciam o ócio boa parte do dia, ao contrário daqueles tantos que ocupam o Dique com pressa nos horários de pico e parecem não estar tão atentos para onde estão. É, para mim, uma paisagem *Carpe Diem* do Dique.

FIGURA 17 - ACADEMIA COM PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA E OS PATOS E GANSOS NA BEIRA DA LAGOA.



FONTE: A autora (2018).

Após o *pier* dos barcos e do jogo de dominó, o meu corpo sente uma necessidade de estar mais alerta, pois vai se aproximando do viaduto, onde há maior fluxo de carros na borda, isso é inclusive algo que faz meu corpo se conduzir para a beira da lagoa pois os *guard rails* são amassados por acidentes ocorridos por ali, afinal, penso que é melhor cair na lagoa do que ser atropelada. A iluminação nesse local é comprometida durante a noite. Logo após o viaduto e antes de chegar à extremidade do vale dos Barris, onde se concentram os homens numa área com equipamentos de musculação, há um trecho onde o odor também é bem desagradável: existem muitas pessoas transitando, pois, além dos praticantes de atividades físicas alguns transeuntes passam por ali, já que alguns ônibus abrem suas portas nesse local para as pessoas descenderem antes de chegar à estação da Lapa. O calçamento nesse trecho também é comprometido, há um desnível que dificulta a caminhada.

FIGURA 18 – PÍER DOS BARCOS.



FONTE: A autora (2018).

FIGURA 19 – VISTA EMBAIXO DO VIADUTO RÔMULO ALMEIDA.



FONTE: A autora (2018).

Quando se chega à extremidade do vale dos Barris a primeira coisa que se sente é o cheiro de urina, sim, muitos dos usuários dos equipamentos de musculação urinam nas plantas desse local ¹⁵. Ao mesmo tempo, o vento é considerável nessa “esquina” do parque. A área onde ficam os equipamentos tem areia como substrato e plantas no

¹⁵ O Dique do Tororó conta com banheiros públicos, construídos próximos aos restaurantes. Há também bebedouros de água.

entorno. O incômodo e insegurança são grandes e me impedem de parar nesse ponto, pois quase todas às vezes são homens que se apropriam dessa área.

Durante o dia e principalmente com o Sol forte, alguns jovens se arriscam no trânsito para vender doces, panos de chão e de prato ou água mineral entre os carros. Essa localidade é a base deles para deixar seus pertences ou descansarem. O meu corpo logo se distancia e segue agora na borda da porção do bairro do Tororó. Há um bom trecho sem pessoas nessa borda, desde a área de musculação dos homens, passando pelo posto de gasolina BR e a quadra do bloco Apaxes do Tororó, as pessoas só passam. Alguns poucos casais de namorados arriscam-se em trocar carícias atrás de algumas esculturas de Orixás que ficam no calçamento; ou alguns pescadores que se instalam nos *piers* desse trecho, mas na calçada é só um espaço de passagem e encontro de outros corpos.

FIGURA 20 – BORDA DO BAIRRO DO TORORÓ, SENTIDO FONTE NOVA, PRÓXIMO AO POSTO BR.



FONTE: A autora (2018).

Já na borda que se aproxima da porção do bairro do Jardim Baiano, espaços com bancos, *playground*, parquinhos e uma barraca de coco concentram muitas pessoas. No *playground* a que me refiro acontecem encontros de grupos que praticam capoeira e dança em alguns dias da semana. Pela manhã também encontramos pessoas praticando lutas e exercícios físicos em grupos. Seguindo a caminhada, voltamos à área onde ficam pipoqueiros, comerciantes, pessoas em situação de rua e os dois grandes restaurantes que se instalaram ali. Já observei que os policiais militares ficam na maior parte do

tempo próximos a essa área. Ainda não os vi ao longo das laterais e na extremidade do vale dos Barris.

FIGURA 21 – BORDA DA LOCALIDADE DO JARDIM BAIANO.



FONTE: A autora (2018).

Os modos de vida dos corpos que se apresentam, no parque, os sujeitos que ocupam e constituem o espaço de uso coletivo, os riscos, as belezas, os cheiros agradáveis ou não, as ausências, as presenças constantes se unem e se revelam a mim. É assim que o fenômeno paisagem se apresenta, é assim que meu corpo é interface entre fenômeno e consciência (geográfica).”

Frequento o parque desde pequena. Como trabalho de campo para a pesquisa, mesmo quando não me insiro na paisagem, eu a vejo quando me desloco em algum automóvel. O Dique me traz as ideias de movimento, água e verde. As pessoas são essenciais para essa paisagem, eu as percebo a todo momento e percebo quando elas me percebem. A intersubjetividade acontece como sociabilidade. Me comunico com o vendedor de coco ou de pipoca. Em situações específicas troco poucas palavras por educação e cordialidade com alguns transeuntes ou praticantes de atividade física. Eu sou parte dessa paisagem, eu a construo quando caminho, quando a percebo, quando sinto os cheiros e sons. Eu a produzo a cada passo que dou no calçamento ao longo do tempo que frequento o parque.

De acordo com Francine Barthe-Deloizy (2018), é a partir da espacialidade do meu corpo que consigo me relacionar com todos os elementos da paisagem citados no relato anterior e é também por meio dele que interajo: o meu corpo é a mediação com o

mundo, com a paisagem e com o outro. Assim, também concordo com a afirmação de Barthe-Deloizy (2018) quando a autora defende que o corpo é o meio de ser no mundo pelas experiências singulares que são situadas e únicas. As respostas do meu corpo referentes à paisagem do relato anterior mudaram nos relatos seguintes, pois, como a paisagem é processo, o corpo também o é.

O próximo capítulo apresenta a continuidade das experiências de pesquisa: as entrevistas com os frequentadores do Dique do Tororó, um novo percurso individual (representado em texto, fotos e mapa), o reencontro com alguns dos entrevistados e novas reflexões.

3 A EXPERIÊNCIA NA PAISAGEM E COM O OUTRO

A experiência na paisagem do Dique do Tororó e com os frequentadores do parque aconteceu desde o primeiro dia em que o visitei com o propósito da pesquisa de mestrado, no pré-campo. Foi quase um ano de visitas de campo no Dique, pois desde novembro de 2018 foram realizadas visitas pelo menos uma vez na semana, nem todas foram datadas, muitas vezes não estavam à minha disposição instrumentos para registros, mas foram muitas visitas já que o parque fazia parte da minha rotina de caminhada, que ali realizava, durante a prática de atividade física. As visitas foram feitas em diversos horários e dias da semana, em diferentes estações do ano, com tempos e intempéries naturais variadas. Experimentei o sol ardente, o mormaço, a chuva fina e a chuva mais forte que me fez abrigar embaixo do viaduto para me proteger. Quando não o experienciava de maneira muito presente e direta, eu sempre passava em torno da lagoa, dentro do ônibus, do carro, a caminho de algum lugar ou retornando para casa. Para apresentação de algumas das visitas realizadas, o quadro abaixo mostra registros de algumas das visitas de campo que foram datadas, ou por causa das entrevistas ou por causa das observações e descrições feitas no caderno:

QUADRO 1 – DATAS DE VISITAS DE CAMPO REGISTRADAS

Data	Ações
14/11/2018	Observação / descrição
24/12/2018	Observação / descrição
25/03/2019	Entrevistas – observação / descrição
31/03/2019	Entrevistas – observação / descrição
07/04/2019	Entrevistas – observação / descrição
19/04/2019	Observação / descrição
20/04/2019	Entrevistas – observação / descrição
21/04/2019	Entrevistas – observação / descrição
24/04/2019	Entrevistas – observação / descrição
27/04/2019	Entrevistas – observação / descrição
31/05/2019	Entrevistas – observação / descrição
31/07/2019	Observação / descrição
01/08/2019	Entrevistas – observação / descrição
11/09/2019	Percurso Individual / observação / descrição – Segundo momento com entrevistadas
15/09/2019	Observação / descrição – Segundo momento com entrevistado
30/12/2019	Observação / descrição
31/12/2019	Observação / descrição

Fonte: Autora (2019).

Foi um longo período em contato com o parque, em alguns meses a exemplo de junho de 2019 a visitação foi em menor quantidade, por conta das chuvas na cidade de Salvador que impediam a visita, já que o parque é a céu aberto¹⁶. A partir de outubro de 2019 as idas ao parque foram ficando mais escassas por causa da necessidade de escrever o presente texto. Ao longo desse período de visita de campo a paisagem do Dique mudou muitas vezes, a vegetação cresceu e foi podada. Houve mais pessoas ou menos a depender do horário do dia, ou do tempo. Equipamentos foram destruídos e consertados. Novos monumentos apareceram (como o Berimbau que serviu de relógio para a contagem regressiva da Copa do Mundo de 2014 e que agora rende homenagem a Moa do Katendê¹⁷).

¹⁶ Importante lembrar que a maioria dos parques públicos de Salvador não possui abrigo para chuva. A ideia de impedir que pessoas em situação de rua se abriguem nessas estruturas é uma possibilidade para essa ausência, já que no caso estudado, é embaixo do viaduto que tais pessoas se abrigam na maioria das vezes.

¹⁷ Mestre de percussão e morador do bairro do Engenho Velho de Brotas assassinado em 2018 por questões políticas segundo notícias da mídia.

São diversas as transformações da paisagem do Dique. E essa paisagem, ou essas, só ocorre porque há experiência com o outro. Este capítulo apresenta a experiência dessa paisagem a partir do encontro com o outro, nas observações de campo e nas falas dos entrevistados. A própria entrevista como metodologia de pesquisa já é em si o fenômeno da intersubjetividade. É necessária uma aproximação, uma interação, a fala, o contato ao menos das mãos, a troca de olhar e atenção no falar e nos gestos dos entrevistados. A entrevista é um momento de intersubjetividade na paisagem. E foi notada com curiosidade pelos demais sujeitos que transitavam, já que utilizava o gravador e questionários como equipamentos/instrumentos.

3.1 O QUE NOS DIZEM AS ENTREVISTAS

Conforme já dito nesse trabalho, as visitas de campo aconteceram praticamente ao longo de um ano, com visitas em períodos e dias variados. As entrevistas ocorriam sem agendamento prévio, pois a ideia era que elas acontecessem espontaneamente como ocorre numa interação e que fossem também um fenômeno que se apresentasse de acordo com a vontade dos sujeitos abordados para a entrevista. Também não havia uma quantidade de entrevistados a ser alcançada, assim, a partir do momento em que as repostas fossem se tornando repetitivas ou parecidas seria concluída a etapa de entrevistas. Foram dezenove entrevistados que faziam parte de grupos sociais diferentes. É necessário apontar que os praticantes de atividade física foram maioria. Isso se justifica porque o parque tem como finalidade em seu espaço e mobiliários o lazer e a prática de atividade física. Os entrevistados são apresentados no Quadro 2:

QUADRO 2 – CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS

Data de realização	Nome	Idade	Ocupação	Grupo Social	Bairro onde reside
25/03/2019	Elvídio Conceição	64 anos	Vendedor de bebidas	Trabalhador	Dique Pequeno
25/03/2019	Josilene Oliveira	40 anos	Auxiliar de Secretaria Escolar	Praticante de Atividade Física	Garcia
31/03/2019	Diego Martinez	39 anos	Arquiteto	Praticante de Atividade Física	Vila Laura
31/03/2019	Roque	38 anos	Feirante em na Feira de São Joaquim	Pescador	Alto do Cabrito
07/04/2019	Ingrid Miranda	21 anos	Estudante	Praticante de Atividade Física	Liberdade
07/04/2019	Reginaldo Filho	47 anos	Historiador/Comerciante	Trabalhador	Garcia
07/04/2019	Itana Costa	37 anos	Assistente Social/Advogada	Contempladores da paisagem	Bomfim
20/04/2019	Lourival Ferreira	40 anos	Trabalha na pizzaria	Trabalhador	Sete Portas
20/04/2019	Anildo Araújo Cassimiro	40 anos	Policia Militar	Trabalhador	Mata Escura
20/04/2019	Elaine de Almeida	28 anos	Estudante	Praticante de Atividade Física/Contempladores da paisagem	Engenho Velho de Brotas
21/04/2019	Samuel dos Santos	21 anos	Estudante	Transeunte (torcedor)	Garcia
21/04/2019	Sandy Ferreira	33 anos	Enfermeira	Transeunte (torcedor)	Brotas
21/04/2019	Maria das Neves	56 anos	Serviços Gerais do Dique	Trabalhadora	Dique Pequeno
24/04/2019	Douglas Ferreira	27 anos	Artista / Faz “bicos”. ¹⁸	Pessoa em situação de rua	Situação de Rua
27/04/2019	Gildevan Rocha	33 anos	Padre	Praticante de Atividade Física	Barris
27/04/2019	Tawan de Oliveira	24 anos	Estudante	Praticante de Atividade Física	Tororó
31/07/2019	Janaíra da Silva	50 anos	Funcionária Pública	Transeunte	Liberdade
31/07/2019	Rosemeire Pereira	36 anos	Técnica em Enfermagem	Contempladores da paisagem	Engenho Velho de Brotas
01/08/2019	Bruno Almeida	28 anos	Historiador	Praticante de Atividade Física	Tororó

Fonte: Autora (2019).

Saliento que em algumas entrevistas a conversa se define melhor como um diálogo, pois muitas vezes o sujeito se torna mais acessível e à vontade para falar, sem as práticas de uma entrevista muito padronizada e que segue o roteiro perfeitamente. Foi o caso de Roque, pescador, que, mesmo desconfiado em falar sobre seus dados, passou

¹⁸ Bicos é como são popularmente chamados os serviços que são feitos para ganhar dinheiro sem vinculação empregatícia.

quase meia hora comigo conversando sobre sua prática no Dique e a importância da lagoa para ele.

FIGURA 22 – ROQUE MOSTRA OS PEIXES QUE CONSEGUIU NA LAGOA DO DIQUE.



Fonte: Autora (2019).

Outro ponto importante foram os torcedores do time de futebol Esporte Clube Bahia, que foram agrupados como transeuntes, pois mesmo que sejam encontrados em dias de jogos no estádio da Fonte Nova e se localizem, na maioria das vezes, próximos aos restaurantes e ao estádio, são sujeitos que estão no Dique de passagem, aguardando o jogo começar. É importante dizer também que a entrevista tomou característica de conversa e foi uma conversa que reverberava os corpos desses sujeitos torcedores: eufórica, agitada, movimentada. Em meio a tantos torcedores na movimentação para ver o jogo, Samuel e Sandy foram os que aceitaram falar. E foram as entrevistas mais difíceis de serem feitas. Na verdade, tornou-se conversa, uma vez que a agitação dos corpos dos entrevistados não permitia concentração da parte deles e foi necessária uma adaptação, perguntas mais diretas e curtas. E foi exatamente toda agitação, euforia e dificuldade nessas entrevistas que me fizeram considera-lás nessa pesquisa que trata dos fenômenos da intersubjetividade e dos corpos na paisagem. Corpos esses que se comportaram diferentemente, conforme a paisagem e os demais fenômenos que ocorrem e os influenciam. A seguir uma pequena descrição desse momento:

“Final do Campeonato Baiano de 2019, Esporte Clube Bahia contra Associação Desportiva Bahia de Feira. A diferença da torcida dos dois times se evidencia na

paisagem daquela tarde, principalmente com a quantidade de torcedores que é majoritariamente do Bahia da capital, isso é perceptível nas vestimentas das pessoas. A roupa que as pessoas carregam em seus corpos têm as cores e o escudo do time. Há mais policiamento, mais ambulantes, há mulheres, crianças e muito mais homens.

Muita gente está no *pier*. O dia de jogo foi uma tentativa de fazer entrevistas, consegui conversas resumidas. Foi necessário reformular questões, reduzir, atentar-me mais para os corpos e comportamentos. Foi de grande relevância perceber que a paisagem é outra nos dias de jogos, tanto para mim quanto para os entrevistados. A maior concentração de pessoas está na localidade próxima aos restaurantes, em frente ao estádio de futebol. As muitas negativas para a entrevista me causaram certo incômodo, juntamente com o barulho de som e conversas e dos ambulantes vendendo. Era outra paisagem, outro espaço, era o espaço do jogo de futebol.”

Os sujeitos que frequentam o Dique há mais tempo são também os que moram mais próximos, trabalham no espaço ou frequentam o parque cotidianamente como é o caso de Josilene, Lourival e Rosemeire, que conhecem o Dique há 15 anos e moram respectivamente no Garcia, Sete Portas e Engenho Velho de Brotas. Dona Maria mora no Dique Pequeno, localidade do Engenho Velho de Brotas, desde 1985. Bruno, por ter nascido e sido criado no bairro do Tororó, diz conhecer e frequentar o parque desde a sua infância, há mais de 25 anos. Reginaldo tem sua barraca de coco e mora no Garcia, conhece e frequenta o Dique há 21 anos. Por sua vez, Douglas, pessoa em situação de rua, que se diz morador do Dique, está nessa localidade há 8 anos. Os demais sujeitos entrevistados conhecem o parque há menos tempo, frequentam menos vezes e moram mais distantes. Roque, apesar de morar no Alto do Cabrito, também conhece o Dique desde pequeno por ir com o seu pai à lagoa para pescarem juntos. “No mínimo, no mínimo já tem uns vinte anos que desde pequeno eu venho aqui.” (Roque, pescador, 31/03/2019). Já outros não são tão assíduos no parque, como é o caso de Itana, moradora do Bonfim: “É muito raro parar e sentar. Venho assim duas vezes por ano, não venho muito não. Conheço desde que inaugurou a nova etapa do Dique.” (Itana Costa, contempladora da paisagem, 07/04/2019).

Os motivos que atraem os entrevistados para o Dique na maioria das vezes têm a ver com as práticas que eles realizam e o grupo social que identifiquei e caracterizei no capítulo 2. Em algumas situações um sujeito acaba fazendo mais de uma prática, como Lourival, que trabalha na pizzaria, mas quando pode pratica atividade física:

Eu venho porque eu trabalho aqui e de manhã eu corro, ando por aqui. Eu moro na Sete Portas. Não ando todo dia não, porque tem dia que eu pego oito horas da manhã aí não posso não, agora quando eu pego dez horas, aí de manhãzinha acordo cedo e venho dou uma andada vou pra casa, depois volto de novo pra vir trabalhar. (Lourival Ferreira, trabalhador, 20/04/2019).

A composição dos elementos naturais da paisagem do Dique também é muito citada como um motivo de atração: “E tem essa parte natural né? Que nem em todo lugar a gente tem.” (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019). Ou ainda: “O ambiente mesmo, o ar, gosto do verde, é pra contemplar, faço atividades também.” (Rosemeire Pereira, contempladora da paisagem, 31/07/2019). E Josilene diz: “Tem uma área verde considerável e tudo. A lagoa é muito bonita, gosto muito daqui.” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

A maioria das pessoas entrevistadas (e a partir das observações de campo) realiza seus percursos no sentido Jardim Baiano - Tororó - Lapa - Engenho Velho de Brotas, principalmente os praticantes de atividade física. Além disso, a maioria dos praticantes de atividade física realiza pelo menos uma volta em torno da lagoa.

3.1.1 Dique do Tororó: um espaço livre de uso coletivo

Os questionamentos feitos aos sujeitos da pesquisa não tinham uma resposta certa ou errada e nem um fundamento ou explicação *a priori*. As indagações tinham como objetivo entender como os sujeitos compreendiam tal espaço e sua paisagem, a partir do conhecimento desses indivíduos. Uma das provocações era sobre a descrição do parque e se eles o consideravam como um espaço público, no sentido de ser livre e de uso coletivo. Os entrevistados descreveram o espaço como um parque, como uma área de lazer e prática de esporte, mas também como local de turismo e trabalho.

Eu acho que é uma lagoa, um espaço de plantas, de matas, ao redor, né? [...] Aqui o Dique é muito atrativo, né? E tem aquelas estátuas, que chamam muita atenção, principalmente dos turistas e também da gente, moradores da localidade. E outras coisas também, esporte o pessoal vem muito pra isso, pra fazer esporte, caminhada, crianças também nos parquinhos [...] Sim, espaço público, gratuito, espaço público seria, a gente não paga para entrar, para usar, então, pra quem quiser usufruir e saber usufruir, pra manter também. (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019)¹⁹

¹⁹ Na fala de Janaíra indentifica-se a “relação dialética entre a consciência e a matéria, relação criadora das imagens poéticas.” (SOUSA, 2011, p. 121,.) ou ainda a sedução subjetiva de alguns elementos da paisagem, no caso do Dique: a lagoa, as plantas, matas e estátuas. Sousa aprofunda mais estas ideias, baseado nos escritos de Gaston Bachelard, em *Orla Oceânica de Salvador: Um mar de representações* (2011).

Já Rosemeire responde: “Eu não tenho muito um conhecimento a fundo, mas eu diria que é um espaço público pra área de lazer e é conhecido também como um ponto turístico. [...] Tipo que não é cobrado nenhuma taxa da gente pra ter acesso aqui.” (Rosemeire Pereira, contempladora da paisagem, 31/07/2019). Todos os entrevistados entenderam que sim, o Dique do Tororó é um espaço público, justamente por ser um espaço livre, aberto ao público da cidade, para todos que passam e estão ali, servindo a todos; não havendo para esses sujeitos o conhecimento do espaço público enquanto espaço da esfera pública, do diálogo e da negociação, do uso da razão pela comunicação como defende Jurgen Habermas (1984).

Para os entrevistados, o espaço público é o espaço do que é publicizado, das ações públicas, aos olhos de todos, e, principalmente, da gratuidade do acesso, da ausência de barreiras simbólicas e físicas como explica Serpa (2007 a). “Ah acho que público é tudo aquilo que favorece a população em geral né?” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). Alguns entrevistados afirmam que é um espaço público pelo livre acesso, independentemente da prática que seja realizada pelos frequentadores do parque:

Bom, é... eu acho que o Dique do Tororó é um espaço público para as comunidades que estão aqui em volta dele, né?[...] O espaço público é quando você demanda uma área que seja de, digamos assim, usada por todo mundo, né? Pode ser a caráter de ser um espaço de lazer, um espaço de trabalho, um espaço cultural, não sei, onde todo mundo possa usufruir, tenha os direitos iguais de seu uso e principalmente o respeito. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

Reginaldo afirma que “sim! Espaço público é um espaço, todos os espaços que as pessoas têm acesso, né? Eu posso classificar como espaço público gratuito, tem espaços públicos que são pagos, mas o Dique não deixa de ser um espaço público e muito público por sinal.” (Reginaldo, trabalhador, 07/04/2019). Bruno também concorda: “sim! É um espaço de conveniência pra sociedade, para a população em si, como um todo. Para todos usufruírem desse espaço público. Espaço público é onde eu creio que todos podem usufruir dos bens, né? Do que proporciona.” (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019).

O espaço é de acesso livre, para os entrevistados não possui portas ou horário de funcionamento, bem como já citado anteriormente nesse trabalho, ou seja, a mesma ideia de público a que se refere Eric Dardel (2015): público por ser o espaço onde as coisas ocorrem à vista de todos, na presença de outras pessoas; público porque não há

paredes, algo que esconda o espaço, confirmando assim a nomenclatura: espaço livre de uso coletivo,

Sim, porque todo mundo tem acesso, sem distinção de classe, cor, gênero, faixa etária, situação financeira, é uma diversidade. **E para que serve um espaço público?** Diversão, lazer, estar sentado, ficar, olhar, observar, contemplando a paisagem, né? Tem o Pituaçu, o Parque da Cidade... (Itana Costa, contempladora da paisagem, 07/04/2019).

3.1.2 Percepções do Dique do Tororó

Sobre a percepção do Dique foi a pergunta que mais causou estranheza, não era algo esperado pelos entrevistados, gerando alguns silêncios iniciais para entender ou pedidos para explicar melhor a questão. O tema da percepção foi e voltou durante as entrevistas, a partir de algo deixado pelo sujeito em suas respostas, mas o objetivo principal era entender se os indivíduos percebiam algo no Dique, o que percebiam e o que era perceber para estas pessoas.

Para Diego, perceber é notar, entender, relaciona-se com identificação, e é necessário estar ali presente para perceber. Aqui, relacionamos a necessidade de ser-no-mundo, de ter um corpo especializado para determinada experiência:

Perceber é você entender, é você conseguir algo que seja notado. Algo que tenha uma identidade que seja notada. Acho que isso é perceber algo. Se é nesse contexto... **Como você percebe o Dique? O que você nota nele?** Local de contemplação. Não sei se você sabe, mas o Dique do Tororó, ele tem um cunho religioso, as pessoas daqui utilizam... ou seja, é onde você desafoga tudo, onde você deixa tudo, eu sei porque, eu, por exemplo, não sou da religião, não tenho nada a ver, mas eu já vi o pessoal fazendo manifestações religiosas aqui, ou seja, perceber é você entender que aquilo ali pra cada um tem uma identidade. Tem uma característica. **E de que forma você percebe, nota essas coisas?** Estando aqui, fazendo parte disso aqui, não adianta você passar por um momento, é você fazendo parte disso aqui, estando aqui. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019)

Anildo, policial militar, com sua visão de agente de segurança, percebe o descuido com a lagoa e a segurança pública:

Perceber? O que entende por perceber? Olhe, perceber é você elucidar diante de uma visão que você está tendo, é você perceber, desnudar aquilo que não se pode ver com o olho do senso comum, vamos dizer assim.[...] Percebo que aqui tá precisando de mais cuidados. Que tipo? Mais cuidado com o próprio Dique, com a água do Dique, é preciso ter cuidado com a questão da oxigenação, com a questão da poluição, do esgoto que se joga, né? Enfim, e assim, questão até de segurança, porque a gente faz a segurança aqui, mas percebemos que tem outras partes que ficam vulneráveis. E assim, seria interessante que houvesse mais segurança em outros lados do Dique. [...] nós

temos um perímetro aqui pra cumprir, a gente não faz a segurança do Dique completo, se eu não me engano são dois mil e seiscentos metros, quilômetros, né? E com isso não tem condições de um trio, nós geralmente somos em trio, fazer a segurança em todo o Dique. [...] Aí os gestores iriam ver as partes vulneráveis pra envelopar esses lugares. (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019).

Perceber, para Merleau-Ponty (2018), é um tema filosófico, mais do que o verbo enquanto classe gramatical, é um ato de um só golpe, que vem antes mesmo da observação. Mas, para Gildevan, a observação do que o rodeia é o ato de perceber, ou seja, o entrevistado trata da percepção enquanto verbo, ato de entender, observar, intuir. “É... Perceber é... Acredito que seja observar, né? A rotina aqui do Dique, algumas pessoas, os perfis diversos, é mais nesse sentido mesmo de observar, né? Os públicos que frequentam aqui este espaço.” (Gildevan Rocha, praticante de atividade física, 27/04/2019). São noções diferentes, mas é possível mediá-las, já que Merleau-Ponty e Gildevan, para pensar em tais noções partem da experiência corporal, seja na teoria do primeiro ou na articulação de ideias na resposta do segundo.

Reginaldo afirmou que perceber é notar e ainda comentou o não perceber relacionado ao não estar presente e atento aos elementos dispostos ao nosso redor e às formas de sentir a paisagem:

Não perceber é as pessoas que não vêm com aquele intuito de observar e acabam passando, não sentindo, mas que estão dentro do ambiente dessa paisagem que eles próprios não estão se percebendo. Não valorizam. E a não valorização ela se dá às vezes quando a pessoa está longe daqui. Aí como aquilo tá gravado na memória a pessoa acaba resgatando isso estando de outro lugar. Eu percebo isso porque eu tenho vários clientes que vêm do exterior pra cá e aí quando chegam aqui eles dizem pra mim “pô Regis senti tanta falta daqui e antes eu não valorizava”. Então, a questão do perceber é essa aí. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Mas aqui podemos refletir: se ficou na memória de alguém quando em dado momento esse alguém estava distante não é porque foi percebido? Mesmo que não havendo uma observação profunda, um juízo de valor, o ato de perceber, como Merleau-Ponty (2018) defende, aconteceu visto que, pode ser acessado na memória em momento posterior.

Muitos entrevistados comentaram o perceber através da visão. Mas, Bruno lembra os outros sentidos e a experiência de perceber a paisagem: “Os cheiros, se a gente fechar os olhos a gente vai poder sentir os cheiros, não tão limpo é verdade, mas o cheiro da grama, eu gosto muito de tocar nas plantas, de sentir o tato, porque agora eu tô de tênis, mas é bom está descalço, sentir a terra.” (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019). Já Rosemeire, que costuma sentar nos bancos do parque

no fim da tarde para contemplar a paisagem, percebe, por meio do seu corpo e de sua respiração, a poluição do ar, “percebo, acho que a depender do horário, que não tenha muitos carros nas ruas, eu acho um ar mais leve. [...] Respirando, por meio da respiração.” (Rosemeire Pereira, contempladora da paisagem, 31/07/2019).

3.1.3 A paisagem e os sentidos do corpo

Quando questionei sobre a paisagem quis entender melhor se os entrevistados viam paisagem, o que entendiam sobre paisagem, como percebiam tal paisagem e se os sentidos ajudavam. É relevante observar nas falas o quão os elementos naturais são preponderantes. O parque aqui tem sua paisagem como refúgio em meio ao centro urbano e, mesmo com um intenso fluxo de automóveis no seu entorno, os elementos naturais são os mais percebidos e referenciados na paisagem do parque. Uma vez mais identifiquei o quão importante é a visão para quem a tem. Os demais sentidos são lembrados quando eu os questionava um pouco mais. Infelizmente, não encontrei nenhuma pessoa com deficiência visual para questionar tal experiência.

Vejo, áreas verdes. O próprio lago, a lagoa em si. Oh, a paisagem é... [olha ao redor]... falando assim do Dique, né? A paisagem natural é uma paisagem muito bonita, conservada, é algo que se referindo ao Dique é uma paisagem natural, a natureza em si. [...] com os olhos [...] A ventilação do Dique é bastante agradável, tanto faz no verão ou inverno. É um espaço bem ventilado devido à área verde [...] É o que sente também! (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Diego responde:

[silêncio] Sim, eu acho que existe paisagem. [silêncio] paisagem pra mim é quando o ambiente, ele se adequa ao seu entorno. Quando ele faz parte, quando você vê nele o belo. Você vê nele é... Quando você vê nele coisas que te fazem admirar, né? Por algum motivo. O espelho d'água, as árvores que se preservam aí, enfim. É isso. **Esses elementos que você falou são os que mais te chamam atenção enquanto paisagem do Dique?** Sim, aqui no Dique sim, porque eu acho que você não encontra isso em nenhum outro lugar da cidade. **Se eu juntar as duas ideias: perceber e paisagem, o que seria perceber paisagem pra você?** Olha, eu gosto muito de perceber o Dique, principalmente quando eu tô voltando e vejo as imagens dos orixás com o Dique e você tem o espelho d'água juntamente com as árvores. Eu acho que você perceber isso tudo é você ter a identidade aflorada aí, é um elemento colocado pelo homem, mas eu acho muito legal, sabe? Essa junção é bem interessante. Tem a ver com a visão, mas tem a ver com a criação da identidade, eu me identifico aqui, já me sinto muito à vontade de vir aqui, por exemplo, e poder praticar esporte em qualquer lugar é você se sentir parte

daquilo ali. Acho que é assim. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).²⁰

Anildo diferencia a paisagem natural da paisagem construída:

Vejo paisagem, porque a paisagem, ela pode ser identificada de duas formas, seja natural, seja aquela que o homem tem influência, né? A gente percebe que quanto à paisagem. [silêncio, observando ao redor] Não tá muito aquém não. A paisagem do Dique é bacana, é um lugar bonito. (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019).

Samuel, torcedor do Bahia, sinaliza a mudança da paisagem em dias de jogos, a quantidade de lixo que aumenta significativamente, mas ele afirma que a paisagem do Dique o remete ao seu time do coração, a paisagem possui significados particulares para cada sujeito que a percebe. “É boa! Porque olhar pra aqui independente de Fonte Nova ou não eu lembro do Bahia.” (Samuel dos Santos, transeunte (torcedor), 21/04/2019). Já Gildevan é um dos que sinalizam na paisagem as esculturas dos Orixás. O entrevistado também afirma perceber as pessoas e, para ele, o indivíduo fará mais ou menos parte da paisagem conforme sua presença e assiduidade no espaço. Ele ainda comenta que percebe as outras pessoas por estar ali diariamente. A experiência diária com a paisagem do parque reflete o espaço vivido do cotidiano das pessoas. O cotidiano é um aspecto notado na fala dele e de outros entrevistados e que, mais adiante, será abordado nesse texto.

Bom, paisagem eu acredito que é tudo o que a gente consiga contemplar, interiormente e exteriormente também. Então, pra mim a paisagem, o Dique é natural, né? O lago, a arborização e também o detalhe dos Orixás aqui. [...] Sim, fazem, porque andando aqui diariamente eu costumo perceber os mesmos rostos, então, de certa forma é uma parte da paisagem, né? As pessoas que frequentam, me parece que são um público assim, fiel ao Dique. [...] Digamos que eu seja um dos últimos a fazer parte da paisagem. **Por que um dos últimos?** Porque eu acredito que tenha mais pessoas aqui com mais frequência, com mais tempo, então. Eu, apesar de morar aqui, viajo muito por conta dos trabalhos missionários, religiosos, então, eu acredito que existam outros que sejam mais frequentadores assíduos. (Gildevan Rocha, praticante de atividade física, 27/04/2019).

²⁰ Na fala de Diego Martinez ele descreve a paisagem a partir do belo, de uma estética agradável para ele. Gaston Bachelard, em seu texto “*A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*”, trata da beleza das imagens, da forma e da matéria. Para o autor, ancorado nos estudos psicológicos da Gestalt, nós “acreditamos ser fiéis a uma imagem favorita, quando na verdade estamos sendo fiéis a um sentimento humano primitivo, a uma realidade orgânica primordial, a um temperamento onírico fundamental.” (BACHELARD, 2002, p. 5) Ou seja, é possível, se consideramos tais ideias apresentadas pelo fenomenólogo Bachelard, que o belo, para Diego e para os demais entrevistados, seja um sentir mais particular, que já exista nos sonhos, na imaginação deles. Faz-se necessária tal lembrança, pois, mesmo tendo como principal teoria norteadora a fenomenologia da percepção, a fenomenologia da imaginação de Bachelard também “conversa” com a paisagem e o corpo que percebe e/ou sonha a paisagem.

Reginaldo comenta dos elementos naturais, mas também do social. Para ele a paisagem é a mistura do natural e do social, das pessoas que se movimentam:

A gente percebe o fluxo de carros, a gente percebe a natureza em si como as aves, algumas aves que elas migram pra cá em determinadas épocas como garças, né? Alguns patos, eu não sei a espécie deles, mas são várias coisas pra gente perceber, né? Eu não gosto de tocar muito no assunto, mas tem algumas coisas também desagradáveis... [...] O sentido natural mesmo porque, como eu frequento aqui diariamente, a paisagem, como eu falei, que envolve várias coisas tanto as questões sociais, eles fazem parte dessa paisagem, não fixos ali como as plantas e tal, os imóveis que rodeiam, que cercam o Dique e tal, as árvores que estão ali localizadas, mas eles frequentam diariamente, se colocam ali constantemente, então, a paisagem é uma mistura de tudo. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Sobre a percepção da paisagem, o entrevistado afirma que a paisagem é sim o que se vê. Mas, Reginaldo traz em sua fala uma confusão sobre os termos paisagem e ambiente. Para ele é o ambiente que pode ser percebido além da visão e não a paisagem:

Agora mesmo, na sexta-feira com aquela chuva que deu, o Dique ficou com aquele cheiro, no mar a gente fala que é maresia, no Dique ficou um cheiro meio assim de peixe, dessa vegetação daqui que beira o Dique. É um cheiro forte, o Dique tem cheiros, tem aromas também. Alguns dizem que tem energias também, a paisagem ela envolve a questão do aroma do Dique também, desse perceber os cheiros. [...] Da paisagem não. Eu não tenho o conceito de paisagem assim cientificamente falando, ao pé da letra. Paisagem pra mim é aquilo que a gente vê, aquele ambiente em si, o cheiro faz parte do ambiente na verdade. O cheiro, a energia que rola, mas a paisagem é o que a gente vê, é aquela forma, é aquela fotografia do Dique do Tororó em si como um todo. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Douglas, pessoa em situação de rua e que percebe bem as intempéries do parque por estar sempre exposto a elas, comenta do vento como parte da paisagem e do sentir como modo de perceber. Além disso, as pessoas, como ele, são parte da paisagem, “paisagem é as árvores, as árvores mais esse vento que bate, que passa como agora, entendeu? As pessoas também fazem parte delas.” (Douglas Ferreira, pessoa em situação de rua, 24/04/2019). Já Rosemeire afirma que uma pessoa com deficiência visual pode sim perceber a paisagem por meio dos outros sentidos, seja ouvindo alguém descrever tal paisagem, seja pelo tato ou olfato: “Acho que sim, através de alguém passando mais ou menos como é e através do tato, da respiração, que vai sentir que é um ambiente diferente, que tá mais arborizado.” (Rosemeire Pereira, contempladora da paisagem, 31/07/2019).

É uma paisagem muito requerida e aceita pelos entrevistados. Em diversas falas ao longo das entrevistas foi citada a importância de mais espaços com tal paisagem:

Ah, é a natureza, né? Acho que é nosso contato, nós como animais racionais nós também somos parte dessa natureza, né? Muitas das vezes, nosso cotidiano, nessa selva de pedra, trabalho, escola, eu sou evangélico, igreja,

nessa vida que nós temos, a gente acaba esquecendo um pouco disso, eu acho que as grandes metrópoles precisam ter lugares assim pra gente nunca tá esquecendo de quem nós somos, né? Da nossa essência. (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019).

3.1.4 Elementos da paisagem do parque

Todos os entrevistados citaram muito os elementos naturais da paisagem. Observando essa tendência, questionei diretamente sobre a vegetação e a lagoa, mas também sobre o trânsito do entorno. Questionei ainda o que, na opinião dos sujeitos, eles colocariam e/ou retirariam do parque.

É unanimidade que a lagoa e a vegetação são os elementos mais comentados e vistos com bons olhos, todos as acham importantes, se sentem satisfeitos com a presença desses elementos na paisagem. A lagoa é, para os entrevistados, o que Merleau-Ponty (2018) explica sobre a relação de um objeto e seu horizonte, “porque olhar o objeto é entranhar-se nele, e porque os objetos formam um sistema em que um não pode se mostrar sem esconder os outros” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.104). Os entrevistados comentam ainda que a lagoa e a vegetação proporcionam tranquilidade, calma, bem estar e conforto térmico.

Já o trânsito, apesar de ser intenso em alguns momentos do dia, não atrapalha a experiência de boa parte dos entrevistados no parque. Os entrevistados consideram o trânsito como parte da paisagem, sim, mas não tão importante: é como se o trânsito, que é algo comum numa cidade grande, perdesse a atenção das pessoas perante os elementos naturais que o parque oferece.²¹

Olha, no momento que você tá desfrutando daqui, não. Na verdade eu já esqueço, por isso, porque eu acho que o Dique já se comunica com tudo, é com as vias, é com a comunidade, é com seu entorno, é com tudo. Eu quando tô aqui praticando esporte eu já não consigo ver realmente o transporte que é intenso (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

Lourival também opina a respeito: “Não, não, não me incomoda não. É bom. Pelo menos quando a gente vai embora quanto mais você vê movimento de carro é bom que não faz medo.” (Lourival Ferreira, trabalhador, 20/04/2019). Para Gildevan, “faz parte, mas eu acho que não acrescenta, nem diminui, porque, mesmo que esteja

²¹ Novamente Bachelard (2002) e a relação entre imaginação e forma nos permite pensar que os entrevistados conseguem desconsiderar o trânsito na paisagem pela presença de elementos naturais. Podemos, então, relacionar tal ação da percepção a uma imaginação ou a um sonho primitivo do que é agradável para quem percebe a paisagem. Desse modo, ocorre uma sedução pelos elementos naturais, sendo mais agradável contemplar as imagens já antes sonhadas tendo em vista que o trânsito não é um elemento de sedução/atração.

próximo, não atrapalha muito o lazer das pessoas, é o que percebo por mim mesmo.” (Gildevan Rocha, praticante de atividade física, 27/04/2019).

Muitos acham o trânsito até favorável para a segurança, pelo movimento e pela presença de pessoas. Outros lembram que é perigoso nos horários de pico, principalmente para pessoas com deficiência de locomoção, crianças e idosos. “A depender de quem tiver andando, pra uma pessoa deficiente, uma criança, pode ser perigoso, porque o trânsito aqui é bem corrido e a população brasileira em geral não respeita muito.” (Tawan de Oliveira, praticante de atividade física, 27/04/2019). Por sua vez, Ingrid, Itana e Rosemeire comentaram que o trânsito não é tão bom para elas, pela poluição sonora e atmosférica: “Domingo é o melhor dia como eu te falei, hoje tá ótimo. Mas o trânsito atrapalha. [...] Com a poluição, o barulho.” (Itana Costa, contempladora da paisagem, 07/04/2019).

Sobre o que o parque necessita, a limpeza da lagoa é muito citada. Apesar de alguns constatarem que há manutenção por parte dos órgãos públicos, os entrevistados acham importante um trabalho mais efetivo nessa limpeza e na educação da população. Arelado à lagoa há o odor que é sempre lembrado como algo desagradável em alguns trechos do parque. O lixo, bem como a manutenção do calçamento, da vegetação e a plantação de mais tipos de árvores também foram comentados. A falta de segurança e infraestrutura, como banheiros, a manutenção do mobiliário e até mesmo as antigas placas de identificação das árvores que foram retiradas são lembrados pelos frequentadores do Dique:

a sujeira, eu queria isso aqui mais limpo, mas aí é uma questão de educação que vem das pessoas, aí é complicado. Eu vejo muita sujeira, toda vez que eu venho eu vejo que existe a manutenção, vejo sempre o pessoal resgatando as porcarias, mas é muita gente. Existe um desequilíbrio. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

“Como eu já tinha dito anteriormente, infraestrutura, melhora da calçada, o *pier* também, todos eles estão com as madeiras assim... dá impressão de que tá solta. E a limpeza também no lago que é visível, a água é suja.” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

a lagoa, o Dique em si, a gente percebe que ele precisa de revitalização, porque a lei, aí dentro é vida, né? Nós temos peixes, nós temos plantas aquáticas e é preciso ter cuidado, e aí a gente percebe que lá na parte exterior tem um esgoto que cai ali, não sei se é um rio que deságua, mas é esgoto e isso acaba mexendo na estrutura da paisagem, né? Porque fica uma coisa meio deformante, né? A gente vê uma paisagem num dia de sol de uma

forma e quando chove que alaga e inunda esses esgotos desaguam, a paisagem do Dique muda, né? (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019).

3.1.5 A paisagem do Dique do Tororó e seus sujeitos

As indagações que realizei também versaram sobre qual era a paisagem do Dique para os entrevistados. O estádio da Fonte Nova muitas vezes é o pano de fundo ideal para a paisagem do Dique do Tororó, segundo os sujeitos; trazendo para a paisagem “natural” um grande empreendimento construído artificialmente, algumas vezes, inclusive, deixando a lagoa de ser o pano de fundo, substituindo-a como foco principal da paisagem: “Eu acho que é esse ponto daqui da Fonte Nova. [...] De qualquer local que dê pra visualizar a Fonte Nova. Acho que é ponto mais atraente.” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). Ou ainda:

Olha, a paisagem mais legal que eu acho é de um ponto que a gente para, que o pessoal faz uns exercícios ali, mais ou menos nesse ponto, mas quando você avista os orixás e avista também o estádio da Fonte Nova, né? Que foi uma conquista aí eu acho muito legal, muito bonito. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

Para Janaíra: “Acho que a Arena Fonte Nova, né? Olhando para ela! A lagoa com a Fonte Nova atrás? É!” (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019). Mas há quem goste da paisagem como um todo, de todas as paisagens possíveis, “pra mim são todas, não tenho preferência, são todas boas. É tudo.” (Lourival Ferreira, trabalhador, 20/04/2019). O policial militar Anildo alerta mais uma vez sobre a segurança pública, ou a falta dela, na borda do bairro popular Engenho Velho de Brotas. Para ele, a insegurança é motivo para tornar a paisagem do lugar desagradável:

Eu gosto mais do nosso lado esquerdo, o lado que vai para a Lapa, do Jardim Baiano. Ah, eu acho que tem mais contato com a natureza, tem mais árvores, tem praças, tem uma arezinha ali que o pessoal faz atividade física, isso me chama atenção. **E tem um lugar que o senhor gosta menos?** Rapaz. [silêncio] Questão de gostar menos, eu acho que alguns pontos do lado direito, lado de Brotas, teria que ter uma efetivação maior por parte da própria segurança pública, né? Porque ali também é uma área vulnerável que tem uma favela logo ali do lado e ali tem tráfico de drogas, essas coisas. (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019).²²

Para Gildevan, a paisagem do Dique é composta pelos elementos naturais e pelas pessoas num local onde sua visão é ampliada. Ele também comenta a percepção, sua

²² Mais uma vez podemos fazer a relação com Bachelard (2002) e o que é agradável à imaginação causando sedução, como os elementos naturais, e o que não é agradável, causando distanciamento, aqui a favela e a violência do tráfico citadas, pelo entrevistado que não constituem uma paisagem sedutora.

percepção olfativa e as sensações que sente quando passa por um dos *piers* próximo à sede do bloco Apaxes do Tororó:

Bom, a minha preferida é a que fica em frente à usina²³ do *Habib's*, isso ali, onde tem uma espécie de playground, né? Academia ao ar livre também, então ali eu me sinto bem, ali naquela parte, é um ponto de vista bom pra ser contemplado, eu gosto. [...] Bom, porque tem uma visão mais aberta da paisagem natural, das pessoas, então eu consigo ter uma visão melhor e maior. [...] na travessia, aqui onde tem tipo um cais que me parece que o pessoal usa como pescaria que literalmente não me cheira muito bem. (Gildevan Rocha, praticante de atividade física, 27/04/2019).

Para Reginaldo, as melhores paisagens do Dique são vistas de pontos mais elevados ou bem perto da própria lagoa:

Da ladeira do Pepino, ali a gente tem uma ideia de uma parte do Engenho Velho de Brotas também, uma parte do Garcia também. Então seria um recorte do Dique. Porque cada local, cada ponto ele oferece uma expectativa do Dique, entendeu? De cima só as imagens aéreas poderiam retratar isso. Mesmo assim aqui embaixo ela perderia um pouco dessa visão individual. Aqui também no Tororó, no Jardim Baiano. Dos pontos mais altos, só que não tão elevados como a imagem aérea. Ou até do próprio Dique mesmo, ali embaixo da Porteira [restaurante]. Oferece uma visão do Dique legal. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Perguntamos aos entrevistados se eles faziam parte da paisagem do Dique e a maioria afirmou que sim, seja quando estão no parque, seja quando estão fazendo suas práticas ou ainda se possuem algum vínculo com o lugar da referida paisagem. “No momento que tô caminhando, acabo fazendo.” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019); “é, acabo fazendo parte nos dias que estou aqui de serviço, então as pessoas me percebem, né?” (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019).

Douglas, pessoa em situação de rua, também acredita fazer parte da paisagem, mas não por alguma prática específica como a maioria dos entrevistados. Ele usa o verbo estar para responder, simplesmente por estar na paisagem. Independente de suas ações. “Claro, oxente... **Por quê?** Porque eu estou nela também (risos). **E você acha que as pessoas percebem você?** Claro!” (Douglas Ferreira, pessoa em situação de rua, 24/04/2019). Já Diego afirma que:

Eu acho que sim. (risos) Eu acho que pelo tempo de tá decorrido aqui e tal, eu acho que por isso. Eu acho que se eu fosse pensar num lugar pra desfrutar o lazer, uma corrida, fazer uma coisa fora de minha casa seria o Dique do

²³ A lanchonete Habib's ocupa atualmente a edificação que já foi da usina Geradora do Dique na década de 1920. A usina antigamente gerava energia para os bondes elétricos de Salvador, de acordo com as falas dos entrevistados e das várias referências aqui citadas sobre o Dique do Tororó.

Tororó, não pensaria na Barra, nem pensaria em ir no Parque da Cidade, não, seria aqui, seria aqui. **E as outras pessoas?** Alguns sim, outros não. Outros preferem ir pra outros lugares, sei lá, por terem ligações ali, por família, ou não sei... **Então pra você para as pessoas fazerem parte da paisagem elas precisam ter algum tipo de sentimento de pertencimento?** Uma identidade, você tem que tá ali ligado a alguma coisa. **Um vínculo?** Sim, um vínculo. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

Reginaldo traz muito a ideia de ambiente em suas falas, compreendo que o ambiente para ele é o espaço onde está localizado. Para o entrevistado, as pessoas fazem parte do ambiente ou espaço onde ocorrem as situações, da paisagem “de certa forma”. Mas, como Relph (1979) aponta, “não há experiência ambiental que não seja, em algum sentido e em algum grau, uma experiência de paisagem” (RELPH, 1979, p. 13). Para Reginaldo, a pessoa faz parte da paisagem em determinado instante mesmo que não tenha sua identidade revelada, reconhecida, como quando compara a paisagem à fotografia do serviço de localização do *Google Maps*.

O conjunto, não importa a classe, não importa nada, mas elas fazem parte. Como pessoas, não como indivíduos. **E para esse conjunto de pessoas que passam você acha que elas acham que você faz parte?** Nesse sentido, de repente como eu fico aqui mais do que outras pessoas, assim como algumas ficam também, a visão lá possa ser que seja diferente nesse sentido, porque às vezes eu como comerciante estou localizado aqui então... **Por você ser fixo, você acaba sendo mais famoso, todo mundo te conhece, então você já faz parte de uma forma diferente?** Do ambiente! **E o que é ambiente pra você?** [...] a paisagem seria a fotografia do lugar, o ambiente é a alma do lugar, os cheiros, as pessoas em si, aí tem clientes aqui que eu já conheço, mas eu falo das pessoas como um todo, tipo assim, aqui são pessoas, todas as pessoas estão aqui, então “pô no Dique tem pessoas” O que é que tem no Dique? Tem peixes. Tem aves, tem árvores. Tem asfalto. **Mas se alguma pessoa que caminha aqui tirasse uma foto desse ponto que você fica, você seria parte dessa paisagem?** Sim, de certa forma sim. **Nesse instante você seria?** É, ele fotografou, né? Tanto que quando você bota aqui *Google Maps*, em qualquer lugar tem as pessoas, mas não tem o rosto. As pessoas tão aí, mas eles não botam o rosto por várias questões, mas as pessoas tão ali, ali é uma pessoa, a figura da pessoa tá ali envolvida. Mas não diz tal pessoa. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Sobre o perceber outras pessoas no parque a visão foi o sentido que se sobrepôs aos demais, segundo os entrevistados: “o que eu entendo de perceber outras pessoas é eu ver as pessoas fazendo a atividade física, outras voltando de serviço, que é um ponto de muita concentração de ônibus, perceber no meu ver é isso. **A visão ressalta mais?** É, a visão.” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). Anildo acredita que percebe a população de maneira generalizada, “seja ela da prática esportiva, que vem na pizzaria, o pessoal que vem passear, até o pessoal que vem pra Fonte Nova. A gente entende e consegue identificar os segmentos da sociedade, né?” (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019). Itana acrescenta: “Contempladoras da natureza

também. Vêm aqui contemplar, um momento de paz, lazer. **E a senhora acha que elas percebem a senhora?** Sim, devem perceber, [risos]. **De que forma?** Como contempladora também do espaço, do espaço físico.” (Itana Costa, contempladora da paisagem, 07/04/2019). Para Diego, os outros sentidos não são tão preponderantes como a visão, mas a audição é citada mais uma vez como o segundo sentido a vir à tona. Além disso, o entrevistado afirma que para perceber é necessário atenção e estar presente, distantes e de passagem como as pessoas dos automóveis do entorno não é possível perceber de fato:

[silêncio] Bom, cada um usufrui do Dique da sua forma, eu, por exemplo, já tive o prazer de ver manifestações religiosas como já tinha comentado antes, em que com certeza a visão dessa pessoa seja diferente da minha. Eu tenho esse espaço daqui como lazer, como diversão e tal, mas sei que existem pessoas com outra conotação, com outra intenção, digamos assim. E eu as percebo como pessoas, às vezes, muito mais ligadas ao Dique por ter sentimentos ao Dique [do que] com relação a mim com o Dique. E eu as percebo muito mais conectadas. [...] **Você acha que outros sentidos te ajudam a perceber essas pessoas e a paisagem?** [...] Eu posso dizer que, por exemplo, a audição me ajuda porque eu sei que tem várias pessoas passando de carro por aqui, mas que essas pessoas provavelmente nunca pararam no Dique do Tororó. Então é uma área de fluxo, mas que com certeza não utilizam do Dique pra nada, só de passagem, percebem muito pouco ou às vezes não percebem. Na verdade, estar aqui caminhando e estar dentro do carro, eu também sou passageiro, passo de carro e sei como é. Você passa e diz: é o Dique. Mas você tá aqui caminhando, você percebe o espaço, já é outra conotação. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

Diego, no final de sua fala, aponta para a diferença de experienciar o parque caminhando “inserido” em seu espaço e como passageiro ou motorista dos automóveis no trânsito que circunda o parque. Para ele, a experiência é mais significativa quando ele caminha no parque. Compreendo, por passar pelas mesmas experiências, que isso ocorre pelo fato do maior contato do corpo com a paisagem, do se sentir pertencente à paisagem, ao parque. É como se o corpo de quem está nos automóveis fosse, apenas, aquele de espectadores de paisagem. É como se a interação corpo-paisagem fosse mais aprofundada para quem está no parque, ao contrário dos que estão nos automóveis.

Lourival acredita que nem todos percebem tudo como afirmou Diego, mas ele percebe algo a mais que o desagrada: a presença das pessoas em situação de rua. Por ser um ponto turístico, as pessoas em situação de rua não deveriam, na opinião dele, estar ali e por isso não fazem parte da paisagem do parque, mesmo que elas estejam ali por mais tempo do que o próprio trabalhador e outros frequentadores do Dique. Ponto que é contraditório na fala do entrevistado, pois, se Lourival os percebe é porque eles também são a paisagem do parque. E por mais que a presença de pessoas em situação de rua seja

desagradável para alguns dos entrevistados, elas se apropriam do parque, sentam nos bancos e estão nos espaços públicos, ao contrário do que pensa o entrevistado:

Olha, perceber eu acho que não era pra ter esse pessoal aí morador de rua, porque aí todo mundo, eu percebo, muitos que chegam aqui, o turista percebe. Que aquela imagem ali fica um pouco feia. Um ponto turístico, o Dique do Tororó de frente pra o restaurante, aí às vezes muita pessoa passa e fala assim “não quero sentar ali” aquele banco é pra pessoa sentar, né? Ninguém pode chegar ali. **O senhor percebe mais eles do que a vegetação?** É, mais eles. **E o senhor acha que eles fazem parte da paisagem do Dique?** Não! **Por que não se eles estão aqui como o senhor?** Por causa que eles não têm onde morar, eles não têm onde morar, por isso que eles ficam ali. Agora se tivesse onde eles ficarem, eu acho que eles não iam ficar ali. E também se tivesse uma pessoa que dissesse ‘olhe, não pode ficar aqui’ eles poderiam se espalhar, não vir, só de noite, ou então feriado, dia de domingo, festa. (Lourival Ferreira, trabalhador, 20/04/2019)

3.1.6 Preferências e repulsas

Ao longo das respostas apresentadas anteriormente, se conhece um pouco do que os entrevistados preferem e o que lhes causa repulsa no parque. São citados como preferências os elementos naturais do Dique, a presença de pessoas (com exceção das pessoas em situação de rua), o bem-estar causado pela paisagem, a oportunidade do lazer e a prática de atividade física. Já o sentimento de repulsa envolve o descuido e a falta de manutenção do espaço, a exemplo do odor da lagoa, do lixo, da falta de mobiliário e infraestrutura, da insegurança, além da já citada presença das pessoas em situação de rua.

Ao serem questionados sobre os lugares do parque que mais gostam e menos gostam, junto com a localização vem o motivo do lugar ser agradável ou não. Josilene gosta da via que é fechada para automóveis aos domingos,

justamente por ser ampla aos domingos quando a pista é fechada, aí você tem um lugar bem legal mesmo... **E o lugar que menos gosta?** Eu não sei se posso dizer o final ou início. **A ponta próxima à Lapa? Onde tem a academia?** Isso, é. **Por quê?** Porque pra mim é o local mais sujo, mais sujo do Dique. Tá concentrado ali. **Sujo por conta de quê?** Do lago, as pessoas utilizam também duas ou três árvores pra fazer xixi. Então o odor ali é horrível. (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Bruno tem preferência pelo *pier* onde ele tomava banho quando criança. Já o viaduto lhe causa repulsa:

Aqui onde a gente está, eu gosto daqui. **Por que daqui?** Porque quando eu tomava banho, eu tomava banho aqui. Então a minha infância aqui e naquele outro ponto ali [outro *pier*]. Eu gosto muito de ficar ali. **Tem relação com a memória?** Isso, exatamente. **E tem um lugar que você gosta menos?**

Aquele, embaixo daquele viaduto ali, está degradado. (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019).

Elaine gosta dos espaços de lazer, onde tem gente e uma boa visão do Dique, como o *playground* da borda do Jardim Baiano. O que a incomoda é o comportamento de alguns homens e pessoas em situação de rua que a assediam:

Daquela área ali assim, da patinação. E ali também quando eu tô na ginástica que dá pra ver a Fonte Nova, dá pra ver o Dique em geral, dá pra ver os matos. **E tem algum que você gosta menos?** [Silêncio, observando o entorno] Não, até que não. [Silêncio] O que eu não gosto mesmo, não vou mentir, é quando a gente quer ter mais privacidade e ficam os homens bebendo cachaça, fica falando coisa, aí eles ficam ali, são moradores de rua, às vezes incomoda, mas tem um sempre gaiato, entendeu? Incomoda um pouquinho. (Elaine de Almeida, praticante de atividade física e contempladora da paisagem, 20/04/2019)

“Aqui perto do pessoal que fica pescando, aqui é mais movimentado, mais povoado... **E tem algum lugar que a senhora gosta menos?** Lá embaixo [apontando pra ponta próxima à Estação da Lapa] **Por quê?** É mais deserto.” (Itana Costa, contempladora da paisagem, 07/04/2019). O que causa repulsa em Douglas é a monotonia em frente a um depósito de bebidas na borda do Engenho Velho de Brotas:

Aquela visão das estátuas, de lá pra cá (olhando do ponto dos orixás para a Fonte Nova). **Por que essa?** É mais visível! **Dá pra ver mais coisa?** Isso! **E tem algum lugar que você gosta menos?** [Silêncio] Tem! Aquela parte ali ó, centralizada de frente para o depósito ali. **Ah o depósito do outro lado da rua?** [No pé da Ladeira do Pepino] Isso, aquele depósito de bebidas. **Por que não gosta?** Porque eu não vejo muita coisa. É sem graça, é monótono. (Douglas Ferreira, pessoa em situação de rua, 24/04/2019).

Roque gosta mais de onde há pessoas aproveitando o espaço para o lazer ou de onde possa ver a Fonte Nova:

Na frente, aqui mesmo no Dique, na frente da Fonte Nova. [...]. Um lugar de lazer, as pessoas vêm com a família, ficam brincando e aí as crianças gostam muito, também agora que botaram esse negócio de que as crianças ficam brincando, esses parquinhos, isso também é bom. (Roque, pescador, 31/03/2019)

Já dona Maria não tem preferências nem sente repulsa: “Não, eu gosto dele todo, eu já trabalhei até na área toda.” (Maria das Neves, trabalhadora, 21/04/2019).

3.1.7 A interação no parque público

A interação é um dos aspectos mais importantes nessa investigação fenomenológica. Tratando-se de um espaço livre de uso coletivo, mesmo que não ocorrendo o espaço da esfera pública como defende os autores já citados anteriormente,

a busca por alguma interação entre os sujeitos do parque norteou algumas questões. A interação aqui é compreendida como intersubjetividade baseada nos escritos de Merleau-Ponty (2018), já também explicitados anteriormente.

Os entrevistados foram questionados se interagiam com as pessoas percebidas por eles naquela paisagem, de que forma interagiam e se essa interação era importante para a paisagem do parque. A intersubjetividade acontece na maioria das vezes entre pessoas que tenham alguma prática em comum. As atividades em comum sustentam-se como o principal motivo de intersubjetividade/interação entre as pessoas do Dique.

Para Josilene a interação entre as pessoas importa para tornar o parque mais agradável e até seguro:

Normalmente no domingo, pelo fato de ter muitas pessoas passando o domingo aqui de lazer. Outras pessoas que trazem cachorro, assim como eu. Aí a gente faz até amizade. **Isso é importante pra paisagem do Dique?** É, bastante! Por se torna um local agradável. Você vir ter o contato com outras pessoas, ver o local cheio e tudo dá segurança também na pessoa de você tá num local que é bem frequentado. (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Diego afirma que,

Interagir é você manter contato, né? É você fazer contato, pra interagir eu acredito que deva ter algum contato... **Um contato físico?** Não, um contato visual, através da fala, não precisa ser físico. **Então se você passa correndo por uma pessoa e vocês se olham...** A gente diz “tudo bem?” É interação! **Então você interage?** De certa forma sim, dessa forma sim. **E você vê outras pessoas interagindo aqui no Dique?** Sim, sim, famílias, entre eles. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

Há quem interaja só por educação e considera que a interação precisa de um contato maior, como o uso da fala:

Não! Só conhecido, uma amiga minha que vem comigo, mas os outros não, algum que dá oi, bom dia, pronto. **Só por educação?** É isso. [...] Interagir era se eu falasse com todo mundo, andasse, me juntasse com eles. **Tem que ter um contato maior? Ser mais próximo?** É! **E o senhor acha importante as pessoas interagirem?** É! Porque aí um fala uma coisa que vê que eu não vou enxergar, aí outro já enxerga e mostra. **Mas o senhor acha que interação é só quando fala, conversa? Se o senhor trocar olhar com alguém que passou aqui o senhor acha que não é interagir?** Olhar é só olhar, mas não falou nada. Eu acho que não. (Lourival Ferreira, trabalhador, 20/04/2019)

Ingrid, como Lourival, acredita mais numa interação por meio da comunicação falada:

Não, só quando eu vou parar para beber água. Mas é só uma abordagem mais formal “bom dia”... **E o que seria interagir pra você?** Interagir é você ter uma comunicação com a pessoa, conversar, comunicação é fazer alguma

pergunta e ter respostas. **Trocar olhares você não considera?** Pode ser sim uma comunicação, comunicação visual. (Ingrid Miranda, praticante de atividade física, 07/04/2019).

Anildo comenta mais uma vez que a interação é entre iguais e que cada um tem seu espaço, havendo, assim, territorialização. Já sua interação é mais voltada para seu trabalho de prover a segurança pública no parque. Assim, ele interage com pessoas de práticas diferentes da que ele realiza no Dique:

Bom, interação eu entendo que seja todos participando de um ciclo. Todos interagindo dentro de uma perspectiva. No caso, aqui nós temos o Dique, como eu falei tem essas pessoas, seja do lazer, do esporte, eles estão aqui dividindo um objetivo comum a todos, um único, que é o espaço do Dique né? A natureza. **E o senhor percebe essas pessoas interagirem entre elas?** Sim! Cada um tem seu espaço, né? Cada um tem seu espaço e a gente respeita diante disso. Eu não vejo problemas aqui, essa parte é até muito organizada, tem até uma pista ali que difere o pessoal que vai correr, tem o lado do pessoal que traz a família. Aqui nós já temos o do pessoal que vai pra Fonte Nova, é pizzaria, tem a pracinha, então tá tudo bem dividido ai. **E o senhor interage com as pessoas?** Sim. **De que forma?** É, a gente nas nossas passagens, costumamos, as pessoas nos cumprimentam, cumprimentamos as pessoas, interagimos no tocante de saber o que elas, as necessidades, né? Se chegam precisando... ‘Ah ali tinham duas pessoas suspeitas’. As pessoas acabam interagindo com a gente nesse sentido, na questão da segurança. (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019).

Bruno também comenta a interação entre iguais, mas relaciona esse tipo de interação à violência e à insegurança. Apesar de não interagir muito no parque acredita que seria melhor se houvesse mais interação entre as pessoas:

Muito pouco, cada um no seu cada um, nos seus grupinhos, nas suas amizades, acho que essa é a interação que eu vejo aqui. [...] Ah, tem um espaçozinho ali que tem atividade física, né? Vejo grupos, vejo mães, vejo crianças, interagindo ali. **E o que seria interação pra você?** Poder sentar, conhecer pessoas, conversar os mais diversos assuntos que a vida tem, fazer amizades, falar sobre a própria corrida, o próprio esporte físico. Acho que muitas vezes a gente se isola no nosso mundo até porque a gente vive numa sociedade onde a violência, a gente não conhece quem é quem, enfim. **Então a interação tem mais a ver com diálogo e conversa?** Também! Acho que a mais importante seria essa, mas também visual [...] **Mas a visual, seria trocar olhar com alguém seria um tipo de interação e perceber a pessoa?** Sim! Sim! Acho que as pessoas às vezes, elas botam uma venda nos olhos e querem esquecer o que tá ao seu redor. **E você acha o que disse?** Ah, eu acho que a gente como parte de um todo deveríamos interagir mais um com o outro, ter mais sensibilidade para com o outro, mais empatia, querer viver mais o outro. **Mesmo você não interagindo tanto?** Mesmo eu não interagindo tanto, porque também eu crio muros daqui, as pessoas criam muros de lá. (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019).

Maria, como Anildo, trabalha no Dique e interage mais com pessoas que não possuem a mesma prática que ela, “Ah, de várias formas. A gente conversa muito sobre o Dique, sem ser do Dique, tenho muitas amizades aqui, de pessoas que malham aqui.

Porque eu já trabalho aqui desde noventa e oito.” (Maria das Neves, trabalhadora, 21/04/2019). Já Gildevan é padre e não interage muito por ser uma característica da sua personalidade, independentemente do espaço. Mas interagiu comigo na entrevista, segundo ele por ter compreendido que era uma pesquisa acadêmica e, por já ter frequentado tal ambiente, achou interessante aceitar:

Eu vejo, eu sou... Eu sou um pouco mais resguardado para isso, às vezes quando alguém interage, eu também interajo, mas eu percebo mais as pessoas interagindo entre si mais do que eu com elas. **Por que o senhor acaba não interagindo?** Eu acho que isso tem a ver com a minha personalidade mesmo. Em outros ambientes eu também sou assim. É um comportamento pessoal meu, talvez pela minha condição de religioso também influencie, né? (Gildevan Rocha, praticante de atividade física, 27/04/2019).

Assim como Gildevan, Itana não interage muito com as pessoas, mas interagir para ela não é só falar:

Observo as pessoas interagindo, mas eu não interajo muito não, mas o pessoal interage. Dá bom dia quando passa, senta no mesmo espaço. **E o que é interação?** Um sorriso é uma interação, um bom dia, um olhar é uma interação. Interação pode ser tanto com sinais, como falar. **Não é só conversa?** Não, não. (Itana Costa, contempladora da paisagem, 07/04/2019).

Já Reginaldo defende que há interações diferentes, nem menores, nem maiores, mas diferentes:

Comunicar! **Para ter interação tem que ter comunicação?** É, se ambientar... **Quando você fala comunicação é só falar?** Não. **Uma pessoa olhar para outra já é uma interação?** É sim, com certeza! As pessoas conversam aí vão se juntando para armar uma pelada, aí começam interagir um com o outro. **Você acha que você interage mais com as outras pessoas por conta do que você faz aqui?** Não! **Quem caminha interage na mesma frequência que você?** Não, é diferente! Não, nem mais, nem menos. São formas diferentes de interagir. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Elaine é uma das pessoas que afirma que interage bastante mesmo sem conhecer a pessoa, interagir é conversar e para ela isso se torna importante, pois às vezes em casa não há interação e o parque lhe proporciona intersubjetividade/interação. Essa resposta é muito significativa para essa pesquisa que busca entender a constituição da paisagem de um espaço livre de uso coletivo por meio da intersubjetividade. Também revela o quão importante é a intersubjetividade entre os sujeitos para o bem estar das pessoas:

Não tem como, quando eu tô malhando, já fiz muita amizade ali... É conversar, interagir é conversar, às vezes tem um assunto, às vezes eu me meto sem querer na conversa para dar uma opinião sobre, quando eles tão falando do Dique eu me meto, falo uma coisa que quando eu sei que posso me meter, eu me meto, mas tem coisas que é entre eles e às vezes também me meto... **Mesmo se não conhecer as pessoas?** Mesmo sem conhecer, porque depois acaba conhecendo, fazendo amizade. Já fiz muita amizade aqui.

Então, interagir pra você é mais ter essa conversa né? É, porque às vezes eu não tenho em casa e tenho na rua. (Elaine de Almeida, praticante de atividade física e contempladora da paisagem, 20/04/2019)

Como Elaine, Rosemeire também interage e acaba fazendo amizades:

Sim, sim, geralmente quando eu estou sentada, vem alguém que eu nunca vi, não conheço, senta aqui, começa a conversar alguma coisa... **E a senhora não tem problema com isso?** Não, às vezes já conheci pessoas fazendo minha caminhada, já fiz amizades também com pessoas que não conhecia, às vezes também tem um grupo que são os policiais que dão aula de atividade física para as pessoas aqui de manhã e o grupo tem crescido. [...] **A senhora acha que essa interação é importante para a paisagem do Dique?** Acho que sim, pra gente também, mais para as pessoas. (Rosemeire Pereira, contempladora da paisagem, 31/07/2019).

Já Douglas, pessoa em situação de rua, não é correspondido toda vez que tenta interagir com as pessoas, mas até a recusa da interação significa intersubjetividade e percepção do outro ser, de acordo com Merleau-Ponty (2018).

Eu digo a você cinquenta por cento. Traz o alimento, doações de roupas, dá um bom dia, dá um boa tarde, dá um boa noite. **E isso importa pra você, tem um significado?** Muito! A gente sente. **E os outros cinquenta por cento, são as pessoas que não falam?** Que a gente dá um bom dia e respondem meio sem graça, ou tem outras que nem respondem, ou a gente pergunta o horário, fala sem olhar no relógio, diz qualquer horário. Meio assim, não gostam dos moradores de rua. **E o que você pensa dessas pessoas que não gostam?** Desumanos. (Douglas Ferreira, pessoa em situação de rua, 24/04/2019).

3.1.8 Corpo e paisagem

Questionei os entrevistados sobre a importância do corpo para a percepção da paisagem e para vivenciar o parque. Essa questão foi formulada por conta de apenas a visão aparecer com maior ênfase quando se questionava sobre o ato de perceber. Ao perguntar sobre o corpo a reação dos entrevistados era de não entender da primeira vez, silenciar, perguntar mais uma vez, pedir para que eu explicasse mais o que eu queria saber. A ideia era compreender como os corpos dos entrevistados reagiam à paisagem do parque, saber mais sobre suas sensações, seus sentimentos, suas emoções.

Meu corpo? Ele tem que estar aqui. [silêncio] Porque eu acho que a paisagem é percepção, eu preciso tá aqui pra que ela aconteça. Se eu tiver em algum outro lugar eu vou perceber algum outro lugar. Pode ser espaço público, pode ser espaço fechado. Então você tem que ter uma identidade e essa identidade tem que tá nos lugares pra que você perceba e você seja percebido, também tem uma visão do outro em relação a você nesse ambiente. (Diego Martinez, praticante de atividade física, 31/03/2019).

Para Bruno, o que o corpo dele sente resulta em um bem-estar mental:

A minha mente com certeza. Eu voltei a correr muito mais pela mente do que pelo próprio corpo em si. Do que perder os quilinhos que eu estou precisando, inclusive. Mas eu correr aqui, sentir os cheiros, ver a lagoa, sentir o rio e depois poder descansar aqui é uma terapia pra mim. **Quais são as sensações que seu corpo envia pra mente?** Relaxamento com certeza, paz... (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019).

Já Reginaldo diz que

o corpo se faz bem quando ele vê coisas que o agradam, né? Então o ambiente bem trabalhado, distribuído, que transmite, vamos dizer assim, a beleza da natureza em si, os odores agradáveis e tal, vai fazer bem ao corpo em si. **E quando tem as coisas desagradáveis?** Já surte um efeito contrário. [...] Pronto! Vamos colocar assim, se a gente fosse colocar uma tabela de coisas, o que faz bem pro corpo nessa paisagem do Dique do Tororó, quando você está praticando atividade física ou tá passeando, ou fazendo qualquer outra coisa, aí você observa árvores frutíferas, que elas têm o cheiro, as plantas também exalam o cheiro também agradável, aí você vai vendo essas coisas, mas isso é um fator positivo. Mas quando você se depara com a poluição que já começa a incomodar, já é um fator negativo, mas faz parte desse ambiente. Tanto as coisas boas, quanto essas coisas ruins. **Então a importância do corpo nesse ambiente, nesse espaço é pra notar tudo isso?** Sim, não tem como não perceber e diferenciar uma coisa da outra. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Outros compreendiam a pergunta pelos resultados que o corpo podia alcançar ao praticar atividades físicas ou ainda a partir das reações e expressões que relacionavam a palavra corpo à sexualidade. Não havia certo e errado, mas o corpo era pensado por mim como interface entre a experiência da paisagem e os entrevistados. Um dos argumentos usados para explicar minha indagação era dizer aos entrevistados que somos mais do que alma e mente, somos o corpo também, ou, como Merleau-Ponty (2018) afirma, somos corpo e consciência, pois “o corpo e a consciência não se limitam um ao outro, eles só podem ser paralelos” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.174). Josilene afirma que “pra me proporcionar saúde, o fato de você caminhar ajuda bastante você ter uma qualidade de vida melhor” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). Elaine responde que:

Ah, porque eu sou diabética tipo 1, aí a médica sempre manda eu exercitar, então, exercício é vida, é saúde, às vezes a gente tá com problema, quando a gente começa a caminhar a gente... Oxe o corpo... Se a mente tá doente, o corpo também adocece [...]. É, eu mesmo parei de vir, tô me sentindo mais desanimada assim. Eu gosto muito do Dique, mas a correria do dia a dia, não tô com paciência de vir. (Elaine de Almeida, praticante de atividade física e contempladora da paisagem, 20/04/2019)

Dona Maria é taxativa, “Porque eu tô aqui com saúde, né? Trabalhando, malhando. Precisa do corpo né? Sem o corpo não ia pra lugar nenhum.” (Maria das Neves, trabalhadora, 21/04/2019). Anildo se surpreende,

Do meu corpo? Bom, meu corpo (risos)... Bom, meu corpo é importante sim, pelo menos eu me sinto bem em ver as pessoas praticando exercícios quando eu não posso fazer, porque eu gosto de praticar também, de correr, de fazer um ciclismo, nadar. Mas quando eu tô aqui, castigado no serviço, em pé, que dói. Acaba me trazendo um certo refrigério. Em ver a galera interagindo com a natureza. Isso é bacana. (Anildo Cassimiro, trabalhador, 20/04/2019).

Tawan, que pratica atividades físicas, diz: “Eu venho aqui pra tentar melhorar de saúde, então, meu principal motivo é me exercitar. **E como você se sente quando está aqui?** Confortável, relaxado, tranquilo.” (Tawan de Oliveira, praticante de atividade física, 27/04/2019). Já para Roque a importância do corpo está presente em sua prática de pesca:

Meu negócio é mais a visão no anzol, né? **Mas e na mão, no tato, o senhor percebe alguma coisa?** Percebe sim! A puxada do anzol! O peixe! **E com a audição o senhor percebe algo aqui?** Os carros passando! **Isso incomoda o senhor?** Não, não, de jeito nenhum... As vistas e a mão, né? É ver e sentir a puxada, né, do peixe? Tem que ter esses dois, né? **Se não, não consegue pescar?** Com certeza! (Roque, pescador, 31/03/2019)

Douglas, pessoa em situação de rua, que se diz morador do parque, é o que mais cita as respostas do seu corpo nas experiências vividas no Dique:

Ah, isso aí não tem muito pra onde correr porque tem o sereno, a gente tá em meio a céu aberto, na rua, tudo bem que até quem tá em casa não tá ‘escape’ de nada, de doença nenhuma, mas a gente tá mais exposto. A gente tá no sereno, querendo ou não, não é um lugar muito acomodado... **É, eu vi que vocês têm até colchão, mesmo assim... Estão desprotegidos.** É, pode perguntar a qualquer um aqui, oh, é pele, a pele afeta principalmente, formiga, entre outros bichos que a gente não sabe, né? A rua é rua! (Douglas Ferreira, pessoa em situação de rua, 24/04/2019).

3.1.9 A importância do Dique do Tororó na vida dos entrevistados, para a cidade e para os bairros do entorno

Com as diferentes frequência e práticas dos entrevistados no parque, questioneiei os entrevistados sobre o significado ou a importância do parque nas suas vidas. A maioria afirmou que o Dique é importante e tem algum significado em suas vidas, como nas falas citadas a seguir:

Tem aqui o meu trabalho. Porque meu trabalho é no Dique, ‘você trabalha onde’, eu digo ‘no Dique, na Cheiro de Pizza do Dique’, ‘qual lugar, que bairro?’ eu falo ‘no Dique do Tororó’. Aí todo mundo conhece, ‘ah já sei onde é’. **Mas o senhor gosta daqui? Além do trabalho?** Gosto, gosto, já me acostumei aqui. **Te faz bem vir pra cá?** Faz. (Lourival Ferreira, trabalhador, 20/04/2019)

É, eu me sinto muito bem aqui. Com certeza, eu gosto daqui. **E a senhora se sente bem aqui por causa de quê?** De tudo, a paisagem, a natureza, um lugar de você sentar, de fazer um relaxamento, uma meditação. **A senhora**

falou das leituras, aqui é um bom lugar para ler? É! Eu leio muito aqui. (Maria das Neves, trabalhadora, 21/04/2019).

Bom, agora sim, desde que eu comecei a frequentar, em torno de dois anos, acho que faz parte da minha rotina enquanto morador de Salvador, já está incorporado na minha rotina. Se eu não estiver aqui é porque eu estou muito ocupado ou não estou em Salvador, (risos). É parte de minha rotina enquanto estiver aqui. (Gildevan Rocha, praticante de atividade física, 27/04/2019).

Gosto! [...] A pescaria é bom demais, eu acho que nunca vi uma pessoa falar mal de pescaria não. [...] O tempo passa, a pessoa não vê, não percebe... Eu tô aqui desde que horas? Desde dez horas [da manhã]! Agora é o que? Duas e meia! [da tarde] Muito tempo! E ainda não me deu vontade de ir embora ainda. A pescaria é bom demais. **E lá no Dique do [Alto do] Cabrito?** [...] Não, lá é porque lá enche de baronesa, aí não tem como jogar anzol. E aí em ano em ano, aliás, leva três, quatro anos pra eles limparem. (Roque, pescador, 31/03/2019).

O Dique é importante, é através do Dique que eu me estabeleci como comerciante, tem a importância que é uma área de lazer, é uma área de esporte também. É uma área, como eu sou formado em história também, é uma área que faz parte da nossa história, a história do cotidiano, das pessoas daqui, [...] como eu falei que era local de reuniões pra se organizar, pra fazer algum levante, então o Dique tem uma importância histórica, tem uma importância cultural, tem uma importância filosófica, esportiva e uma importância pra natureza em si, né? Porque aqui em Salvador carece de espaços arborizados [...] **O Dique do Tororó tem algum significado na sua vida?** Sim, o Dique ele me proporcionou conhecer uma pessoa que hoje é a mãe dos meus filhos, é minha esposa, né? E é a mãe dos três filhos que eu tenho. Eu atribuo ao Dique de eu estar aqui trabalhando, de a pessoa tá malhando e acabou a gente se conhecendo, casando e tendo os filhos. Então o Dique tem essa importância que fez, eu não sei se em outro local a gente iria se conhecer. (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Com certeza, ah aqui na minha infância eu tomava banho, a gente brincava nos parques, depois eu trazia meus animais pra cá, pra gente brincar, agora depois que eu cresci é a minha saúde mental e física, espiritual também. Porque eu faço minhas orações, quando eu estou correndo, estou falando com Deus (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019).

Eu gosto do meu ponto de referência, eu gosto de caminhar, de malhar. **Tem significado pra esse momento seu de cuidar do corpo?** É! E da mente também, porque das vezes que venho, eu tava com um problema, porque eu tive três coisas ao mesmo tempo, eu tava com depressão, depois que eu vim para o Dique eu melhorei mais. (Elaine de Almeida, praticante de atividade física e contempladora da paisagem, 20/04/2019)

Janaíra, que trabalha no entorno, diz: “Tem sim! É o local do meu trabalho (risos), onde eu tiro meu sustento.” (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019). Douglas relaciona o significado do Dique com o fato de “morar” no parque, na rua, no espaço livre, aberto: “[Silêncio] Coragem! **Ele te dá coragem?** Não, eu digo assim, coragem porque a rua hoje em dia seja qual lugar seja, ela é uma covardia, o nome certo, né? Então, eu defino como coragem.” (Douglas Ferreira, pessoa em situação de rua, 24/04/2019). Já Rosemeire afirma que o parque não é especial para ela, até que eu peço para ela imaginar se o Dique não existisse e ela então muda de ideia:

Nenhum especial assim não. **Se ele não existisse, seria tudo bem morar aqui perto? Sentiria falta?** Nunca imaginei como seria aqui se não fosse o Dique. **Se tirassem o Dique e fossem só vias?** Agora que estou imaginando que seria bem... O ar seria bem mais poluído, teria mais carros, mais faixas, com certeza, os carros transitando seria um ar bem mais poluído. **A senhora iria gostar?** Eu acho que não, porque hoje eu já sinto que tem horas que os carros por causa do monóxido de carbono, eu sinto uma poeira em casa, uma poeira engordurada, tipo um óleo. **Então o Dique ameniza essa situação?** Com certeza! (Rosemeire Pereira, contempladora da paisagem, 31/07/2019).

Sobre a importância do Dique para a cidade de Salvador e para os bairros do entorno, todos os entrevistados afirmam que sim, é um espaço livre de uso coletivo importante para a cidade por causa do turismo e da história, bem como para os bairros vizinhos, onde a população tem espaço para o lazer e para o trabalho:

É, pra cidade em si o principal é o turismo. A gente sempre vê turistas aqui. **Por que a senhora acha que é importante para o turismo?** Por ser um local bonito, quem viaja pra Salvador quer conhecer. Então, se torna um local importante pra cidade. **E para os bairros do entorno, o Garcia, o Dique Pequeno?** É também, mas para o lazer. (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Ou também:

Com certeza, é um espaço ao ar livre, que quando eu passei, eu cheguei tinha um pessoal ali tocando violão. Você fazer um piquenique, você está com seu grupo, você fazer uma atividade física, conhecer pessoas, é de suma importância. E eu sempre vou estar falando, por causa da localização, acho que é bastante importante, apesar de ter sido bastante aterrado, ainda assim faz parte do centro. (Bruno Almeida, praticante de atividade física, 01/08/2019).

E ainda:

Sim, é um ponto turístico, né? Geralmente as pessoas quando vêm aqui, querem conhecer o Dique, até a Arena Fonte Nova que é um local de esporte. **E para os bairros do entorno?** É, porque já é um acesso pra comunidade ter um espaço para o esporte, pra sentar e conversar, seria muito bom que todos os bairros tivessem um local parecido, até pra pessoa ter um pouco de um tempo pra si mesma, pra se conhecer, relaxar um pouquinho, o que é difícil. (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019).

As entrevistas foram de suma importância para compreender o Dique do Tororó, mas se fez necessário também compreender como eu, enquanto sujeito-pesquisadora, percebia o parque, sendo assim, realizei meu próprio percurso individual durante os levantamentos de campo, que passo a relatar a seguir.

3.2 A MINHA PERCEPÇÃO

Havia uma grande necessidade de me situar nessa pesquisa fenomenológica, de não deixar de contar a minha circunstancialidade, de fazer o meu próprio jeito de escrita

fenomenológica como defendeu o professor Marandola Jr. (2019) e que posteriormente será explicado. A partir dessa vontade e com a orientação do professor Serpa (2019 a), o livro “Paisagem Urbana” de Gordon Cullen (1996) foi o suporte para perceber a paisagem já conhecida, mesmo vivendo tal paisagem a cada momento de uma forma diferente, como já mencionado.

A ideia era relacionar o que Cullen (1996) propôs em relação à paisagem urbana e as emoções que ela nos causa a partir da abordagem fenomenológica da percepção de Merleau-Ponty (2018), que também se atrela ao que sentimos (sensações e emoções), ou seja, uma abordagem de como a paisagem do Dique me afeta a partir dos seus elementos. Para isso, a metodologia consistiu em realizar uma volta ao longo do Dique do Tororó, percebendo e observando ao longo do percurso alguns dos elementos tratados por Cullen (1996) como a visão serial, o ponto local, o aqui e o além, entre outros aspectos. Outros elementos da paisagem elencados pelo autor e que relacionei a essa experiência são: pés e pneus, pavimento, integração da árvore e desníveis que constituem o parque urbano.

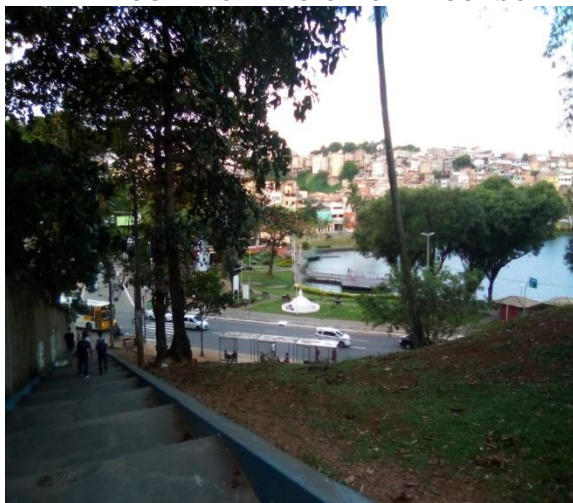
As sensações e emoções que me tocaram foram consideradas ao longo do percurso. É importante relatar que, apesar da leitura, realizei o trajeto sem o livro como consulta; o livro era para ser uma lembrança a me orientar, mas o fenômeno da paisagem era o que se apresentava no instante do percurso. Ao longo da caminhada fotografei e gravei áudio do que encontrava no caminho. A transcrição foi o que permitiu que eu fizesse a relação com o que Cullen (1996) defende em seu texto. Ressalto que a importância desse trajeto feito por mim e mesmo as entrevistas e o reencontro com os sujeitos da pesquisa são, como defende Cullen (1996), meios de pensar a paisagem urbana para além do campo estritamente científico.

A afirmativa do autor se relaciona muito com a motivação do trabalho, que a todo o momento se apresenta, uma vez que a paisagem da cidade é feita pelas pessoas que a experienciam e não somente pelos estudiosos e planejadores urbanos. A visão talvez seja a forma principal de perceber a paisagem (para mim que disponho dela) e ela tem ainda “o poder de invocar nossas reminiscências e experiências” (CULLEN, 1996, p.10). Ainda sobre a proposta do autor, foram levantados três aspectos do meio-ambiente e que aqui direciono para a paisagem: a óptica, o local e o conteúdo. A óptica compreende tudo que a visão abarca, como a sucessão de elementos, as revelações, surpresas, as imagens que emergem e o ponto de vista; o aspecto local enquanto localização durante a experiência do percurso, como sensações de dentro, fora, abertura,

aqui e além e posicionamento; e, por fim, o conteúdo: personalidade, cores, formas, elementos, entre outras características do que se pode observar.

Eram 16:25 horas da tarde do dia 11/09/19, quarta-feira. Comecei o percurso sentindo principalmente o vento enquanto descia a escadaria do Jardim Baiano que tem um grande movimento de pessoas nesse horário de fim de tarde, ao mesmo tempo em que a lagoa se expande à minha direita à medida que descia a escadaria. Vi também as pessoas que ocupam o ponto de ônibus, o monumento de cor branca, o *pier*, o pescador; o barulho do trânsito começa a intensificar ao passo que me aproximo da via e haviam muitas folhas caídas nos degraus da escada. Então, cheguei ao fim da escada para atravessar para o Dique. Para o autor, “Uma cidade é antes do mais uma ocorrência emocionante no meio-ambiente.” (CULLEN, 1996, p.10). A experiência de perceber a sequência das fotografias a seguir diz muito de como a paisagem me afeta, me emociona, de como a sinto. Havia uma sucessão, uma visão serial, a cada passo que dava, enquanto me aproximava do Dique do Tororó. No topo da escadaria conseguia ver de longe as casas, as árvores e o monumento bem pequeno, aos poucos o ponto de ônibus se apresentou aos meus olhos e por fim estava de frente para o monumento de cor branca do Dique.

FIGURA 23 - INÍCIO DO PERCURSO FIGURA 24 – ESCADARIA DO JARDIM BAIANO



FONTE: A autora (2019).



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 25 - LAGOA SE EXPANDE À DIREITA FIGURA 26 – PESSOAS NO PONTO DE ÔNIBUS



FONTE: A autora (2019).



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 27 – MONUMENTO



FONTE: A autora (2019).

Atravessei a rua para o lado do Dique e me aproximei do monumento. Já perto dos restaurantes eu percebi os pontos de encontro das pessoas que se localizam principalmente onde há o comércio (privatização do espaço público): considero aqui os ambulantes que vendem bebidas no isopor, os restaurantes e mesmo os próprios bancos do mobiliário urbano que servem de parada para os frequentadores. Isso nos remete à apropriação do espaço, que Cullen (1996) descreve em seu texto, tanto os restaurantes quanto os ambulantes formam pontos de encontro do social e do comercial. Atentei também para os corrimões e guardas do *pier* e da beirada da lagoa, que têm a função de fazer a segurança e a proteção. Muitas pessoas fazem atividade física e retornam ou vão para o trabalho nesse horário, de fim de tarde. Segui em direção ao que chamo de borda do Engenho Velho de Brotas, abrangendo desde a Ladeira do Pepino até o viaduto, na outra ponta do Dique, mais próxima à estação da Lapa.

FIGURA 28 – RESTAURANTES AO FUNDO



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 29 – BORDA DO ENGENHO VELHO DE BROTAS



FONTE: A autora (2019).

Apesar de sentir o vento, começou neste momento um leve abafamento, talvez por conta das nuvens no céu. No Dique, há momentos nos quais o céu aparece mais: mesmo sendo um espaço ao ar livre, às vezes ele oferece mais abertura aos meus olhos, quando não há muitas árvores. Percebi novos bancos para o mobiliário do parque e havia uma boa concentração de pessoas ao longo do Dique nas faixas de pedestres. Então o fim de tarde estava assim, com nuvens, mas com espaços de céu azul e eu acreditava que não iria chover. Segui a caminhada e sentia o vento na pele, mas também os barulhos e ruídos, como o de uma música que um rapaz escutava numa caixinha de som. Nesse horário havia muitas crianças também, retornando das escolas ou bancas de reforço escolar, deduzo.

Muita gente se exercitava. Esse horário é muito bom para ir ao Dique, pois a luz solar não é tão forte. Mas o trânsito é muito movimentado, muita buzina, e isso para mim é a parte ruim do Dique: havia uma poluição sonora no momento, com rádio na frente de um bar, carros, buzinas, sirenes. Os bancos e ferros de proteção na beira da

calçada me remeteram às funções dos mobiliários: parada e proteção. As árvores se integram à Lagoa ao fundo. Pensei neste momento que o que integra as paisagens do Dique é a lagoa. Ela está no centro, tudo ocorre em seu entorno. Quem corre, corre em volta dela, quem pesca, pesca na lagoa, quem vem por conta da religiosidade também busca a energia das águas da lagoa.

FIGURA 30 – ABERTURA DO CÉU



FIGURA 31 – PÁSSARO E HOMEM NO PIER



FONTE: A autora (2019).

Há muitos pássaros, aves e flores no Dique. Foi uma boa surpresa encontrar as aves no *pier*, por exemplo. É um elemento agradabilíssimo do parque. Quando observo as flores nas bordas da lagoa, lembro-me dos desníveis possíveis na paisagem do Dique. Os pontos de vista são diferentes se estamos num *pier*, ou na calçada. O carro que vende ovos de galinha passou e tomou conta do espaço com a voz do mercador “chegou o carro do ovo [...] venha comprar ovos”.

Observei o chão do parque, a calçada, seus desenhos, formas e texturas junto ao gramado, até me encanta a junção do cinzento concreto com a vegetação verde. Os números marcam o quanto se pode percorrer neste parque. As pessoas que correm reclamam do calçamento, para mim, ao contrário, é agradável, talvez porque eu não corra tanto. Mas a grama é mais interessante de ficar pisando e sentindo. Não há placas de “não pise na grama”.

Caminhava e percebia que o som mudava, gritos de crianças eram perceptíveis enquanto me aproximava do parquinho nessa borda do Engenho Velho de Brotas, próximo a um *pier*, onde havia alguns garotos que, num salto, pulavam e logo mergulhavam n’água. Havia muita criança no parquinho essa hora, e isso é outro ponto positivo do Dique, pois o espaço se enche de vida e alegria. As crianças talvez sejam aqueles que mais interagem no Dique, conversam, brigam, são de variados tamanhos e corpos e estão na maioria das vezes sob a vigilância dos responsáveis que ficam nos bancos do entorno do parquinho. As crianças me atraíram para ficar assistindo suas peripécias. Neste instante a paisagem era composta pelo parquinho, pelas crianças, pelos responsáveis delas e, ao fundo, pelas imagens dos Orixás. Os parquinhos também são pontos de encontro, pois há uma significativa concentração de pessoas nessas áreas.

FIGURA 32 – FLORES E DESNÍVEL



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 33- O VERDE E O CINZENTO



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 34 – PARQUINHO CAMUFLADO PELA PLACA



FONTE: A autora (2019).

Fiquei observando a paisagem e pensei que talvez esse seja o meu ponto de vista favorito, no começo da borda do Engenho Velho, onde os meninos pulam na água. Daquele ponto de vista conseguia abarcar na visão tanto a Fonte Nova quanto os Orixás e a lagoa. Gostei de como a paisagem se expandia com as habitações do entorno, à minha esquerda o bairro do Engenho Velho de Brotas e à minha direita o bairro do Tororó. Para esse instante, essa era a melhor paisagem, em outro dia, com outro tempo, com outro céu, posso mudar minha preferência.

FIGURA 35 – ESTÁDIO FONTE NOVA À DIREITA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 36 – MENINOS PULAM DO PIER



FONTE: A autora (2019)

Continuei a caminhar e lembrei que as palmeiras do Dique me agradam demais, na verdade todas as árvores. As antigas paineiras, que são maiores e com troncos mais largos, me fizeram imaginar que se abríamos uma “passagem” em seus troncos é possível se esconder em muitas delas.

FIGURA 37 – PAMEIRAS



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 38 – UM DOS PARQUES INFATIS



FONTE: A autora (2019).

Os raios solares tocando as águas do Dique foi um dos eventos mais agradáveis nessa caminhada. Então, tive a sensação de estar num corredor vegetal, na verdade são dois grandes conjuntos de arbustos de plantas posicionados nos lados do calçamento do parque. Nesse corredor vegetal, foi como se o trânsito e a lagoa sumissem do meu campo de visão, foi uma sensação de isolamento e sombreamento. Prossegui caminhando e avistei pescadores às margens da lagoa. Homens de meia idade. Quanto mais me aproximava das esculturas dos Orixás, mais imponentes se tornavam, as esculturas atraíam toda a atenção.

FIGURA 39 – RAIOS DE SOL NA LAGOA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 40 – CORREDOR VEGETAL



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 41 – PESCA NA MARGEM DA LAGOA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 42 – IMPONÊNCIA DOS ORIXÁS



FONTE: A autora (2019).

Quando me aproximava do posto de emergência odontológica onde trabalha Janaíra da Silva, uma das entrevistadas da pesquisa, me recordei que era possível identificar quase todos os grupos de sujeitos que caracterizei ao longo da pesquisa. Os turistas e as pessoas que praticam rituais religiosos são presenças mais pontuais, mas a maioria dos grupos sociais está sempre presente. E bem naquele momento havia um grupo de turistas na minha frente, todos faziam *selfies* individualmente com as esculturas dos orixás de pano de fundo, eu achei graça e segui.

Mesmo sem ciclovia, as pessoas andam de bicicleta no calçamento e não vejo isso como um problema, porque ainda não presenciei acidentes, acho que o calçamento pode servir a todos. Os automóveis não paravam de passar. Observei as imagens dos Orixás e refleti que, se eu não conhecesse o Dique, o visitasse pela primeira vez, com certeza as imagens iriam me surpreender, impactar, como deve ser com os turistas. Quando já estava bem perto do restaurante *Habib's*, mais pescadores ocupavam as margens da lagoa. Só nessa borda do Engenho Velho de Brotas eu presenciei uma família de turistas fazendo *selfies* individuais, o que foi muito engraçado e estranho; vi as duas mulheres cristãs que ficam em pé com livros da igreja que elas frequentam, os praticantes de atividades física, as crianças e seus responsáveis, pessoas conversando nos bancos e os pescadores. Pensei que quem melhor está aproveitando o Dique são os pescadores e as crianças, acredito que são as práticas mais prazerosas, segundo meu ponto de vista.

A área onde está a academia, frequentada por todo tipo de pessoas (jovens, idosos, homens e mulheres), eu defino como uma paisagem alegre: além da variedade e a movimentação das pessoas, elas conversam entre si, há a presença dos patos e gansos da lagoa e os aparelhos coloridos em branco e vermelho também dão um novo tom à

paisagem. É outro ponto de encontro, pois “o homem é gregário e é natural que se reúna” (CULLEN, 1996, p.105). É isso o que o autor defende quando explica o ponto focal como local onde objetos fixos atraem pessoas: elas são atraídas no Dique pelas sombras das árvores, pelos brinquedos dos parquinhos, pelos pontos comerciais, pelos aparelhos mobiliários de descanso ou de prática de atividade física. Quando me aproximei das aves para fotografar, eles tiveram o impulso de vir na minha direção e fizeram um ruído, eu me assustei e preferi seguir o caminho.

Me senti bem caminhando no Dique da maneira que eu estava, para observar as coisas, mas quando pratico caminhada e corrida como atividade física eu já não gosto tanto, fico desejando que acabe logo. As pessoas na área da academia que já se conhecem interagem entre si e quando se encontravam no percurso da caminhada se cumprimentavam. Lembrei que passo de ônibus pela borda do Tororó e é outra experiência, outro ponto de vista, o ônibus é mais alto do que meu corpo e, em movimento, é uma paisagem mais efêmera, que some e aparece, como um rolo de filme de cinema; mas é muito bom ver a lagoa e sua extensão da altura da janela do ônibus, com o vento no rosto.

Me deparei com uma paisagem que me remeteu a uma ponte, pelo uso das guardas, mas não é uma ponte. São as proteções usadas para guardar os corpos do impacto com os automóveis ou de uma queda na lagoa. Foi quando me recordei da leitura de Cullen (1996), também referente ao desnível, com a margem da lagoa separando o nível da água em relação ao nível do calçamento. Há pessoas que percebi que estão sempre por lá, principalmente os praticantes de atividade física. Fazia calor, apesar de ventar, na verdade a sensação de “quentura” é porque estava me movimentando, mas a brisa do fim da tarde não parava de soprar. O chato de caminhar no Dique são as pessoas dentro dos automóveis quando o trânsito para, elas ficam nos observando; a exposição do parque nos dias de hoje em que nos privamos tanto é algo incômodo, lembrei-me então do que afirma Marcelo Brito (2017) sobre estar no espaço aberto, nas vias, nas ruas, como espaço onde devemos estar prontos de alguma forma para encarar e ser encarado. Essa troca incômoda e pouco direta me fez recordar que era um jeito de interagir. Um misto de sensações, pois, ainda assim, com o incômodo do olhar, ainda havia uma sensação de liberdade e de leveza ao poder caminhar contra o vento que insistia em bater na pele. Foi bom. Bom, pois é uma palavra pequena, simples, mas positiva, não é exagerada. Essa foi a sensação.

FIGURA 43 – BAIRRO DO TORORÓ AO FUNDO



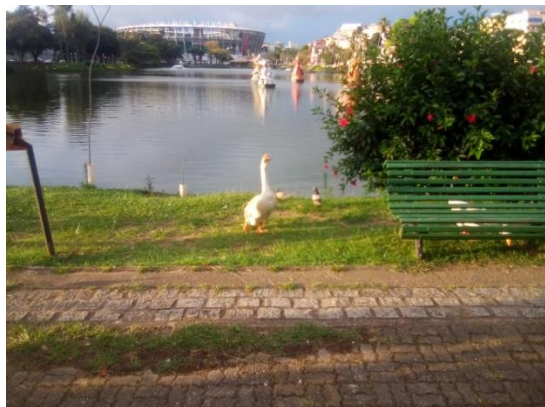
FONTE: A autora (2019).

FIGURA 44 – ÁREA DA ACADEMIA

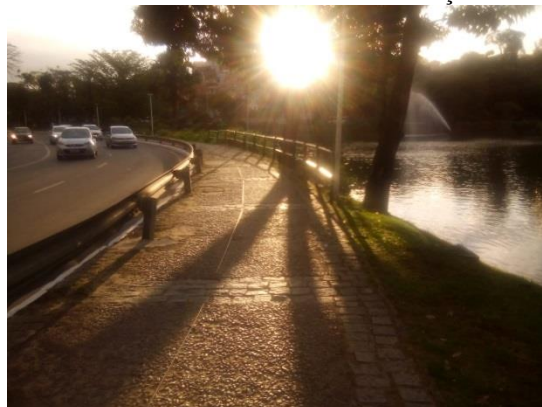


FONTE: A autora (2019).

FIGURA 45 – AVES NA BEIRA DA LAGOA FIGURA 46 – GUARDAS DE PROTEÇÃO



FONTE: A autora (2019).



FONTE: A autora (2019).

Meu esposo me acompanhou de perto enquanto praticava atividade física e me avisou que iria chover. De fato, o vento que insistia era um aviso de que o céu estava fechando com as nuvens. Torci que não chovesse e adiantei a caminhada. Ao final da tarde havia muitos pescadores nas margens e essa presença é constante a cada curva da lagoa. Deparei-me com um banco isolado em meio ao gramado cortado e essa foi uma imagem que se mostrou interessante para mim, talvez pelo gramado muito rasteiro, com o banco único voltado para a via, pensei que seria melhor o banco voltado para a lagoa. Percebi também novas árvores plantadas no Dique.

Lembrei da integração das árvores, do banco, da guarda. O aqui e o além de que fala Cullen (1996) se revela: o aqui era a borda do Engenho Velho de Brotas, o calçamento que piso no momento. O além com toda certeza era a borda oposta, as casas no alto, a frente que ainda alcançaria na caminhada. A visão serial aparecia constantemente enquanto caminhava no Dique, talvez pelo seu formato sinuoso. Primeiro via um pedaço de um barco que estava parado, à medida que caminhei mais

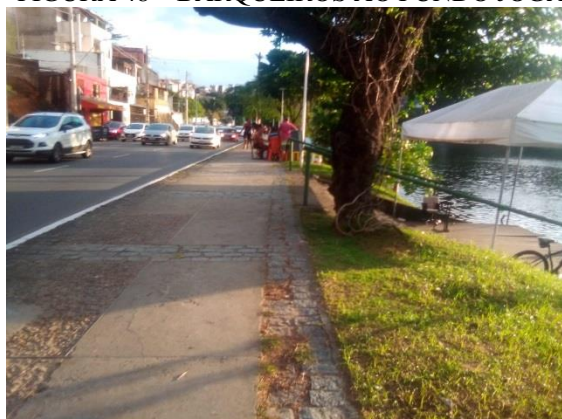
um pouco via os barqueiros jogando e, quando finalmente estava ao lado deles e encarei toda a cena, eu tive a completude dessa paisagem.

FIGURA 47 – BANCO E GRAMA RASTEIRA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 48 – BARQUEIROS AO FUNDO JOGANDO



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 49 – BARCOS NA LAGOA



FONTE: A autora (2019).

Meu olfato foi aguçado no momento em que passei por um banco próximo ao *pier* dos barcos, onde, sentado, um homem fumava charuto. Incrivelmente, me dei conta de que não percebia o cheiro dos combustíveis dos automóveis no entorno, talvez o meu olfato já tenha se acostumado com o trânsito de uma cidade grande e por isso não o

distingui; e, de fato, meu olfato se aguçou com cheiros inesperados, como o do charuto. Os barqueiros passam mais tempo jogando do que com os barcos. Uma das minhas paisagens preferidas é a de uma árvore que parece querer mergulhar na lagoa, é bem poética, é tocante como uma poesia para mim. As árvores do Dique do Tororó são muito encantadoras. Não tem como não acreditar na energia da natureza que atrai o povo de Axé para cá.

É importante ressaltar que nessa hora do dia havia muita gente em volta do Dique, é um dos horários com maior presença e movimentação de pessoas. Segui para o final da borda do Engenho Velho de Brotas quando me aproximava do viaduto que estava, literalmente, carregando muitos automóveis. Refleti, então, como um elemento pode modificar a paisagem. Nesse momento me recordei das aulas do professor Clímaco Dias (2019), quando falamos dos fixos e fluxos, o viaduto é isso, é uma materialidade carregada de conhecimento e técnica que permite o fluxo da cidade. O vento ficou mais forte próximo ao viaduto, porque vai chover e porque existe ali uma grande abertura para a Avenida Vasco da Gama à minha esquerda. Escolhi a aproximação com o viaduto para exemplificar um bom momento de visão serial.

Primeiro o viaduto estava na minha frente, caminhei e, à medida que me aproximava, a ideia de grandeza do viaduto perante o meu corpo some. Diminui a grandeza do viaduto. Aparece uma espécie de esconderijo, de lugar recuado, como se eu “adentrasse”, me recolhesse no viaduto. Também me remeteu ao aqui e além já mencionado anteriormente a cada passo que foi dado.

FIGURA 50 – VISÃO SERIAL 1



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 51 – VISÃO SERIAL 2



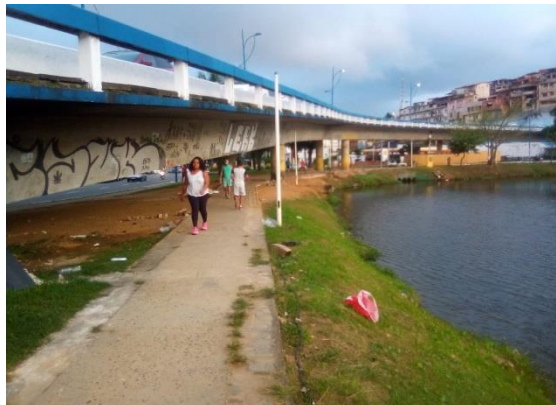
FONTE: A autora (2019).

FIGURA 52 – VISÃO SERIAL 3



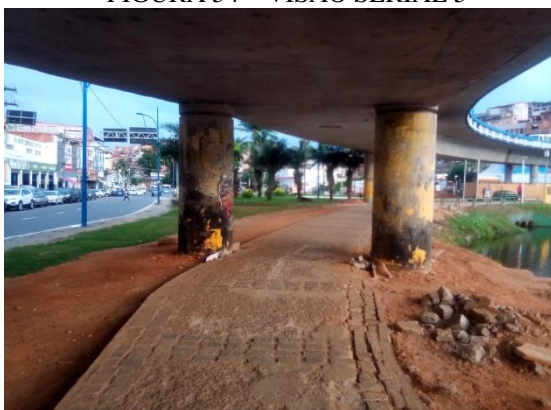
FONTE: A autora (2019).

FIGURA 53 – VISÃO SERIAL 4



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 54 – VISÃO SERIAL 5



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 55 – VISÃO SERIAL 6



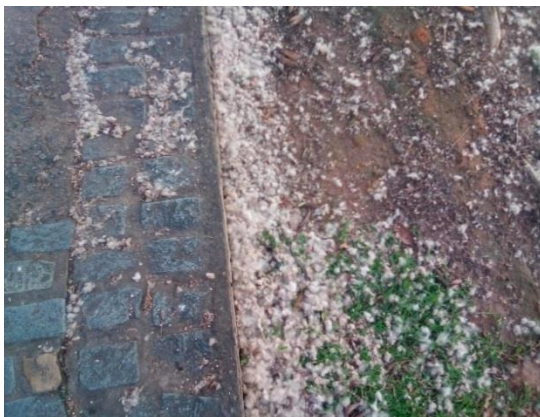
FONTE: A autora (2019).

Após “entrar” no viaduto e ir para debaixo de sua estrutura, é como se retornasse ao processo de sair de dentro da sua guarda à medida que continuei a caminhar. Ele retoma a sua grandeza e sua função de ligar as vias. É importante dizer que o viaduto é local de proteção quando chove para os frequentadores e principalmente o é para as pessoas em situação de rua a todo o momento. No instante em que passei por ele, por exemplo, havia um homem deitado, dormindo, enrolado em um cobertor. Viaduto Rômulo Almeida: no momento observado e descrito ocorria uma obra para manutenção de suas pilastras.

O Dique é bem sinuoso e havia pescadores em cada curva de sua borda no fim da tarde. No início das visitas de campo não observei tantos pescadores assim. A presença de pessoas que vão e voltam do trabalho aumentava com o passar das horas e a chegada da noite. Um dos pescadores lançou a vara no momento em que eu caminhava após o viaduto. Quando já estava na cabeceira da Estação da Lapa fiquei surpreendida, pois esta é uma das áreas do Dique mais sujas e com odor forte, a lagoa está sempre suja, o gramado sempre mal cuidado. Mas, nesse dia, a lagoa parecia que havia sido limpa e a grama podada: tudo ficou mais bonito, com florezinhas caídas da árvore que

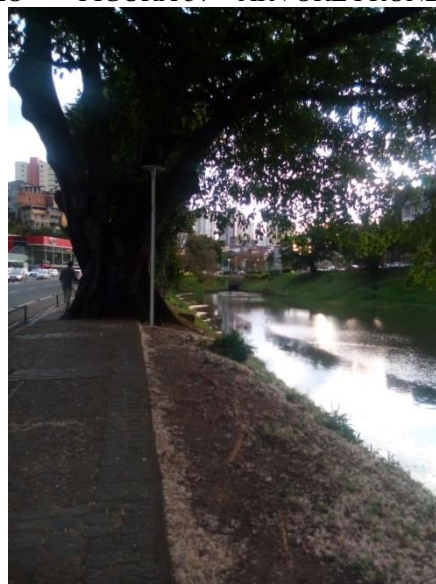
enfeitavam o chão. Para além, identifiquei os prédios no bairro dos Barris. Pela primeira vez eu achei essa localidade da ponta próxima à Estação da Lapa agradável. O vento ficou mais forte e a ameaça de chuva também. Nesse ponto as árvores têm troncos grandes e largos, são árvores frondosas com cipós pendurados; sinto a situação como um momento de mistério e chega a escurecer um pouco. Era uma paisagem inesperada. O odor desagradável que normalmente toma conta dessa área não é perceptível, mas sim um cheiro forte de plantas.

FIGURA 56 – FLOREZINHAS ENFEITANDO O CHÃO



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 57 – ÁRVORE FRONDOSA



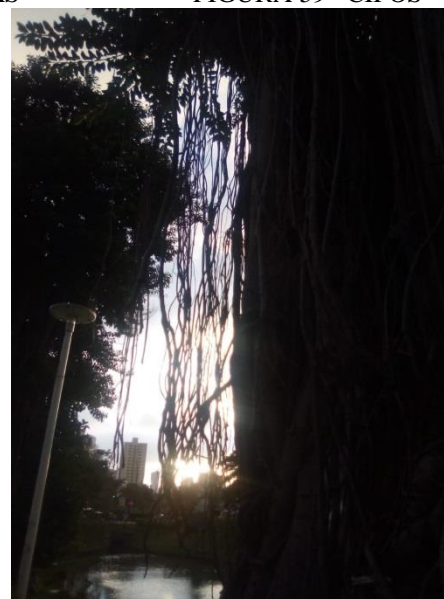
FONTE: A autora (2019).

FIGURA 58 – MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAS



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 59– CIPÓS



FONTE: A autora (2019).

Porém, ao chegar cada vez mais perto dos arbustos que antecedem a academia o tal odor apareceu, é um local onde os homens urinam, infelizmente. Encontrei até um caminho que ainda não tinha percebido. Existem dois caminhos para se chegar na borda do Tororó/Jardim Baiano, ou passando próximo à academia territorializada pelos homens, ou por fora, já próximo ao cruzamento e à faixa de pedestres que liga a via da Vasco da Gama, a Estação da Lapa e Avenida Centenário.

Escolhi ir por fora, pois me senti repelida a passar por dentro, mesmo após dias frequentando o Dique e mesmo algumas mulheres afirmando que não presenciam nenhum assédio ou coisa do tipo nesse local. Meu corpo escolheu o caminho de fora, talvez por ainda ser um corpo que age na defensiva na maioria das experiências que tenho na rua. Nesse cruzamento, na sinaleira, me recordei que durante a semana alguns jovens vendem pacotes de balas de gengibre, cada pacote a um real com cinco balas. Apenas pela manhã. Quando a sinaleira fecha eles correm e colocam os pacotes nos retrovisores dos carros, antes da sinaleira abrir para os automóveis eles voltam pegando os pacotes que foram ignorados ou pegando os valores dos pacotes que foram aceitos. Meu esposo sempre compra e eu fico a observar. Eles usam roupas leves, tênis, são educados e com muito condicionamento físico para a venda a cada sinal vermelho. Sempre quis entrevistá-los, mas por conta da atividade que fazem nunca os vejo parados, também não gostaria de atrapalhar o que eles fazem para obter uma renda. Fiquei apenas com minha percepção dessa paisagem.

FIGURA 60 – ARBUSTOS COM FORTE ODOR FIGURA 61 – NOVO CAMINHO PERCEBIDO



FONTE: A autora (2019).

FONTE: A autora (2019).

FIGURA 62 – CAMINHO QUE LEVA À ACADEMIA NO CENTRO
E CAMINHO EXTERNO À ESQUERDA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 63 – CRUZAMENTO DE VIAS



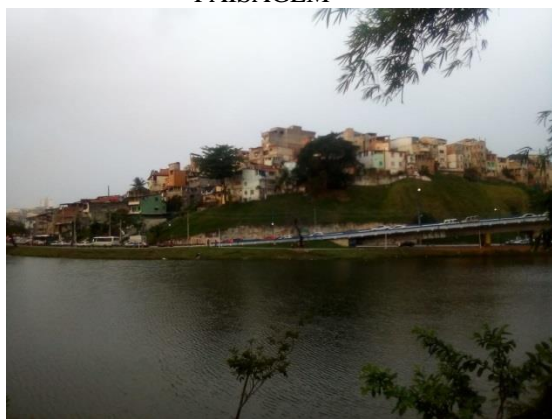
FONTE: A autora (2019).

Segui na borda do Tororó/Jardim Baiano, em direção à Fonte Nova. O vento ficou ainda mais forte, iria chover com certeza, o céu já tinha mudado, então passei a torcer para que a chuva fosse passageira e fina. Ainda havia muita gente caminhando, cada vez mais, e o trânsito intensificando o seu fluxo. Sempre levo o guarda-chuva para meus campos, mas nesse dia eu resolvi não levar. As primeiras observações desta borda do Tororó/Jardim Baiano é que, comparado ao outro lado, parece haver menos equipamentos de mobiliário urbano, dando a impressão de ser mais aberto do que o outro lado. Sempre há um pescador nas margens do Dique. A vegetação parece mais “selvagem” e menos cuidada do que no outro lado, apesar das novas árvores plantadas; nesta borda o odor das plantas é forte, é onde há bambuzais e árvores com o pano branco que o povo do Axé coloca, pensei que talvez a equipe do paisagismo/jardinagem

não trabalhe tanto aqui por ser uma área de oferendas dos rituais das religiões de matriz africana.

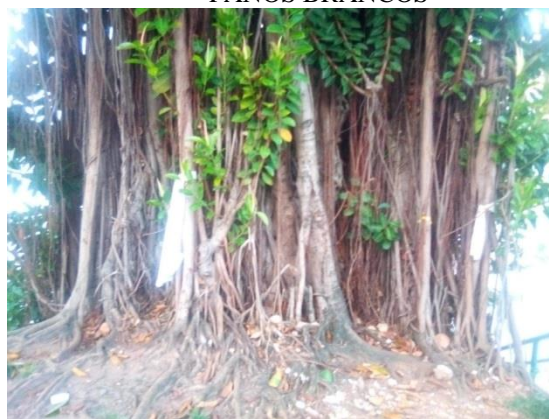
Mas pensei que pode ser por descuido também, pois as margens se encontravam num visível processo de assoreamento: havia grande acúmulo de vegetação que cresce para dentro da lagoa e muito lixo. Mais uma vez pensando no aqui e no além, o viaduto que já foi aqui, se torna além na paisagem. Nesse caso penso o aqui e o além também como intervalo, pois, como afirma Merleau-Ponty (2018), há uma grandeza aparente das coisas e a sua grandeza real. Aparente porque o tamanho real da coisa percebida não muda. O que muda é a forma como a vejo, isoladamente, como o viaduto que de longe agora é menor (grandeza aparente) do que o seu tamanho real.

FIGURA 64 – VIADULTO ALÉM NA PAISAGEM



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 65 – BAMBUZAIS, ÁRVORES E PANOS BRANCOS



FONTE: A autora (2019).

A minha visão foi mais aguçada nessa experiência. O tato também é aguçado no momento em que sinto o vento, os primeiros pingos da chuva e quando me atentei para o chão que piso. Encontrei mais árvores novas e ao fundo as antigas. No além, ainda observando o viaduto, o fluxo de carros só crescia, o céu escurecia e apenas as habitações permaneceram.

FIGURA 66 – NOVAS ÁRVORES PLANTADAS FIGURA 67 – PINGOS NA LAGOA E ALÉM AS HABITAÇÕES



FONTE: A autora (2019).



FONTE: A autora (2019).

Um dos *piers* dessa borda se apresentou na minha frente: pensei que os *piers* são boas surpresas e bons equipamentos, porque nos aproximam da água. Os pescadores e os meninos que pulam na lagoa devem adorar, estão sempre por lá. Um senhor que pescava nesse *pier* corria da chuva. O *pier* é próximo à sede do bloco carnavalesco Apaxes do Tororó e do posto de Combustíveis BR. Próximo ao *pier* o mau cheiro também é forte, os pescadores, o povo do Axé e as famílias também colaboram, infelizmente, com a sujeira da lagoa com instrumentos de pesca, garrafas de bebida etc.; até boneca de plástico eu consegui identificar boiando na lagoa, entre outros objetos que já presenciei em outros momentos. Além disso, há muitas árvores e é uma área onde deixam muita oferenda nos najés²⁴, nas bases das árvores, e isso ajuda com o cheiro bem forte de decomposição de alimentos. Toda vez que passo embaixo de uma árvore frondosa do Dique, tenho sensação de que estou protegida, abrigada, ainda mais quando chove.

FIGURA 68 – BASE DAS ÁRVORES COM NAJÉ



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 69 – O CAMINHO



FONTE: A autora (2019).

²⁴ Najés são pratos de barro ou cerâmica.

Caminhei mais e pensei nos “cheiros do Dique”, como diz meu esposo que sempre corre por lá, que são variados e intensos. No momento o cheiro era sublime, cheiro de terra molhada da chuva. Foi uma sensação maravilhosa, a chuva, que antes era um dilema, me presenteou com esse cheiro. Já minha audição às vezes parecia que era anulada, principalmente em relação aos barulhos do trânsito. Talvez seja o sentido que mais oscila. Foi como se os ruídos do trânsito fossem pano de fundo, não é o principal da paisagem, já que os outros elementos chamam mais atenção e se mostram mais. Cheguei, então, a uma área com dois quiosques que não funcionam como tal, na verdade servem de abrigo para as pessoas em situação de rua. Os equipamentos não têm uso e valor para a função do comércio como foram pensados.

FIGURA 70 – QUIOSQUES FECHADOS



FONTE: A autora (2019).

Meu paladar ficou ainda mais aguçado pela sede ao caminhar demais ao longo do percurso e meu entusiasmo aumentou desde quando passei pelos restaurantes próximos à Fonte Nova no início da caminhada, com o cheiro da pizza e das carnes. Mesmo assim, interrompi meu pensamento para mais uma surpresa que se revelava no caminho: as esculturas de Orixás que se escondiam inicialmente atrás das folhas das árvores e, à medida que me aproximava, podia admirá-las de lado, para então poder vê-las de frente.

FIGURA 71 – ESCULTURA ESCONDIDA NAS FOLHAS



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 72 – LATERAL DA ESCULTURA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 73 – ESCULTURA DE FRENTE



FONTE: A autora (2019).

A primeira escultura, dentre as que ficam no calçamento é a mais bem cuidada²⁵, sua base foi pintada, mas não há mais as plaquetas com os nomes e a apresentação de cada Orixá como havia logo após a reforma do Dique. Eu gosto da presença dessas esculturas, porque são representações da energia da natureza que envolve a lagoa e as religiões de matrizes africanas. Mesmo sabendo que servem mais ao turismo e concordando com o professor Clímaco Dias (2019), em sala de aula, que defende que no

²⁵ Algumas das esculturas que ficam na borda do Tororó/Jardim Baiano foram danificadas, principalmente os braços, no entanto, nunca presenciei vandalismo, mas sim pessoas que sobem para fotografar e se apoiam nas obras de arte, além da vegetação que crescia nos braços das mesmas. Penso que esses foram os principais motivos de deterioração de algumas esculturas. Recentemente, observei que foi realizado o reparo e a recuperação necessários.

espaço público não deveria existir símbolos de um ou outro grupo social, tornando-se, talvez, um território, na concepção de Serpa (2019 b), as esculturas me agradam enquanto arte.

Caminhei na chuva, em busca de um abrigo e me deparei com uma árvore imensa. Fotografei o tamanho da árvore em duas partes, a escala é o gatinho que está na sua base, quase camuflado no lado esquerdo do tronco: inclusive, alguns frequentadores do Dique deixam vasilhas de água e ração em alguns pontos dessa borda do Tororó para alimentar os gatos de rua. Existem vários tipos de árvores no Dique, muito altas e adoro olhar para o topo delas. Tenho a curiosidade de saber cada tipo de vegetação presente no parque. Observei naquele momento que o ponto de ônibus virou abrigo para as pessoas do outro lado da rua.

FIGURA 74 – BASE DA IMENSA ÁRVORE



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 75 – TOPO DA IMENSA ÁRVORE



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 76 – PONTO DE ÔNIBUS COMO ABRIGO DA CHUVA



FONTE: A autora (2019).

Esse ponto localiza-se próximo a uma área que é cercada e que abriga a Fonte do Dique; dentro dessa área há um monumento muito parecido com o monumento de cor branca próximo aos restaurantes: é um tipo de fonte, uma estrutura redonda com outra estrutura no centro mais elevada do que a que a que a circunda. Cullen (1996) chamaria tais monumentos de “objetos significativos”. Ou seja, aqueles que se destacam, como o monumento próximo aos restaurantes, fotografado no início do percurso, bem como as esculturas dos Orixás, que são também bastante notados. Essa área cercada fica ao lado do órgão municipal, a Superintendência de Obras Públicas (SUCOP). Já me aproximava do final da volta na lagoa, bem perto do Jardim Baiano, mas gostaria de ter visitado essa área cercada, que se assemelha a um anexo do parque do Dique do Tororó, como um parque menor.

FIGURA 77 – FONTE DO DIQUE EM
ÁREA CERCADA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 78 – SUCOP



FONTE: A autora (2019).

Parei um pouco, pois a chuva engrossou e me protegi dela em um quiosque também sem uso, próximo à antiga pista de patins que serve para diversas práticas de exercícios físicos.

Continuei a caminhar minutos depois quando a chuva amenizou, a noite já vinha chegando e as nuvens ajudaram a escurecer o espaço. No fundo do prédio do Sindicato dos Petroleiros da Bahia (SINDIPETRO-Bahia), no Jardim Baiano, há um grafite que agora faz parte da paisagem do Dique e me remete ao cenário político vivido pelo país atualmente: nesse momento sai da escala local para a nacional. Na parede os rostos e nomes de Moa do Katendê e Marielle Franco²⁶, assassinados por questões políticas. É uma lembrança necessária, que causa revolta. Mas o grafite é também uma homenagem, uma lembrança da luta que precisa continuar, como meu percurso.

²⁶ Marielle Franco era vereadora do Rio de Janeiro e foi brutalmente assassinada pelo seu posicionamento e atuação política.

Muita gente seguia caminhando mesmo com a chuva. O asfalto estava bem molhado, as gotas de chuva se chocavam com o espelho d'água do Dique. As esculturas dos Orixás que flutuam na lagoa estavam iluminadas, eram 17:15 horas da tarde. Recordei-me do aqui e do além mais uma vez: já no fim da minha volta no Dique, vejo distante, além da curva da via, a barraca de água de coco de Reginaldo Filho, entrevistado e sujeito atuante no parque. Pensei que é além, e, com mais um pouco de caminhada, logo seria aqui.

FIGURA 79 – GRAFITE COM ROSTOS DE MOA DO KATENDÊ E MARIELLE FRANCO



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 80 – PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA FAZENDO CAMINHADA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 81 – CHUVA NA LAGOA E ESCULTURAS ILUMINADAS



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 82– ASFALTO MOLHADO



FONTE: A autora (2019).

Como o rapaz que corria agora na minha frente, eu experienciei constantemente o aqui e o além enquanto percorria em volta da lagoa. Ou o além e o aqui, quando alcançava um ponto que antes era distante.

FIGURA 83 – BARRACA DE COCO ALÉM



FONTE: A autora (2019).

Ao lado da barraca de coco de Reginaldo Filho, existe um parquinho, que estava vazio por causa da chuva, mas que principalmente nos finais de semana é tomado por crianças. Caminhei até a área dos restaurantes e avistei a ladeira do Pepino na outra borda: gosto de ver a ladeira do Pepino, é curioso, porque os carros ficam estacionados bem inclinados conforme a morfologia da ladeira. Caminhei por quarenta e cinco minutos, registrando tudo o que foi possível. As pessoas que caminhavam e os carros na via que passavam me recordaram a ideia de pés e pneus²⁷ de Cullen (1996): na borda de todo o Dique o asfalto preto da via nos indica a passagem de um trânsito intenso, bem

²⁷ Cullen (1996) traz os elementos pés e pneus em seu livro para identificar os lugares e passagens diferentes para pedestres e/ou automóveis e como esses elementos caracterizam as paisagens urbanas. No caso do Dique do Tororó os pés (pedestres) concentram sua passagem na calçada, enquanto os pneus (automóveis) são prioridade da via que margeia o parque.

como o calçamento do parque indica o caminho para as pessoas, e a grama, que não é restrita ao uso, convida para piqueniques como já presenciei nos finais de semana e como eu mesma já participei de um. A chuva voltou a engrossar. De fato o Dique apresenta uma riqueza de elementos na paisagem urbana. As árvores, por exemplo, nos abrigam e acolhem em uma chuva passageira. Os meninos que encontrei no início da caminhada ainda pulavam do *pier* quando eu finalizei o percurso.

A presença de homens no Dique é maior que a de mulheres na maioria das vezes que estou no parque, isso revela à presença-ausência da mulher na rua, como constatou Crislane Rosa (2018) em sua monografia²⁸. Para Rosa (2018) a ausência das mulheres nos espaços abertos ao público, nas praças e ruas tem como um dos motivos a divisão sexual do trabalho:

A divisão sexual do trabalho, portanto, se expande por todas as outras relações na sociedade, inclusive no condicionamento dos espaços os quais as mulheres devem ocupar, que permanecem no âmbito privado, enquanto aos homens é permitido o domínio do público (ROSA, 2018, p.79).

Avistei a Fonte Nova. Uma mulher de branco passou por mim rapidamente, ela deve ter acabado de fazer algum ritual religioso, pois o cheiro de alfazema ficou no ar; logo que eu avistei esse corpo, ele sumiu, isso é uma característica do povo de Axé, a rapidez como chegam, fazem o ritual e vão embora. Finalizei esse percurso com o aroma de alfazema.

Esse percurso teve como resultado o “Mapa Percurso no Dique do Tororó: A minha percepção”, inspirado na prática realizada pelo professor Marcelo Brito no Tópico Especial Narrativas Cartográficas (2018) – essas aulas foram o resultado da tese que também é livro, já citado anteriormente, de Brito (2017) – bem como nas discussões do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação acerca do papel da representação na Geografia. E saliento aqui a afirmação de Jorn Seemann (2014), de que “a melhor representação da realidade é a própria realidade” (SEEMANN, 2014, p. 79), não sendo esse mapeamento apenas a representação do parque urbano a partir de uma visão vertical, mas também a representação das “abstrações e reduções” do que experienciei no Dique do Tororó. E, ainda de acordo com o autor, uma representação “insuficiente para as experiências mediadas pelos cinco sentidos” (SEEMANN, 2014, p. 79).

²⁸ Em sua monografia, Crislane Rosa analisa a apropriação do espaço público a partir dos critérios de classe social, raça e sexo no bairro do Alto das Pombas em Salvador.

FIGURA 84 – MAPA PERCURSO NO DIQUE DO TORORÓ: A MINHA PERCEPÇÃO.



FONTE: Elaboração Renata Silva e Fabrine Lima (2020).

Após o longo período de realização de entrevistas e do percurso realizado a partir da leitura de Gordon Cullen (1996), surgiu a necessidade de um segundo encontro

com alguns dos entrevistados – conforme sua disponibilidade – buscando detalhar e aprofundar a experiência daqueles indivíduos em relação à paisagem do Dique do Tororó.

3.3 REENCONTRO NO PARQUE

Foram três entrevistados que estiveram disponíveis para um reencontro. Esse reencontro teve como objetivo estar com eles no momento em que realizavam suas práticas no Dique, orientando-os para que descrevessem tal momento, indicando elementos, sensações, emoções, como a prática que realizei no meu percurso individual baseado em Cullen (1996), mas respeitando a ação dessas pessoas nesse espaço.

3.3.1 Josilene: as caminhadas com o seu cão

Na quarta-feira (11/09/2019), por volta das 17:00 horas, a chuva tinha parado no Dique do Tororó e encontrei com Josilene e seu cachorro, Montila. Estávamos na borda do Tororó, próximo ao posto de combustíveis BR e à sede do bloco Apaxes do Tororó. Pedi para acompanhá-la em sua caminhada e solicitei que ela expressasse o que percebia e sentia enquanto andávamos em direção ao Estádio da Fonte Nova. O que mais chamou sua atenção em termos corporais naquele momento foi o tempo atmosférico:

Hoje, particularmente pelo tempo chuvoso, se bem que foi de repente porque eu nem esperava que fosse chover assim. Tanto é que eu levei bem mais tempo pra sair de casa e aí para atravessar mesmo ali, nossa, eu fiquei quase uns seis, sete minutos esperando, como não tem faixa nem nada. Aí você já fica logo um pouquinho estressada, mas o caminhar aqui é tranquilo (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Para ela a caminhada melhora o seu humor. E também o humor do seu cachorro. “Demais, demais, ainda mais se eu caminho com o cachorro, né? [...] só em falar a palavra passear, nossa. Ele fica eufórico mesmo.” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). Ressalto a partir dessa fala que com a reforma de 1998, a presença de cães era proibida no parque.

A entrevistada comenta que, mesmo com o trânsito agitado de um fim de tarde e com pista molhada, a sensação é de tranquilidade por causa da vegetação:

Olha, eu percebo assim, apesar da gente estar aqui, no trânsito e tudo eu sinto uma tranquilidade. [...] Eu acredito que seja o verde das árvores, eu acho que

elas transmitem uma paz... Pelo aroma do local. Você nem sente assim, o cheiro do combustível, você consegue sentir mais o aroma aqui das árvores... É bem gratificante (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Quando questionei sobre o corpo, os cinco sentidos e o que ela mais usa enquanto caminha, a entrevistada apontou o processo de respiração, a visão e descreve o que enxerga:

O que mais me ativa acho que é a respiração, a gente foca mais na respiração, na visão também, né? Eu enxergo o ambiente de tranquilidade, como eu posso dizer? De satisfação para o corpo da gente, que passa o dia inteiro trabalhando, chega nesse horário a gente sai para caminhar um pouquinho, acaba sendo gratificante (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Os elementos da paisagem que ela mais percebe são: “As árvores, o lago, a lagoa aqui do Dique que é muito linda, o Dique, as pessoas também” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). Em relação ao tempo com ameaça de chuva ela diz que é algo agradável: “É agradável, a chuva só é um incômodo antes de você sair de casa, porque dificilmente você sai quando já está chovendo, mas você já estando aqui... Eu acho tranquilo quando chove” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). O que mais a agrada no momento em que a acompanho é a presença do seu cachorro: “Meu cachorro! (risos) A companhia do meu cachorro” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). Nossa conversa foi interrompida por sirene e buzinas de automóveis e questionei sobre algo desagradável naquele instante. E ela atentamente indica esses sons do trânsito: “Neste momento eu creio que seja o barulho dos carros, buzinas, sirenes” (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019). A entrevistada sempre caminha com seu cão e por isso perguntei sobre a relação das pessoas com os animais no Dique:

Animais e pessoas eu não tenho do que reclamar não, as pessoas gostam, sempre brincam com ele... O desagradável é justamente quando a gente vê a pessoa passear com o cachorro, o cachorro fazer as necessidades e a pessoa deixar ali, né? Isso é bastante desagradável (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Ficamos um tempo só caminhando e não falamos muito, deixei ela perceber e expressar algo livremente. E ela disse ser difícil responder minhas perguntas por ser uma paisagem do seu cotidiano:

É difícil expressar as coisas que a gente... Não sei (risos), não sei te dizer mesmo porque é difícil. Eu acho que não é que a gente observe pouco, eu acho que é pelo hábito que eu tenho de andar todos os dias aqui, então, assim, tudo pra mim aqui já é do cotidiano, aí acaba que eu não percebo muito assim

as diferenças da paisagem ou de algum acontecimento, porque como eu faço todos os dias... Com exceção das segundas-feiras, às vezes na segunda eu não venho, mas normalmente de terça a domingo eu passeio com ele aqui e tudo se torna de alguma forma comum (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

Segundo ela, se fosse uma paisagem, um lugar visto pela primeira vez, ela teria mais o que contar e detalhar. Para ela, a percepção é mais intensa à primeira vista ou quando a paisagem cotidiana sofre alguma alteração, como nos dias de jogo. Essa “banalização” do que é vivido é sinal da geograficidade de que fala Eric Dardel, que “exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecê-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica” (DARDEL, 2015, p. 34).

Mais, bem mais. Porque é muito novidade na paisagem pra você ver pela primeira vez, mesmo que seja árvore, lago como é aqui, mas seria diferente, aí talvez... O que diferencia um pouco a paisagem do Dique são os dias de jogos, que você sempre observa uma movimentação de pessoas maior, o trânsito fica bastante carregado. [...] aumenta os ambulantes, então muda a paisagem completamente. (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

De acordo com Josilene, a paisagem é cotidiana, pois ela frequenta a paisagem que é vista de sua casa:

É cotidiano pra mim porque assim, é próximo da minha casa, é o lugar que a gente tem pra fazer nossa caminhada, dá pra fazer atividade física, passear com o cachorro, então é o local mais próximo, então de alguma forma ele se torna meu cotidiano. É visão também da minha casa, como eu moro por essa parte eu estou sempre observando... (Josilene Oliveira, praticante de atividade física, 25/03/2019).

FIGURA 85 – O DIQUE DO TORORÓ VISTO DE CASA.



FONTE: Josilene Oliveira (2019).²⁹

²⁹ Fotografia realizada e cedida pela entrevistada Josilene Oliveira.

3.3.2 Janaíra: o trajeto para o trabalho

Quarta-feira (11/09/2019), por volta das 18:10 horas, após finalizar o reencontro com Josilene, me encontrei com Janaíra em local próximo ao restaurante A Porteira, já na borda do Engenho Velho de Brotas. Eu a acompanhei até o posto de emergência de odontologia da prefeitura municipal de Salvador, seu local de trabalho. Solicitei que ela expressasse sensações, sentimentos e elementos que chamassem sua atenção no percurso que a leva para o trabalho. O tempo livre e as exigências dos trabalhos são uma contradição expressa na fala e na fisionomia de Janaíra. Há um desejo de ócio, de tempo para outras atividades, mas a demanda de trabalho não costuma permitir.

Cansada (risos), cansada que eu venho de outro trabalho. Eu saio de um trabalho e venho aqui para outro. Assim, aqui no Dique, eu gosto muito daqui, é uma sensação de... de estar livre, de leveza. Por conta do espaço em si, um espaço mesmo de lazer, eu até estou querendo fazer alguma atividade e não tenho tempo, por causa do trabalho (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019).

No percurso ela sente um misto de ansiedade e preocupação com o serviço que irá começar e a sensação de relaxar a mente e se energizar por estar próxima da natureza:

Sensação de estar pensando como está lá no trabalho, se está muito cheio, a preocupação de como está o plantão. E aqui é um caminho que eu me sinto assim, revigorando as energias, repondo mais as energias com a natureza. As pessoas passando para malhar incentivam até mais a eu tentar fazer isso um dia. [...] relaxa a gente, principalmente relaxa minha mente (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019).

Esse cansaço de Janaíra é uma reação do seu corpo que indica como foi seu dia e como ela experiêcia o espaço do Dique no seu cotidiano. Francine Barthe-Deloizy afirma que “é por meio do meu corpo que eu recebo, percebo e produzo informações.” (BARTHE-DELOIZY, 2011, p. 9, tradução nossa)³⁰, e, no caso de Janaíra, “a fadiga, por exemplo, pode representar um indicador relevante para avaliar a jornada de trabalho” (BARTHE-DELOIZY, 2011, p. 11, tradução nossa).³¹ Os elementos que a entrevistada mais foca sua atenção no momento em que se deslocava para o trabalho são: o trânsito, as pessoas e a vegetação.

O trânsito pesado, esse horário aqui o trânsito é muito pesado. As pessoas fazendo atividade física, buscando uma condição de vida melhor, buscando

³⁰ “C’est par le médium de mon corps que je reçois, perçois et produis des informations.”

³¹ “la fatigue par exemple peut représenter un indicateur pertinent pour évaluer la journée de travail”.

mais saúde. As árvores, eu acho bonito aqui. Até então ninguém conseguiu ainda destruir, tomara que não consigam, né? O espaço é muito bom eu gosto muito daqui (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019).

Para a entrevistada, que é transeunte no parque, é um pouco difícil expressar as sensações que a paisagem lhe causa, mas ela não sabe explicar o motivo. Para ela a paisagem é sempre igual, só há mudança na paisagem do parque por estação ou realização de alguma festividade ou algum evento. “Sempre igual, mas tem meses que muda, né? Tipo: na primavera, agora, eles devem fazer alguma ornamentação, no Natal é outro aspecto, tem suas mudanças a depender do período” (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019). O tempo chuvoso é o que a desagrada, pois o trânsito fica mais pesado. Por outro lado, é também o que a agrada, pois diminui o movimento no posto de saúde. “Desagradável é o trânsito que fica muito pesado com a chuva. Com o tempo assim fica muito pesado. Algo agradável é porque o movimento lá no posto cai quando chove. Os pacientes não vão com muita frequência” (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019). Além do tempo, o próprio parque influencia no movimento de pessoas que procuram atendimento no posto:

As pessoas vão malhar, tem alguma atividade por aqui, dia de domingo mesmo tem, aí acaba depois da atividade eles ‘ah vou passar ali pra ver como está meu dente e tal’. E sabendo eles que ali é emergência, mas vão, pra tentar ter alguma resposta. Passam pra fazer tratamento ou extração, mas só pode se tiver com alguma dor ou hemorragia, entendeu? (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019).

Em relação a tudo o que ela entende como partes e sentidos do corpo, o que ela mais usa quando está no parque a caminho do trabalho, seriam o coração, a visão e a audição:

O coração eu acelero na caminhada, como o corpo se movimenta acaba fazendo um esforço, porque eu também trago bolsa pesada e tal e tudo isso afeta, né? A visão, depois a audição por conta do barulho dos carros (Janaíra da Silva, transeunte, 31/07/2019).

Janaíra passa pelo Dique duas vezes na semana e ao longo de sua caminhada interage com as pessoas cumprimentando quem ela já conhece, principalmente os comerciantes.

3.3.3 Reginaldo: movimento, conversas e cotidiano

No domingo (15/09/2019), às 10 horas da manhã, o dia começou com ameaça de chuva, mas o Dique estava movimentado, pessoas dançando, andando de bicicleta, crianças e adultos praticando atividade física, esportes ou apenas passeando. Domingo é dia do projeto da prefeitura chamado Rua de Lazer durante o qual a via da borda do Tororó fica fechada para os automóveis. Ao chegar à barraca de coco de Reginaldo, um cliente se despedia, então iniciei o momento com ele a fim de que ele expressasse o que percebia da paisagem naquele instante:

Bom, o que eu vejo agora é uma pista que está fechada, proporcionando às pessoas um lazer e a prática de esportes e mais segurança, né? Porque quando essa pista está fechada as crianças podem brincar numa boa. Entre oito horas da manhã até as treze. Então daqui a gente pode observar o pula-pula, as crianças jogando bola, os pés de árvores frutíferas, cajá, manga, pau-brasil que não é frutífero, algumas palmeiras, coqueiros (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Eu questionei o entrevistado qual seria o pau-brasil e ele comenta sobre o cheiro da flor da árvore. “Pau-brasil é esse aqui de frente com a flor amarela, é uma flor que até exala um odor agradável. Muito boa aquela florzinha lá amarela. E aí o visual é esse, as pessoas caminhando, né?” (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019). Ele chamou atenção para a limitação da percepção a partir de sua barraca:

Então, daqui dessa janela não dá pra observar muita coisa, né? Mas o pouco que a gente vê aqui no dia a dia acaba fazendo parte do contexto, né? E tem o céu, né? Um pedaço do céu, tem o carrinho de pipoca e é isso assim, não tem muita coisa diante dessa janela. Tem uma parte da Arena Fonte Nova, mas as pessoas que sempre frequentam aqui que fazem essa paisagem se modificar ao longo do dia, a questão é essa (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

O indaguei sobre o que ele percebe naquele momento para além da visão:

De frente. Além da visão... Ainda dentro da visão, nas laterais, a gente consegue observar o parque, né? O parque aqui, árvores, outras árvores. Algumas residências, alguns prédios. E aí no momento, como falei, os veículos não têm acesso a essa parte do Dique. O que a gente consegue ver são pessoas indo e vindo, algumas se exercitando, outras passando e por aí. Além disso, além da visão é o som, né? [...] As folhas balançando aí pelo ventinho que tá fazendo no momento, né? E é movimento, é movimento das pessoas. **Você acha que a paisagem do Dique é movimento?** É movimento! (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Durante todo o tempo que estou com o entrevistado, pessoas passavam e o cumprimentavam. Sobre os elementos que o agradam e o desagradam na paisagem ele destaca as pessoas em situação de rua:

Desagradar em sim, não... Mas tem o que desagrada à sociedade que a quantidade de pessoas em situação de rua, né? É uma questão complexa, mas que precisa ser olhado, precisa ser mais organizado, porque algumas pessoas em situação de rua, até que o Estado tem algumas formas de tentar resolver

essas situação, mas não está resolvendo (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

E questioneei se de dentro da barraca dele é possível naquele momento perceber tais pessoas. Nesse instante, Reginaldo olhou pela janela lateral da barraca e afirmou:

Consigo sim, daqui da lateral da pra ver, sim. Essas pessoas, elas se juntam para consumir álcool, essas que conheço aqui próximas eu não vejo consumindo drogas, apesar de que o álcool no sentido que eles utilizam já potencializa, né? Quando eu cheguei logo cedo eles estavam fazendo a “vaquinha” para comprar cachaça. Aí eu perguntei ‘Pô véi, vocês já vão começar o dia com a cachaça? Não comem nada?’ Ele aí deu uma explicação que tinha uma senhora que bebia com eles, quando ela parou de beber, aí morreu. Porque o álcool parece que conserva. Eles dizem que são movidos a álcool. Eu até, eu fiquei ouvindo, né? Mas eu não concordei não. Mas uma pessoa que sai de uma situação assim como eles que consomem, são quinze garrafas de cachaça, se eu não me engano, ao longo do dia. Aquelas garrafinhas e tal e o corpo tá acostumado com isso. Aí é o que a gente vê, né? É o que a gente percebe. Essa situação (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

A sensação de ver tais pessoas com essas atitudes da sua barraca não é boa, mas, para Reginaldo, isso já faz parte da paisagem:

A sensação na verdade não é uma coisa boa, mas é o que a gente acaba se acostumando, faz parte da paisagem, é o que a gente vê todo dia. E aí a soma de todas essas coisas que a gente observa, que a gente sente, que a gente consegue visualizar, ela acaba no final do dia afetando de certa forma, mesmo que a gente não tenha consciência disso, nem percebe, porque são coisas que estão acontecendo ali, e a gente vai fotografando, introduzindo aquilo e eu acho que no final das contas todas essas coisas vão ter um efeito na nossa vida, então, é triste, né? Porque apesar das coisas não serem só boas, terem algumas coisas boas na verdade, existe também esse lado ruim da nossa sociedade (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Ele percebe na paisagem o aspecto da desigualdade social do país, um elemento que compõe a paisagem urbana não só no Dique do Tororó e que é de fato extremamente triste e desagradável. Mas, quando questionado sobre algo que o agrada na paisagem o entrevistado cita a interação das pessoas. “Agradável, as pessoas interagindo de todas as formas” (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019). Na barraca de Reginaldo as pessoas param para beber água de coco e dialogam sobre vários assuntos. A política, nessa época, considerando as queimadas que ocorriam na Floresta Amazônica, era um assunto dos mais exaltados, com discussões e pequenos debates, lembrando algo que se aproxima da esfera pública,

A paisagem, esse Dique que é muito bom, as árvores, as pessoas agradáveis [...]. Então, a importância são as pessoas que frequentam aqui, que vêm, que falam comigo, os pássaros aí voando, a gente repara. Como eu fico aqui nesse espaço eu acabo observando várias coisas assim, detalhes que eu não veria se eu tivesse assim passando... Quando não chega cliente, aí eu paro, começo a

observar, começo a rir sozinho vendo uma cena diferente. Aí é isso, são coisas boas, coisas ruins, mas as boas são... Alguém passa fala comigo, a gente vai trocando (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

A barraca do entrevistado tem a vista principal voltada para a via onde as pessoas caminham, então, questionei sobre a lagoa que fica atrás de sua visão principal:

Sim, mas de vez em quando eu dou um pulinho, saio, dou uma olhada, ando aqui, vejo aqui os peixes, jogo um biscoito, jogo um pedaço de pão para eles e aí é isso aí o Dique do Tororó. Essa parte do Dique do Tororó é a que eu fico (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

Tendo a ideia da paisagem como movimento, investiguei se a paisagem se transforma para o entrevistado e se, na opinião dele, a mudança ocorre com as intempéries naturais e nos diferentes dias da semana.

Ela muda... Muda, muda porque a chuva às vezes traz brilho às plantas porque a poluição de automóveis e tal elas ficam um pouco foscas [...] tem momentos que as folhas começam a brilhar. E aí a gente vê com chuva e com sol é diferente. [...] dia de semana não tem as pessoas aqui aproveitando o dia como dia de lazer, só algumas que praticam atividade física, então hoje o visual já é diferente. [...] o fim de semana é melhor, né? O domingo principalmente. É o cotidiano, né? (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

E, para Reginaldo:

Cotidiano é o que a gente observa, pessoas indo e vindo, pessoas indo trabalhar, chegando do trabalho, pessoas no seu lazer, cotidiano é o movimento geral da população, da vida. Cada um fazendo aquilo que tem que fazer (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

FIGURA 86 – A PAISAGEM É MOVIMENTO.



FONTE: Reginaldo Filho (2019).

FIGURA 87 – DA JANELA LATERAL.



FONTE: Reginaldo Filho (2019).³²

³² Fotos realizadas e cedidas pelo entrevistado Reginaldo Filho.

O cotidiano para ele se aproxima do que aqui chamamos de geograficidade, é a realidade experienciada espacialmente no dia a dia. Por fim, o entrevistado respondeu como é se expressar sobre o perceber, as sensações e o sentir:

Não, não é difícil não, porque se a gente for dar uma característica ao ambiente que a gente está agora e fechar os olhos, a gente vai perceber qual é o odor que tá rolando. É o cheiro de chuva, né? Choveu neste instante, aí se o sol bater começa a evaporar e a gente já sente uma sensação térmica diferente. É essa brisa que está aí também. Então, o que a gente percebe são esses fatores que influenciam no nosso cotidiano, como eu já falei, o cotidiano é isso aí. É tudo isso que a gente vivencia no dia a dia (Reginaldo Filho, trabalhador, 07/04/2019).

4 UMA PAUSA NA CAMINHADA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE UMA LONGA JORNADA

A questão norteadora desse trabalho foi a de como entender a dinâmica e a intersubjetividade dos corpos no Dique do Tororó através do corpo dos sujeitos e do meu corpo, sujeito-pesquisadora, a partir da percepção da paisagem.

Foi exatamente a partir das visitas de campo, da observação, do caderno com anotações e das descrições que a dinâmica do parque foi compreendida. Aqui foram apresentados os elementos, sujeitos, usos e apropriações, as práticas, as sensações e as opiniões de quem constrói e é paisagem. A intersubjetividade foi compreendida em contato com os sujeitos. Ou seja, a metodologia foi a chave para conseguir chegar às reflexões expostas ao longo do trabalho. O aporte filosófico da fenomenologia da percepção possibilitou que o corpo sentisse e fosse mais considerado pelos entrevistados no momento dos questionamentos sobre as sensações proporcionadas pela paisagem. Metodologia essa construída no processo do trabalho de campo, leituras e debates junto aos professores envolvidos na pesquisa e nas disciplinas cursadas.

Já a intersubjetividade, ideia muito cara nessa investigação fenomenológica, foi e é encontrada de maneira efêmera, inconstante e a partir do tempo de conhecimento dos/entre os sujeitos. Por ser passageira, não significa que é sempre distante ou indireta. Os frequentadores que sempre estão no parque são mais integrados uns com os outros, como nas interações diretas das longas conversas de Reginaldo. Porém, o mais comum é o cumprimento rápido entre os praticantes de atividade física. Janaíra, por exemplo, quando vai ao trabalho já conhece o dono do bar que sempre a cumprimenta quando ela atravessa a rua. Os “moradores” do Dique talvez sejam os que fazem a intersubjetividade aparecer com mais intensidade na paisagem. Já em relação à interação com a paisagem do parque, é a lagoa do dique, enquanto espaço geográfico, a responsável por atrair e ligar tudo e todos a essa paisagem. A lagoa parece ser o mote da paisagem, tudo ocorre em torno da lagoa, às vezes ela ganha protagonismo, noutras fica de pano de fundo, mas ela sempre é lembrada.

A paisagem do parque revela ainda seus usos, práticas, lugares e territórios. O Dique é usado e apropriado por comerciantes, é passagem para trabalhadores e estudantes, é lugar de ritual sagrado, é ponto turístico. O parque é “morada” e um

importante espaço de lazer e práticas de atividade física principalmente para a população dos bairros do entorno.

4.1 O QUE FICOU DA TRAJETÓRIA

Com base nas experiências do trabalho de campo e das entrevistas realizadas algumas reflexões emergiram: são considerações reveladoras do que foi evidenciado, pois não há o intuito de concluir. A fenomenologia não exige conclusões, mas sim a possibilidade de aprofundar-se mais.

4.1.1 Espaço público em brechas e efemeridade?

Como já mencionado desde o início do texto, o espaço público nesta dissertação foge à ideia de esfera pública e abrange seu significado mais palpável: do que é visto por todos. Esse espaço público da vida cotidiana abordado por Dardel (2015), o espaço da rua, ou do parque que deixa à mostra as experiências e relações sociais que constroem o espaço urbano. A partir de leituras de Serpa (2007 a), compreendo que esse é o significado do “público” do Dique do Tororó. Espaço do lazer, da acessibilidade física e simbólica de quem busca o parque para as práticas identificadas. É espaço livre de uso coletivo construído a partir da relação entre os sujeitos e o parque. Entre os sujeitos e sua paisagem. Dos sujeitos que são paisagem. É o espaço onde acontece o momento de lazer e trabalho, principalmente das pessoas que moram nos bairros do entorno. Espaço da geograficidade de Dardel (2015), ou seja, as relações da realidade geográfica e experiências cotidianas de quem frequenta o parque urbano.

O parque revelou-se também como brecha para um possível ressurgimento de uma esfera pública, mesmo que de maneira passageira, como foi presenciado numa manifestação que ocorreu no dia 31 de Março de 2019 contra o novo governo brasileiro comandado pelo presidente Jair Bolsonaro, que havia expressado apoio às comemorações do período da ditadura no país. Além dessa pauta, o pequeno movimento também manifestava apoio ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva que estava preso na época por suposto envolvimento em esquemas de corrupção.

Os corpos dos manifestantes vestiam as cores preta e vermelha, em referência ao luto e à cor do ideal comunista, respectivamente. Os mesmos seguravam cartazes, faixas

e bandeiras de partidos políticos enquanto entoavam frases de posicionamento político e ouviam músicas conhecidas por denunciar o período da ditadura brasileira. A manifestação ocorreu na borda do Jardim Baiano/ Tororó em direção à estação da Lapa. Era domingo e a rua estava livre de automóveis por conta do projeto Rua de Lazer; as crianças olhavam curiosas, outras pessoas que não participavam da manifestação observavam o movimento e de alguma forma eram afetadas. Como eu, que decidi seguir o movimento que, mesmo pequeno, chamou atenção. As sensações eram de revolta, embargo, tristeza em relação a algo inaceitável que refletia o momento do país e se confundiam com o tempo naquele instante de abafamento, calor e incômodo.

FIGURA 88 – MANIFESTANTES NO PARQUE FIGURA 89 – VESTES VERMELHAS E PRETAS



FONTE: A autora (2019).



FONTE: A autora (2019).

Não tendo reconhecido de modo mais continuado a presença de uma esfera pública no Dique do Tororó, adotei nessa dissertação a ideia de **espaço livre de uso coletivo**, como espaço da sociabilidade, do acesso livre, sem restrições e que é frequentado por seus sujeitos.

4.1.2 A paisagem do Dique do Tororó

A paisagem do Dique do Tororó não é apenas uma e singular quando a consideramos um fenômeno a ser percebido. As paisagens do parque tomadas pelo estudo da fenomenologia são variadas, abrangentes e mutáveis como se apresentaram nos diferentes momentos que a observei e experienciei, bem como no entendimento dos sujeitos entrevistados.

De acordo com questionamentos do professor Eduardo Marandola Jr. (2019), acerca da paisagem enquanto fenômeno na geografia, acredito que a lagoa seja a interface entre as várias paisagens possíveis de serem percebidas. É um elemento importante nas paisagens reveladas. Ou como diria Merleau-Ponty (2018), a lagoa é o

fragmento da paisagem que “se anima e se desdobra, os outros objetos recuam para a margem e adormecem, mas não deixam de estar ali” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 104) e ser paisagem. A paisagem é integrada por meio da lagoa e secundariamente por meio dos demais elementos (incluindo as pessoas), mas esses elementos também podem territorializar o parque. O **espaço livre de uso coletivo** do Dique do Tororó tem seu modo de ser paisagem e seu modo de ser território. O que irá diferenciar os dois modos de ser são as relações entre as pessoas e a disposição dos elementos, além da maneira como o parque é percebido pelas pessoas.

Para Relph (1979), lugares têm paisagens e paisagens têm lugares. A partir disso, penso que o parque tem paisagens e suas paisagens mostram territórios de alguns grupos que aparecerão aqui posteriormente. As paisagens “não somente possuem conteúdo e substância, mas também são os cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais” (RELPH, 1979, p.13). As paisagens, como feição do espaço, expressam as experiências de ser território. O modo de ser paisagem não impede o modo de ser território. Na verdade, os dois modos conversam entre si quando a paisagem do parque nos revela alguns territórios frutos das relações que ocorrem nesse espaço. Mesmo sendo modos de existir diferentes e conversando entre si, ainda é a paisagem que revela a dinâmica do território.³³

Apesar das diferentes paisagens, há elementos que as tornam integradas, existindo similaridades que convergem para uma representação de paisagem do parque. Existe o que chamo de elementos visíveis comuns aos entrevistados e a minha experiência: a natureza (lagoa, vegetação, animais) e as pessoas, a prática de atividade física, o reconhecimento das pessoas em situação de rua, as práticas de lazer da população, o espaço do trabalho e do turismo.

Por sua vez os elementos invisíveis mais percebidos, por exemplo, por sensações, seriam o medo e a insegurança em alguns locais, o bem-estar, a alegria, a euforia após as práticas de lazer e atividade física, o cuidado e a preocupação com a paisagem, com sua falta de beleza e degradação. A insegurança que traz o medo para o parque urbano é lembrada por Serpa (2007 a), como um aspecto da vida urbana e o Dique não escapa a essa lógica. Nesse contexto, concorda-se com Jacobs (2011), para

³³ O desenvolvimento dessa ideia de “ser território” partiu do texto de Relph (1979), porém, é importante salientar também o texto de Angelo Serpa *Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico* (2017) que de igual modo influenciou essa minha reflexão.

quem a ocupação das ruas e dos espaços públicos para fortalecer os vínculos sociais cotidianos é a melhor maneira de combater a insegurança.

Percebeu-se nas falas de alguns dos entrevistados a separação entre paisagem natural e paisagem construída pelo homem e sobre isso, Relph (1979) afirma que:

em nossas confrontações espontâneas e diretas com o mundo-vivido, constantemente encontramos combinações dos artefatos feitos pelo homem e os aspectos naturais, e se as chamamos ou não de 'paisagem', elas constituem uma presença que pode estar ligada ou ser estranha a nós, mas que é inevitável (RELPH, 1979, p.13).

É uma paisagem construída intersubjetivamente e, mesmo que com territorialização de alguns grupos sociais, há uma interação por meio da lagoa. E como já salientado, só há território onde há o mínimo de interação. A lagoa que se apresenta para o pescador é a mesma lagoa que se apresenta para o transeunte, mas com juízos de valor, modo de observar e se atentar diferentes. Mesmo assim, é um mesmo elemento que se revela nas diferentes percepções da paisagem do parque, uma particularidade comum da percepção da paisagem para os diferentes grupos/sujeitos.

A paisagem revela o território. Como modo de ser, ela é vivida no momento presente, é instantânea. Já o território como modo de ser demanda pausa e demora, demanda tempo e identificação, para que possa surgir uma diferenciação no espaço territorializado. Considera-se o território como particularidade da paisagem do parque, condicionada por essas relações territorializantes. Assim, a paisagem, por estar sempre se transformando e sendo percebida por um ente diferente, é movimento, é vivida e sentida de maneira efêmera, mas também com intensidade através das particularidades dos territórios identificados, que pulam frente ao olhar e ao sentir. A paisagem de um parque como o Dique do Tororó é viva conforme o movimento de quem a olha, ou conforme o movimento da coisa olhada. O ato de percepção da paisagem e a própria paisagem estão presentes no aqui e agora de cada instante.

Não sendo passível de territorialização, a paisagem é o elo da intersubjetividade possível no **espaço livre de uso coletivo**. Ela é catalisadora, porque incentiva e estimula a intersubjetividade, seja uma troca de olhares, seja as conversas e o nascer de amizades. A paisagem do parque se oferece para as práticas dos sujeitos que estabelecem ali algum grau de intersubjetividade, que também é expressão do modo de ser no mundo, da geograficidade que se revela no processo de apropriação e uso do parque.

Com o suporte de Merleau-Ponty (2018), compreende-se que o corpo não é apenas no espaço, ele é no espaço e no tempo, o corpo os abarca. Por sua vez, a paisagem revela a história ou as marcas de outros momentos do Dique. Marcas essas apresentadas, por exemplo, na fala de um morador do Engenho Velho de Brotas que conversou comigo de maneira informal e a partir do que via na paisagem e de suas memórias trouxe à tona o tempo pretérito.

Segundo Júnior, a paisagem remete a um passado saudosista quando ainda se encontrava na lagoa surubim, camarão, pitu e outros peixes. Um passado das histórias antigas sobre os riscos da lagoa, das tradicionais oferendas para Oxum, e dos antigos que trabalhavam no engenho. Da famosa escultura de avião que já esteve onde hoje é o estacionamento para os restaurantes e da usina de energia que hoje em dia abriga o restaurante *Habib's*. Júnior contou ainda de sua avó que lavava roupa na lagoa e do bonde de trem que passava em uma via próxima. Essa prática de Júnior de acessar suas lembranças do passado através do que ele vê, naquele instante, endossa a ideia de que a paisagem é do tempo presente, simultâneo e sincrônico, como afirma Flora Pidner (2019)³⁴ e, afinal, o presente se transmuta em memória. Memória que pode estimular um retorno ao que já vivemos, mas a partir do que percebemos naquele instante vivido no presente. A paisagem é assim interface entre os tempos, pois

há na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa ou lembrança. Toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento (DARDEL, 2015, p.33).

A paisagem enquanto cotidiano é outro resultado ao qual chegamos com nossa pesquisa. Josilene e Reginaldo, por exemplo, no momento de nosso reencontro, afirmaram que a paisagem é cotidiano e faz parte de suas experiências diárias. É a paisagem do espaço vivido e, baseado nos escritos de Milton Santos em seu livro “A Natureza do Espaço” (1996), Serpa (2019 b) afirma que o vivido tem a ver com o que se vive no tempo simultâneo do concreto. Ou seja, no tempo da geograficidade. Serpa (2019 b) nos convida ainda para o aprofundamento dos estudos sobre “as dimensões da vida cotidiana e [...] o papel das representações no processo de produção do espaço” (SERPA, 2019b, p. 85).

³⁴ O tempo sincrônico é parte do estudo de Flora Pidner em sua tese intitulada Geo-Foto-Grafia das paisagens: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado (2017). Na tese, ela aborda o tempo sincrônico pelo olhar de Milton Santos e outros autores.

Se a paisagem é cotidiano como é para Reginaldo e Josilene, ela é também lugar. Livia de Oliveira (2014), baseando-se em Yi-Fu Tuan, diz que a “familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia” (OLIVEIRA, 2014, p.11); experiências triviais como o trabalho de Reginaldo e o passeio de Josilene com o seu cão.

O jogo de escalas apresentado pelas paisagens do Dique foram questionamentos feitos por Dias (2019) e essa alternância foi encontrada a partir da percepção da escala do meu corpo. Ora o Dique é o *pier* que piso, ora o Dique é o parque central da cidade, ora o Dique é grandioso e internacional com sua paisagem turística. Assim, a paisagem

é grande se meu olhar não pode envolvê-la; é pequena, ao contrário, se ele a envolve amplamente, e as grandezas médias distinguem-se umas das outras conforme, em distância igual, elas dilatam mais ou menos meu olhar ou dilatam igualmente em diferentes distâncias (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 407).

É essa paisagem do cotidiano que revela o lugar e a geograficidade que circunda o que há de intersubjetividade; ao mesmo tempo, é uma paisagem que só existe em função dessa intersubjetividade. É a paisagem que conecta os vários grupos sociais por estarem e serem nessa paisagem.

4.1.3 Intersubjetividade: interação e território

A possibilidade de encontrar uma paisagem construída intersubjetivamente foi um dos objetivos dessa pesquisa. Sendo assim, haveria relação, interação, intersubjetividade entre as pessoas? Acredito que sim, pois a própria ideia de ser no mundo é, justamente, o fazer parte da paisagem, situar-se nela e reconhecer o outro, como a maioria dos entrevistados afirma. Acredito, baseando-me em Merleau-Ponty (2018), que o diálogo ou uma interação maior, mais direta, intensa e profunda só ajuda a consumir o que já foi reconhecido, seja a paisagem, seja as outras pessoas. A intersubjetividade pode ser expressa em conversas e falas, tornando-se mais nítida, mas também é alcançada conscientemente por meio do corpo antes da possibilidade de um diálogo. Então, a ideia de ser-no-mundo e reconhecer o outro ser-no-mundo, as várias formas de constituir e de estar na paisagem são reveladas nas práticas realizadas pelos sujeitos.

Para Merleau-Ponty (2018), a denominação, a fala e a linguagem vêm depois do reconhecer o outro, a coisa, o objeto. A palavra, ou no caso da constatação de uma intersubjetividade, a troca em forma de diálogo, o expressar-se diretamente com as palavras, ajuda a dar sentido ao que se percebe. Como as nomenclaturas que damos às coisas, mas é claro que isso não anula o reconhecimento primeiro da existência da coisa. Para o autor, o reconhecimento do fenômeno – ou nesse caso do outro ser-no-mundo – é a condição primeira para que haja intersubjetividade, já que esta não é dada, mas sim compreendida por quem percebe. Em todo caso, é necessário um reconhecimento de quem percebe e da reciprocidade do outro, assim, “tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu. [...] Há confirmação do outro por mim e de mim pelo outro” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 251-252).

A interação muitas vezes limita-se ao grupo do qual o sujeito faz parte, na maioria das vezes se dá entre conhecidos, contudo, ainda assim é interação. Além disso, interagir pode ser uma troca de olhar, o reconhecimento de gestos, como afirma Merleau-Ponty (2018). Portanto, há sim intersubjetividade, que ocorre de maneira mais ou menos intensa, com maior ou menor proximidade entre sujeitos: ela existe e pode ser percebida na paisagem. Conforme Merleau-Ponty (2018), o ato de perceber já é em si uma comunicação de intenção alheia, de intersubjetividade. Concorde-se ainda com Dardel (2015) quando afirma que “paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 2015, p. 32).

Foi dito aqui que há intersubjetividade e ela auxilia na constituição da paisagem do Dique do Tororó, também afirmamos que a paisagem não é passível de uma ação territorializante. Apesar de existir territórios, os motivos são as próprias relações sociais, a própria intersubjetividade, o reconhecimento do outro e, a partir daí, sua aceitação ou recusa, o que resulta em territórios. Afinal, como afirma Serpa (2019 b), a “noção de intersubjetividade não exclui o conflito, nem a contradição, ao contrário, os revela em ato, em interação” (SERPA, 2019 b, p.80).

Alguns territórios identificados são definidos pelos mobiliários do parque, outros pela presença de seus sujeitos. Os exemplos de territórios definidos pelo mobiliário do Dique do Tororó são os parques infantis que, por comportarem brinquedos, acabam sendo territórios das crianças. Outro exemplo é a academia na cabeceira próxima à

estação da Lapa, que é definida tanto pelo mobiliário como pela presença de seus sujeitos.

Segundo as entrevistadas, os equipamentos de musculação para membros superiores não são de interesse da maioria das mulheres que passam por lá e acabam por concentrar quase sempre a presença de homens. Nas minhas visitas de campo ao parque só encontrei mulheres nessa academia em três situações: uma mulher aguardando a amiga sentada em um banco próximo aos equipamentos; duas outras mulheres que aguardavam dois rapazes em um outro dia; e, por fim, em uma tarde, duas mulheres que faziam exercícios aeróbicos na companhia de outros rapazes nessa área, mas que não usavam os equipamentos. Nas duas primeiras situações eu abordei as mulheres, a primeira disse não se sentir intimidada, mas reconheceu que não via mulheres, apesar de não presenciar insultos, importunações ou algum outro tipo de assédio vindo dos homens (ato infelizmente comum nas ruas de Salvador). A mulher afirmou ainda que os homens urinam na vegetação e esse comportamento seria um motivo para ela não permanecer muito tempo nessa academia. As outras duas mulheres da segunda situação estavam ali pela primeira vez e não sabiam responder ao certo sobre aquela localidade.

Os equipamentos de musculação são os elementos que causam os limites e fronteiras desse território da academia, atraindo mais homens do que mulheres para esse local. Essa presença hegemônica de homens expressa, de acordo com Serpa (2019 b), marcas da dialética entre diferença (homem e mulher) e igualdade (homens). Serpa (2019 b) também traz outros pares dialéticos que ajudam a compreender os territórios cotidianos como interior/exterior e hegemonia/contra-hegemonia, que também podem ser associados, respectivamente, aos homens/mulheres na situação dessa academia. Essa constatação da ausência de mulheres se apoia ainda no que Merleau-Ponty (2018) diz sobre perceber o inexistente, o que se é retirado, ou então, o objeto não presente.

A questão da presença hegemônica de homens nessa localidade da academia próxima à estação da Lapa foi colocada para todas as mulheres entrevistadas e aos homens entrevistados no momento em que estavam nessa academia. Todas as mulheres afirmaram que nunca viram algo violento ou incômodo, mas que reconheciam a ausência de mulheres nessa academia por causa dos equipamentos que atraem mais a presença de homens e essa presença hegemônica de homens acaba intimidando o uso do espaço por parte das mulheres. Essa intimidação também é melhor aprofundada em outros estudos acerca da presença da mulher no espaço público. Principalmente no que diz respeito ao assédio e/ou importunações que muitas vezes são encaradas como

“paquera”, mas que é uma verdadeira violência para as mulheres. Crislane Rosa (2018), fundamentando-se em outros estudos, traz essa realidade em sua monografia de maneira detalhada.

Eu mesma passei por uma situação assim no local durante a pesquisa no parque e em outros momentos e espaços públicos.³⁵ Ressalto que só quem sofre o incômodo pode mensurar se ele acontece ou não. Ainda mais em casos como esse, no qual há uma naturalização e banalização de tal comportamento, considerando que vivemos numa sociedade machista, sexista e patriarcal³⁶.

Outro território definido pela presença dos sujeitos é o *pier* dos barqueiros que ocupam o local com tabuleiro de jogos, mesa e cadeiras. É definitivamente o espaço deles. Há também o território das pessoas em situação de rua que é identificado por sua presença e de seus pertences em cima dos bancos e no monumento próximo aos restaurantes. São esses os principais territórios identificados no parque por meio de sua paisagem.

A intersubjetividade e o território existem concomitantemente, um não exclui o outro. A intersubjetividade pode ser exemplificada quando o outro “percebe suas intenções em seu corpo, como seu corpo percebe o meu, e através disso percebe em seu corpo minhas intenções” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.472), mesmo que não haja uma palavra dita sequer (como ocorre no território da academia com homens, exposto anteriormente). O território masculino só é território porque há esse ato de intersubjetividade e reconhecimento do outro ser-no-mundo, mesmo que sem o diálogo. Na verdade, o corpo fala. Além disso, mesmo quando há território e não há uma interação direta, ainda há intersubjetividade, pois, de acordo com Merleau-Ponty (2018), só posso falar em solidão e inacessibilidade ao outro quando existe e reconheço o outro.

³⁵ A questão do gênero foi enfrentada, mas não tão aprofundada por mim. Apesar de me mobilizar bastante, enquanto sujeito-pesquisadora, houve uma fuga do debate, o que concordando com a professora Barthe-Deloizy em defesa pública dessa dissertação, também é algo do feminino. Fuga feminina, não por falta de coragem ou indignação da situação, mas por defesa pela não compreensão dos demais que seguem uma cultura majoritariamente machista. O feminino é contra-hegemônico e enfrentar a hegemonia ainda é um desafio. Porém, para os estudos futuros o gênero será um tema melhor aprofundado, pois nessa situação e circunstância de corpo mulher em um mundo machista, se torna essencial tal aprofundamento.

³⁶ De acordo com o site <https://dicionario.priberam.org/> e minha vivência enquanto mulher: 1 Machista: Que ou aquele que age e pensa em função da ideia que o homem domina socialmente a mulher; 2 Sexista: Que concorda com o sexismo. Teoria que defende a superioridade de um sexo, geralmente o sexo masculino, sobre outro; 3 Patriarcal: Que concorda com o patriarcado. Tipo de organização social em que a autoridade é exercida por homens.

Assim, o autor dirá que a inacessibilidade do outro ou a recusa de uma comunicação mais direta já é em si “um modo de comunicação”.

4.1.4 Corporeidade e perceber

O corpo ganha extrema relevância nessa pesquisa por ser, como diz Merleau-Ponty (2018), meio que relaciona o ser com o mundo. É também baseada no autor que afirmo que só há paisagem porque há corpo para percebê-la e vivenciá-la, afinal, é o corpo que faz a mediação entre consciência e coisa percebida. A paisagem (seus detalhes e elementos) só é apreendida porque o corpo a compreendeu, quer dizer quando ele a “incorpora ao ‘seu mundo’, e mover seu corpo é visar as coisas através dela” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.193). Mas a circunstancialidade de cada corpo dirá muito de como será o ato da percepção.

Segundo Marandola Jr. (2014), cada pessoa expressa de maneira diferente como os modos de ser do espaço fazem parte da nossa vida. Não há, assim, um jeito único de perceber, já que cada corpo no espaço tem uma circunstancialidade. E esse aspecto foi respeitado nessa pesquisa justamente quando considero as falas dos entrevistados e suas experiências aqui compartilhadas. Cada corpo e sua percepção da paisagem espelha um modo de relação com o espaço, ou seja, com a geofricidade. Relacionados à circunstancialidade, Marandola Jr. (2014) comenta a situação e o mundo circundante; situação como contexto, posicionamento social, localização de cada sujeito para os outros; já o mundo circundante como o mundo que nos rodeia principalmente no nosso cotidiano. Sendo assim, a singularidade de cada corpo ao perceber a paisagem resulta das diferentes circunstancialidades, assim como da situação e do mundo circundante vivido pelos sujeitos.

Além da circunstancialidade, a corporeidade emerge nas sensações e nos sentimentos que a paisagem causa nos entrevistados ou em mim, podendo ser uma experiência topofílica ou topofóbica como defende Tuan (2012), a depender de como a paisagem nos afeta. A experiência do percurso individual que realizei já demonstra bastante essa relação corpo-circunstancialidade-paisagem. Pode ser uma experiência apaixonada como a pesca de Roque ou receosa como a minha ao passar pela academia

com presença hegemonicamente masculina. Ou ainda, como explica Edward Relph (1979),

topofilia inclui qualquer coisa dos ambientes que nos faça senti-los como estar nos relaxando ou estimulando, e tudo o que nossas atitudes ou costumes nos capacite a experienciar locais como dando-nos prazer [...] ou as experiências de paisagem [...] podem ser topofóbicas. Literalmente, isso significará que estamos com receio ou medo delas [...] Topofobia, como topofilia, está associada com o caráter das paisagens e dos espaços, e com as atitudes daqueles experienciando a paisagem. Isso significa que, como a aparência de um local particular se altera, também nossas atitudes e modos se modificam, de maneira que nossa experiência pode variar de topofílica a topofóbica e vice-versa (RELPH, 1979, p.19-21).

Mas se faz necessário salientar que a sensação boa ou ruim é “uma modificação de meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.435). Se cada ser é no mundo em uma circunstancialidade e com experiências diversas, a paisagem será diferente também para cada ser-no-mundo. Assim, retorno mais uma vez aos territórios revelados pela paisagem, que não são a paisagem passível de uma ação territorializante, mas sim a circunstancialidade de cada sujeito que percebe o espaço da paisagem de maneira diferente.

Isso nos certifica da importância de estudar o corpo do sujeito que ocupa os espaços da cidade e que o corpo de fato é a interface entre consciência e mundo. Relph (1979) afirma que a existência humana é um elo importante para a paisagem, pois a “ligação interna que une os elementos da paisagem é a presença do homem e o envolvimento nela. A paisagem experienciada como imediatamente presente partilha do caráter da existência humana” (RELPH, 1979, p.14). É a corporeidade que funda a possibilidade de experienciar o mundo circundante e perceber a paisagem. Para Chaveiro (2014),

o corpo é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história do mundo e dos lugares, mote para experimentar a si mesmo, peça de sentido para colher propriedade das coisas e para afetá-las com a percepção e com a ação, recurso de entranhamento no tempo e de realização temporal no encontro com o outro, figura de interferência, de gozo – e de descoberta (CHAVEIRO, 2014, p. 250).

O autor também afirma, de acordo com Milton Santos, que a corporeidade é o que temos de mais concreto e sensível em um mundo capitalista. Mas essa corporeidade nesse mundo capitalista é extremamente golpeada e são esses golpes que resultam nos corpos laborantes.

4.1.5 Os corpos laborantes

Em contato com os entrevistados, um novo olhar sobre os sujeitos frequentadores do Dique surgiu: a paisagem é composta por corpos de trabalhadores. Trabalhadores que usam o espaço do parque para seu sustento ou que, como fuga da exploração da labuta diária e/ou a necessidade de lazer, vão para as bordas da lagoa. São trabalhadores todos os entrevistados e os sujeitos que percebi no parque. Os pescadores, os contempladores da paisagem, os praticantes de atividade física, os torcedores dos jogos do estádio da Fonte Nova e as pessoas do Axé. Todos os que buscam lazer, bem-estar, saúde e um momento com a fé são trabalhadores. Os transeuntes que vão e vem, passam antes ou depois do trabalho. Os policiais, os garçons, os vendedores, os barqueiros e as pessoas em situação de rua quando catam lixo reciclável estão trabalhando no parque.

David Harvey (2004), em seu livro *Espaços de Esperança*, trata dos corpos laborantes. Nos capítulos 6 e 7 o autor desenvolve reflexões acerca do corpo no mundo capitalista, em um espaço de acumulação de capital. Harvey (2004) traz alguns pensamentos e questionamentos importantes sobre o corpo no mundo capitalista, por exemplo, a consideração de que o corpo é medida de todas as coisas, mas é um corpo ao mesmo tempo laborante, sofrido, disciplinado e contido pelo sistema capitalista. São corpos como apresento ao longo da pesquisa que percebem o espaço em que estão.

Logo, seus corpos são a medida das coisas que os rodeiam, mas também são corpos que demonstraram de certa forma uma experiência, às vezes, fugaz, banal, cotidiana da paisagem do Dique do Tororó por serem tal como o sistema os molda. O autor também afirma que o corpo não é “uma entidade fechada e lacrada, mas uma ‘coisa’ relacional” (HARVEY, 2004, p. 137). Essa afirmação possibilita outra vez fundamentar a existência de intersubjetividade entre os sujeitos. Apoio-me nas ideias do autor para afirmar sobre a distinção dos tipos de corpos, seja pela classe de renda, raça, pelo gênero, ou por outros tantos fatores que identificam os grupos sociais. Porém, reúno-os aqui enfim no grupo de trabalhadores.

Acredito, de acordo com Harvey (2004), que os corpos laborantes do Dique do Tororó quando demonstram a baixa intensidade ou ainda uma experiência fugaz com a percepção da paisagem, o fazem justamente por uma alienação resultante da apropriação de sua força de trabalho. Assim, não restando condições corpóreas de, por exemplo, ter

os sentidos aguçados e atentos para a percepção do que os rodeia, ou ainda respondendo à violência e à desigualdade social de um mundo que acumula capital fechando-se ao máximo e evitando muitas vezes maiores interações com outros sujeitos como apresentado em algumas falas dos entrevistados.

Para Harvey, a partir das ideias de Marx, “o capitalismo viola, desfigura, subjuga, danifica e destrói a integridade do corpo que trabalha” (HARVEY, 2004, p.149) ao ponto de identificarmos nas falas dos sujeitos experiências por vezes rasas com a paisagem e/ou com a percepção de seus próprios estímulos corporais. Elvídio Conceição, primeiro entrevistado dessa pesquisa, foi um dos sujeitos que demonstrou pouca percepção e experiência nada aprofundada da paisagem e do espaço onde trabalha. Apesar de ser seu local de trabalho e morar nas proximidades há oito anos, o entrevistado constata que o parque não tem grande significados para a vida dele. **“O parque é importante na vida do senhor? [...] Se ele não existisse teria alguma importância na vida do senhor? Não, não”** (Elvídio Conceição, trabalhador, 25/03/2019).

No início, a entrevista dele se tornou um pouco vaga, até mesmo incômoda, sem muitas respostas para a pesquisa, mas, ao final das visitas de campo, constatei o quanto ele exemplifica o corpo laborante que não experiencia a paisagem nem o espaço onde se encontra e muito menos atenta para aquilo que o corpo pode sentir e perceber. Seu Elvídio é comerciante no parque, vende bebidas, é negro, com 64 anos de idade, aparenta ao mesmo tempo força e cansaço na sua estrutura física. Além disso, não estudou o suficiente para escrever e quem sabe compreender melhor o mundo que o rodeia – e o explora. O trabalho informal de seu Elvídio é outra evidência de um sistema capitalista que explora os corpos dos trabalhadores do mundo, corpos que se arriscam ao trabalho sem regularização, sem direitos e sem garantias. Mas, ainda assim, corpos que também fazem parte do sistema capitalista explorador enquanto consumidores. Seu corpo, sua postura e suas respostas vagas tornaram evidente e mais nítido para mim o significado do corpo laborante.

Harvey defende que os corpos dos trabalhadores devam ser vistos “como uma relação interna de processos histórica e geograficamente concretizados na circulação do capital” (HARVEY, 2004, p. 156). Ou seja, ainda que aqui a investigação fenomenológica busque entender o corpo enquanto interface e meio para perceber a paisagem, não podemos negar tais aspectos sociais da realidade geográfica presentes no mundo capitalista. A acumulação e a circulação de capital fazem parte da paisagem do

parque urbano e influenciam grandemente os corpos dos sujeitos que o constituem e o percebem.

Ainda me apoiando nos escritos de Harvey (2004), compreendo que até mesmo o modo de vida e as vontades expressas nas entrevistas me levam a concordar com a ideia de que a busca pelo bem-estar e pelo contato com a natureza como algo que beneficia a saúde, que a prática da caminhada e de esportes são culturais e também produtos do capitalismo que chegam até os trabalhadores por meio das mídias e moda, por exemplo. Serpa (2007 a) considera o valor simbólico da natureza nas grandes cidades, pois há um “consenso de que o parque público contribui para melhorar a qualidade da vida urbana e oferece aos habitantes das cidades espaços recreativos e de lazer ‘festivo’” (SERPA, 2007 a, p. 82). Esse consenso representa, de acordo com o autor, um antídoto para o modo de vida urbano e a labuta do trabalho, substituindo as antigas preocupações higienistas que se tinham com os operários.

Assim como os corpos laborantes, não se pode esquecer nesse contexto do “corpo dos condenados”, como Michel Foucault (1999) intitula o primeiro capítulo do seu livro *Vigiar e Punir*. O autor também aborda a relação do corpo condenado com o sistema político, econômico e social sob o qual vivemos, a maneira como esse corpo é condenado ao trabalho, à vigilância, ao controle e é marcado por tais mecanismos:

o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Apesar dessas constatações foi possível identificar que os corpos de trabalhadores, mesmo explorados, como defende Harvey (2004) e Foucault (1999), podem sim alterar as relações e os aspectos que o capital nos impõe. Afinal, Harvey (2004) relembra que Aristóteles inspira Marx a afirmar que “seres humanos são animais tanto políticos como sociais que precisam de relações uns com os outros e de que essas formas de relação social constituem e mantêm a sociedade civil” (MARX, 1973 apud HARVEY, p. 163, 2004). Atrelado à necessidade de relação social e em conformidade

com as ideias de Harvey (2004) penso que é possível haver mudanças por meio dos corpos.

Um bom exemplo disso foi a ação da campanha “Abraçando Vidas”³⁷ realizada por um grupo de amigos (outros corpos laborantes) que viram nos espaços livres de uso coletivo da cidade a oportunidade de fazer acontecer uma maior interação e troca entre os sujeitos, envolvendo o corpo, com abraços, conversas, buscando a construção de um espaço que eles têm por convicção ser melhor.

FIGURA 90 – INTERAÇÃO NA CAPANHA ABRAÇANDO VIDAS



FONTE: Maurício Reis (2019).

³⁷ A campanha “Abraçando Vidas” foi idealizada por Helca O’Dwyer. A idealizadora explica que a campanha “visa trocar energia com qualquer tipo e pessoa seja ela adulta, criança, idosa, independente da raça, cor, condição social. Ela visa dar o carinho que algumas pessoas não tiveram, melhorar o dia ruim de algumas pessoas. Ou simplesmente trocar uma energia muito boa, dar aquilo que a sociedade realmente precisa em um dia onde seres humanos passam simplesmente despercebidos, é trocar apenas um pouco de amor”. Primeiramente quem aderiu à ideia foram os amigos mais próximos dela, mas no momento do projeto outras pessoas se juntam à causa: eu participei da ação feita no Dique do Tororó. Helca O’Dwyer idealizou a campanha, pois ela tinha fobia de abraço, abraçar desconhecidos era para ela como uma violação de seu espaço, mas ao longo do tempo a prática lhe trouxe benefícios e ela resolveu expandir sua experiência para áreas abertas públicas onde pode encontrar mais pessoas desconhecidas de um modo espontâneo.

FIGURA 91 – CRIANÇAS DEPOIS DA TROCA DE ABRAÇOS



FONTE: Maurício Reis (2019).

FIGURA 92 – MINHA PARTICIPAÇÃO NA CAPANHA ABRAÇANDO VIDAS



FONTE: Maurício Reis (2019).

Para Harvey (2004) “não existe corpo fora de suas relações com outros corpos, e os exercícios de poderes e contrapoderes entre corpos é um aspecto constitutivo central da vida social” (HARVEY, p. 165, 2004). Assim, mesmo com todas as marcas de um sistema produtivo que dita os aspectos econômicos do mundo e também as relações sociais, a intersubjetividade foi encontrada entre os corpos que são paisagem do parque do Dique do Tororó: Intersubjetividade ao reconhecer o outro como igual ou diferente em seus territórios; intersubjetividade na troca de cumprimentos, nos diálogos longos,

nas amizades construídas a partir da experiência cotidiana que a paisagem do parque revelou neste trabalho.

Porém, até mesmo as práticas sociais corporais necessitam de transformação. Transformação principalmente no que tange a experiência de onde o corpo se encontra espacialmente. Fundamentado nos escritos de Marx, a maneira de realizar alguma mudança teria como condição fundamental “a redução da jornada de trabalho” (MARX, 1967 apud HARVEY 2004, p. 177). Com uma menor jornada de trabalho, é possível mudar a circunstancialidade, a corporeidade, a percepção, a interação e a ação dos corpos em relação aos espaços e sujeitos. Por fim, essas transformações são para mim tão necessárias quanto possíveis, já que:

O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece ‘subjetivo’, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 576).

São transformações possíveis, já que o sujeito é no mundo. Sujeito e mundo são, assim, inseparáveis, e, ao mesmo tempo, dependentes um do outro em suas transformações. O sujeito e o mundo se retroalimentam em suas existências, há uma sinergia entre os dois.

4.2 MEMÓRIAS PARA SEGUIR CAMINHANDO

Considero, assim, o parque do Dique do Tororó um **espaço livre de uso coletivo**, espaço de acesso livre, onde ocorrem as relações sociais e experiências, como a percepção da paisagem, mesmo que de modo fugaz, mesmo que muitas vezes sequer seja uma experiência consciente, mas espontânea. Esse espaço e sua paisagem constituída por meio das práticas corporais dos seus sujeitos que se reconhecem um no outro, ou seja, intersubjetivamente, ainda é o espaço que abre a brecha possível para o retorno ao espaço público referido por Habermas (1984). Há, a meu ver, uma ressignificação do espaço público, por meio da intersubjetividade e do encontro de corpos, corpos que podem ser políticos, sociais, meios de resistência e transformações. Ainda é o encontro do outro revelado pela paisagem do parque que pode promover uma cidade pensada por todos e para todos os cidadãos. Uma cidade criada pelo debate público da população que vive o espaço urbano.

O corpo pode ser uma forma de revolução e conscientização de classe, para, quem sabe, criarmos novas maneiras de interação social no cotidiano em busca desse espaço público ressignificado. É, portanto, de extrema relevância a realização de estudos que considerem a corporeidade, o conjunto de corpos, sua atuação e os aspectos que os influenciam. Assim, concorda-se com Francine Barthe-Deloizy (2018), para quem acredita na necessidade de uma geografia do corpo sensível, já que eu “vejo o azul porque sou sensível às cores” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 290) e o perceber é espacial.

Nesse contexto, é preciso valorizar as pesquisas que se norteiam pelo método fenomenológico, um método “que respeita a riqueza e a complexidade do mundo-vivido e, desse modo, um método usado com sensibilidade”, que pode revelar “uma enorme riqueza de experiências ambientais pré-conceituais” (RELPH, 1979, p. 22). Concorde-se também com Milton Santos (2006), sobre a necessidade de se fazer uma geografia do presente, que abarque a dimensão espacial do cotidiano, o lugar da vida comum, sua geograficidade. Essa geografia do presente já norteia pesquisas como a de Clímaco Dias (2017), que mergulhou no cotidiano de bairros populares de Salvador, e/ou nas investigações de Angelo Serpa neste mesmo universo (SERPA, 2007 b).

Saliento para o planejamento urbano a importância de ouvir as pessoas que usam e se apropriam dos espaços da cidade, mesmo depois da “conclusão” dos projetos. Os espaços livres de uso coletivo e suas paisagens são muito requeridos pela população. São espaços desejados para o bem-estar, para a interação, para viver a cidade. Sendo assim, concordo com o professor Angelo Serpa (2019a), de que é necessário um planejamento urbano a longo prazo, sem abandonar o projeto quando ele é entregue: a manutenção dos espaços livres de uso coletivo e as transformações engendradas pelo uso e pela apropriação são de extrema relevância para que o planejamento urbano siga acontecendo.

4.2.1 Dique do Tororó: a paisagem como quebra-cabeça

Os elementos naturais (mesmo aqueles implantados no parque pelo planejamento urbano) e as pessoas, bem como as construções humanas constituem os aspectos essenciais da paisagem do Dique do Tororó, segundo as minhas observações e as falas dos entrevistados. A percepção dos frequentadores dá maior ênfase à visão e, apenas marginalmente, aos outros sentidos do corpo. O parque é percebido como um

refúgio em meio à vida urbana e suas paisagens são experienciadas como um “atributo do mundo-vivido” (RELPH, 1979, p. 18).

A figura a seguir é uma representação, bem como o mapeamento do percurso individual (apresentado anteriormente), inspirada tanto nas práticas e avaliações de Brito (2018), como também nas discussões do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação que muito me provocaram a repensar a representação na geografia. E, para mim, nada é mais compatível com a paisagem do Dique do Tororó do que um quebra cabeça a partir de tudo que foi percebido: nesse contexto, os elementos da paisagem do parque são como as peças desse quebra-cabeça. Concordo com Seemann (2014), que apontou para a insuficiência do mapa ao representar o espaço real; o quebra-cabeça é a representação que mais se aproxima do que percebemos, sentimos, reduzimos e abstraímos – eu e os sujeitos da pesquisa. Suas peças são partes de uma totalidade, reveladas pela paisagem cotidiana do parque. Paisagem essa que, para Eric Dardel, “é a geografia compreendida como o que está em torno do homem” (DARDEL, 2015, p. 30).

FIGURA 93 – A PAISAGEM DO DIQUE DO TORORÓ: UM QUEBRA-CABEÇA



FONTE: A autora (2019).

A paisagem do Dique do Tororó se revela, portanto, como um jogo de quebra-cabeça, pela complexidade envolvida na compreensão de suas peças, pela necessidade que cada peça apresentou de estar em conjunto, integrada à outra peça para, no fim,

formar um todo. Um todo que nem sempre é contínuo e harmônico, mas que está entrelaçado, e, como um quebra-cabeça, faz mais sentido quando as peças estão juntas.

A analogia da **paisagem** com o jogo é também oportuna, pois o jogo tem, para mim, o mesmo significado que o parque tem para os seus usuários: é uma maneira de se obter lazer, de passar o tempo, de socializar (já que é de **uso coletivo**), ou de apenas observar e contemplar os detalhes das peças/dos elementos, entendendo seus encaixes, formatos e **percebendo** a ligação possível entre eles. Esse quebra-cabeça simula bem a dinâmica da **intersubjetividade** que cria as paisagens do **Dique do Tororó**.

4.2.2 Destrinchando o meu quebra-cabeça

A paisagem quebra-cabeça, como afirmado antes, é formada por partes, e nessa última seção destrincho a minha percepção dessas peças, já que cada indivíduo terá uma experiência sensorial diferente; como afirma Barthe-Deloizy, “a realidade do corpo não é única, mas plural (o corpo da mulher grávida, da pessoa com deficiência, do velho, etc.), assim como as experiências sensoriais.” (BARTHE-DELOIZY, 2011, p. 1, tradução nossa).³⁸ Pensando assim, descrevi abaixo alguns momentos-paisagens que explicam um pouco do que foi sentido pelo meu corpo, o que me afetou e as emoções sentidas ao me colocar em determinada posição e situar meu corpo para fotografar determinada paisagem do Dique do Tororó. Descrevo também se houve alguma motivação para fazer a foto que é um registro de um ponto de vista meu daquele instante experienciando. É uma descrição mais fenomenológica, apresentando como o fenômeno paisagem me arrebatou, um retorno ao que Merleau-Ponty (2018) escreveu sobre o corpo próprio, sobre o corpo ser no espaço, à Geografia do corpo sensível, como sugere Barthe-Deloizy (2011), ou ainda uma espécie de retorno à minha própria experiência que também motivou esse trabalho inicialmente: quando me perdi ainda criança numa praça central movimentada de Salvador.

De um jeito muito presente, essa memória do que vivi quando criança me acompanhou ao longo da pesquisa, pois essa investigação fenomenológica permitiu que me aproximasse de uma percepção das coisas como num corpo que se perde pela primeira vez, em um ambiente, até já conhecido antes, mas que se torna explorado

³⁸ “La réalité du corps n’est donc pas unique mais plurielle (le corps de la femme enceinte, du handicapé, du vieillard etc..) tout comme le sont les expériences sensorielles.”

minuciosamente, deixando as sensações me tocarem. Quando criança essa exploração me trouxe alerta, medo, atenção; e me senti assustada, pois precisava me reencontrar no meio de tanto movimento de pessoas e automóveis. Agora apresento um pouco do que os fenômenos me revelaram em alguns momentos dessa montagem do quebra-cabeça.

FIGURA 94 – UMA ATRAÇÃO DISTANTE



FONTE: A autora (2019).

Os turistas foram um grupo de sujeitos que pouco apareceu para mim e um dos poucos momentos que o fenômeno aconteceu foi o da foto da figura 94. Já conhecia esse tipo de turismo no qual os estrangeiros ficam dentro do ônibus e conhecem a cidade a partir de um percurso, mas vê-los fotografarem a tão encantadora e turística paisagem do Dique do Tororó com um vidro os separando de toda a atmosfera, cheiros e texturas presentes me causou certo incômodo. Quando os vi não me controlei, meu corpo reagiu de forma rápida e espontânea, liguei o celular e registrei a cena, pensei que era uma experiência distanciada demais. É preciso comentar que nesse ponto do parque o ônibus se localizava em frente às esculturas dos Orixás, mais do que nunca pensei ser uma atração distante. Eu estava de costas para a lagoa, aguardei um pouco assim, esperava que talvez os turistas pudessem descer do ônibus e se deslocar para mais perto, só que isso não ocorreu. Eu criei e senti uma expectativa. Mas o resultado foi uma frustração por mim e até por eles que ficaram parados dentro do ônibus por menos de 5 minutos antes de seguirem com o percurso.

Para Merleau-Ponty (2018), “o olhar obtém mais ou menos das coisas segundo a maneira pela qual ele as interroga, pela qual ele desliza ou se apoia nelas.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 212). O meu olhar captou a sensação de surpresa e frustração talvez pela expectativa criada e lançada sobre esse fenômeno. Escolhi focar apenas no ônibus com os turistas pela maneira como fiquei impressionada com tal “momento turístico”; o trânsito e seus sons estavam mais calmos nesse momento da tarde, o parque estava mais tranquilo no movimento de transeuntes. E durante os poucos instantes de surpresa e frustração que senti no meu corpo, o ônibus foi embora e eu me voltei para o restante do parque um pouco incrédula, pois os turistas não haviam de fato aproveitado aquele momento.

FIGURA 95– LUZES NOTURNAS NO PARQUE



FONTE: A autora (2019).

Um dos horários que mais gosto de visitar o parque é quando anoitece. A imagem da figura 95 representa exatamente a minha intenção em expressar a satisfação que me causam o frescor do sereno noturno no meu rosto, o reflexo das luzes na escuridão da lagoa, as luzes das casas no horizonte em contraste com o negro céu. Estava mais próxima das esculturas que ganham um charme com a iluminação, estava de costas para a borda do bairro do Engenho Velho de Brotas, bem próxima à margem da lagoa. Essa posição foi escolhida, pois me deixava envolvida nos reflexos luminosos n'água, juntamente com os feixes de luz captados pela câmera, mas melhor percebidos

pelos meus olhos. À noite, nesse ponto do parque, senti contentamento e calma, ficaria ali por horas apenas contemplando esse conjunto de elementos que também trazem mistério com a ausência da luz do dia. A iluminação que via e o vento que sentia me prendiam e até me esqueci do barulho do trânsito que corria em volta em alguns momentos.

FIGURA 96 – ALEGRIA AO VER PESSOAS REUNIDAS



FONTE: A autora (2018).

Estava mais uma vez na borda do Engenho Velho de Brotas e me posicionei de costas para a lagoa para dar toda atenção às pessoas do parque. Estes eram alguns dos praticantes de atividade física, alguns dos que fazem a paisagem do parque ser cotidiano em suas vidas. Era final de tarde, um dos momentos que essa academia coletiva fica mais cheia de gente. Ver a presença das pessoas, ouvir as conversas entre elas, ser afetada de maneira positiva por tanto movimento corporal conjunto me causava animação. É uma das horas mais agradáveis e interessantes de se estar no parque, pois há pessoas, há intersubjetividade, e toda essa troca me alegrou. Senti vontade de me juntar aos sujeitos para movimentar o corpo também, fazer amizade, pegar nos aparelhos e suar. As vozes das pessoas e o ranger dos aparelhos ganhavam mais volume do que o trânsito, mesmo sendo seu horário de pico. Alegria em ver gente em

movimento resume bem a minha emoção nesse instante. Eu presenciei um modo de geograficidade.

FIGURA 97 – MEU CORPO QUIS DANÇAR



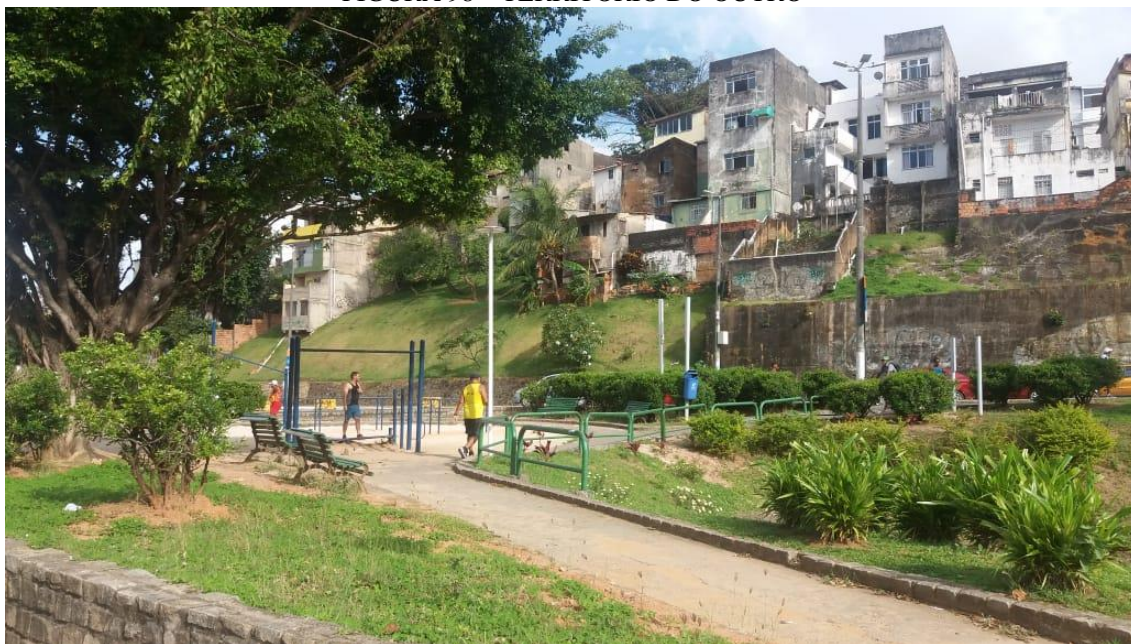
FONTE: A autora (2018).

A imagem da figura 97 mostra outro momento de contentamento em ver pessoas interagindo, reunidas e através da dança. Essa área fica na borda do Jardim Baiano, era domingo de manhã e a rua estava interditada para os automóveis nessa via, permitindo que as pessoas tivessem mais espaço para o lazer. Quis registrar a partir da paisagem a sensação, porém controlada, de dançar junto ao grupo de pessoas no centro da imagem. Não fazia Sol forte e o tempo estava bem agradável. A música era dançante, mas me controlei e não me uni aos demais para dar sequência na visita de campo que realizava.

Mesmo sem dançar como o meu corpo pediu, me fez muito bem ver os outros dançarem. Sem trânsito por perto, dava para ouvir a música, os gritos de animação das pessoas acompanhando a canção e os pássaros que voavam próximos às árvores do entorno. Também sentia os cheiros dos lanches que são vendidos aos domingos, senti “notas” de hot dog, misturadas com a suavidade marcante do cheiro de pipoca e um distante cheiro-sabor de churrasquinho no espetinho. Sim, ao sentir os cheiros, meu

paladar pareceu lembrar os respectivos sabores. Foi muito prazeroso esse momento da foto. Para completar, o que me seduziu na paisagem foi o desenho do relevo mais alto ao fundo, com as casas populares do Engenho Velho de Brotas indicando moradias com uma vista, assim o deduzi, bem bonita da lagoa. Esse instante trouxe uma sensação da possibilidade de liberdade do corpo no espaço livre de uso coletivo, sem tanta atenção às regras sociais, sem vergonha.

FIGURA 98 – TERRITÓRIO DO OUTRO



FONTE: A autora (2018).

Eu fiz essa fotografia da figura 98 para representar o que senti no momento: insegurança, tentativa de superar essa tal insegurança, sensação de alerta e cuidado. Era manhã de domingo, e a academia, que é ocupada majoritariamente por homens na ponta do parque mais próxima da Estação da Lapa, estava mais vazia, talvez menos perigosa com a luz do dia. Essa área apropriada apenas por homens, rodeada por trechos mais desertos e bem próxima a um cruzamento de trânsito, que não estava no seu momento de pico e contribuía para um silêncio ainda maior, me fez ter atenção dobrada e pensar por onde passar. Eu me senti como se estivesse me preparando para a eventualidade de uma reação necessária.

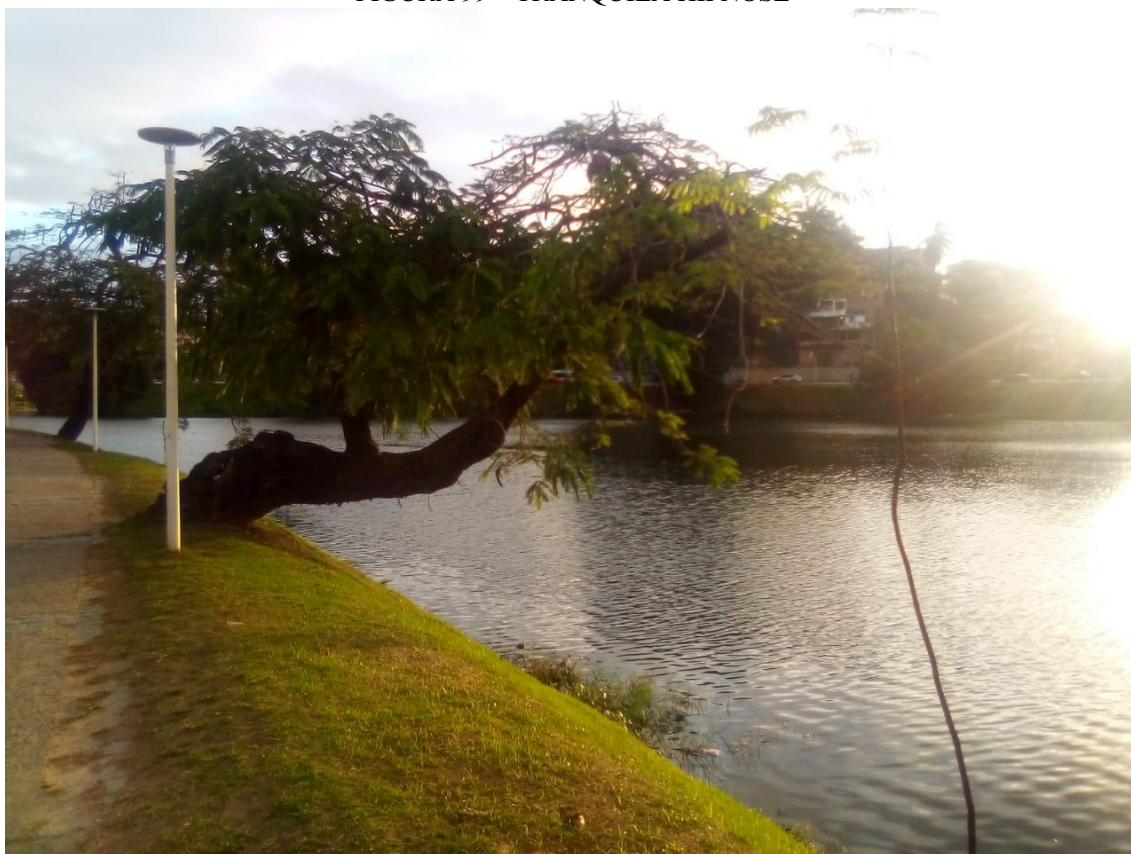
O meu corpo passou por um misto de tensão e necessidade de demonstrar tranquilidade e conhecimento do território (alheio) como forma de defesa. Até os elementos naturais nessa área me causaram repulsa: como o mau cheiro da lagoa e das plantas que são usadas como sanitário pelos frequentadores. Dessa vez não fui assediada

ou olhada, nada ocorreu que me afetasse de fato. Contudo, as sensações do meu corpo não mudaram comparadas aos momentos em que precisei passar sozinha por este ponto do parque. A intenção era ter uma experiência mais tranquila, sem tanta tensão nesse ponto, afinal, com a pesquisa, já era corriqueiro passar por ali. Porém como afirma Barthe-Deloizy,

o corpo adequado da fenomenologia não é um corpo qualquer. Não é uma coisa externa que se apropria, não é transferível para os outros, ele diz para si mesmo no singular: ‘é o meu corpo’, um corpo íntimo de carne oposto a todos os outros e neste funda o princípio da alteridade porque define os outros (BARTHE-DELOIZY, 2011, p. 4, tradução nossa).³⁹

Ou como o meu próprio corpo me revelou, no meu íntimo e de forma singular: parece que as minhas memórias corporais de mulher numa cidade machista e assediadora ainda respondem com todo o sentimento de preservação possível quando se trata de adentrar territórios como esse.

FIGURA 99 – TRANQUILA HIPNOSE



FONTE: A autora (2019).

³⁹ “Le corps propre de la phénoménologie n’est pas n’importe quel corps. Il n’est pas une chose extérieure qu’on s’approprie, n’est pas transférable à autrui, il se dit au singulier : « c’est mon corps », un corps de chair intime opposé à tous les autres et en cela il fonde le principe d’altérité parce qu’il définit autrui.”

Estava caminhando em direção ao viaduto Rômulo Almeida nesse fim de tarde, na borda do Engenho Velho de Brotas, quando a visão dessa árvore querendo mergulhar nas movimentadas águas da lagoa me hipnotizaram, talvez seja meu ponto de vista favorito de todo o parque, quis registrar mais uma vez o meu encantamento pelo encontro com os elementos naturais, muitas vezes o que faz valer a pena para mim ir ao Dique.

Essa paisagem chegou para mim como paz, calma, mansidão, vagareza, necessidade de parar e perceber os sons dos carros e passarinhos, os cheiros das plantas e da fumaça dos automóveis, ver o Sol caindo e refletindo na lagoa; é uma estadia aqui e agora presente, as pessoas não chegaram, não passaram, ou eu não as percebi. Barthe-Deloizy nos possibilita dizer que “vemos sons, ouvimos cores como cores ecoando em nosso corpo. Há uma invasão, um cruzamento constante entre ver, tocar, ouvir, o visível e o tátil.” (BARTHE-DELOIZY, 2011, p. 4, tradução nossa).⁴⁰ Foi esse cruzamento constante das experiências sensoriais que fez com que eu me distanciasse dos outros e voltasse a atenção da maneira mais forte para meus pensamentos e sensações.

FIGURA 100 – A PAISAGEM E SUA EXPANSÃO



FONTE: A autora (2018).

⁴⁰ “nous voyons des sons, entendons des couleurs comme les couleurs retentissent sur notre corps. Il y a un empiètement, un enjambement constant entre voir, toucher, entendre, le visible et le tactile.”

A intenção com essa fotografia da figura 100 foi alcançar uma única paisagem que abarcasse todas as partes do todo. Meu corpo se perdeu momentaneamente com tamanha expansão e abertura, principalmente do céu sobre a lagoa, até encontrar as esculturas dos Orixás refletidas na água, formando uma duplicidade de imagens. A vegetação do parque e seu verde é um atrativo sublime para os meus olhos e meu olfato. As edificações do entorno me lembram o social construído e vivido cotidianamente nessa área da cidade, sem esquecer o trânsito que envolve todo o Dique do Tororó com seus sons às vezes ensurdecedores, noutras vezes abafados e camuflados por outros estímulos.

A minha própria presença, com o pé fincado na grama do parque representava o ser-no-mundo. Meu corpo inclusive se posicionou dando ênfase a essa imensidão conjunta de céu e água conjugados com os demais elementos. Essa imensidão de paisagem percebida ocorreu quando entendi que meus sentidos estavam numa espécie de encontro perceptível, ou

se ainda se pode falar, na percepção do corpo próprio, de uma interpretação, seria preciso dizer que ele se interpreta a si mesmo. Aqui, os ‘dados visuais’ só aparecem através de seu sentido tátil, os dados táteis através de seu sentido visual, cada movimento local sobre o fundo de uma posição global, cada acontecimento corporal, qualquer que seja o ‘analisador’ que o revele, sobre um fundo significativo em que suas ressonâncias mais distantes estão pelo menos indicadas e a possibilidade de uma equivalência intersensorial está imediatamente fornecida (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 208).

Senti essa experiência intesensorial e voltei àquela sensação de me perder quando criança, na imensidão do cotidiano que nos cerca ao perceber paisagens.

Nesse sentido, a partir das referências citadas e das experiências resultantes dessa pesquisa defendo uma Geografia que abarque a geograficidade, o corpo e suas possibilidades de sentir e revelar fenômenos e fatos para a consciência: o corpo como base para ser-no-mundo e reconhecer o outro nos encontros corriqueiros dos nossos dias nos diferentes espaços. Ou ainda, pensar, como defende Barthe-Deloizy (2011), o corpo como “um referente, um marco; que permite que cada membro de uma sociedade se situe no espaço, se designe, se identifique como sujeito, como a materialidade de si mesmo” (BARTHE-DELOIZY, 2011, p. 12, tradução nossa).⁴¹

Defendo assim, uma Geografia situada na experiência dos sujeitos.

⁴¹ “un référent, un repère ; il permet à chaque membre d’une société de se situer dans l’espace, de se désigner, de s’identifier en tant que sujet, en tant que matérialité de soi.”

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARTHE-DELOIZY, Francine. « Le corps peut-il être « un objet » du savoir géographique ? », **Géographie et cultures** [En ligne], 80 | 2011, mis en ligne le 30 janvier 2013, consulté le 13 juin 2020. URL : <http://journals.openedition.org/gc/544>

_____. **O Corpo**: obscuro objeto do saber geográfico. Salvador: UFBA, Outubro de 2018. Não paginado. Não publicado. Notas de conferência.

BRITO, Marcelo Sousa. **O teatro que corre nas vias**. Salvador: Edufba, 2017. 208 p.

_____. **Tópicos Especiais em Artes Cênicas TEA507 Narrativas Cartográficas**. Salvador: UFBA, Setembro de 2018. Não paginado. Não publicado. Notas de aula.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: Elos da Produção da Existência. In: **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia / [organização de Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Lívia de Oliveira. – São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 249-279.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa, PO: EDIÇÕES 70, 1996. 202p.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIAS, Clímaco. **Práticas Socioespaciais e Processos de Resistência na Grande Cidade**: Relações de Solidariedade nos Bairros Populares De Salvador / Clímaco Dias. -- Salvador, 2017.

_____. **Geografia no Ensino Fundamental**. Salvador: UFBA, Agosto a Dezembro de 2019. Não paginado. Não publicado. Notas de aula.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999. 288p.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HOLZER, Werther. A geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, p. 137-147, 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução de Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica de Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**. Contribución a la teoría de las representaciones / Henri Lefebvre ; trad. De óscar Barahona y Uxo Doyhamboure. – México : FCE, 2006.

LIMA, J. F. da Silva. O Dique da Bahia. **Rev. Inst. Geo. e Hist. da Bahia**, Salvador, v.19, p. 13-25, 1899.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia / [organização de Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Lívia de Oliveira. – São Paulo: Perspectiva, 2014, p.227-247.

_____. **Disciplina GG052 Lugar, territorialidade e mobilidades contemporâneas** Campinas: UNICAMP, julho de 2019. Não paginado. Não publicado. Notas de aula.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NOGUEIRA, Rita de Cássia Cordeiro. **Dique do Tororó: propostas e intervenções em um espaço público**. 2000. 233 F. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2000.

OLIVEIRA, Lívia de. O Sentido de Lugar. In: **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia / [organização de Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Lívia de Oliveira. – São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 3-16.

PADUA, Letícia Carolina Teixeira. O mapa do tesouro - "a geografia humanista: sua trajetória 1950-1990": "A Geografia Humanista: Sua Trajetória 1950-1990". Rev. **NUFEN**, Belém, v.9, n.2, p.138-142, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 fev. 2019.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. 2. ed. [s.l.]: Agir, 1946. 358 p. il. map.

PIDNER, Flora. **Geo-Foto-Grafia das paisagens: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado** / Flora Sousa Pidner. – Salvador, 2017. 327 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

_____. **Palestra: “A Geografia de Milton Santos como importante instrumento de análise para a compreensão do mundo contemporâneo”**. Salvador: UFBA, Outubro de 2019. Não paginado. Não publicado. Notas de palestra.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25,1979.

ROSA, Crislane Palma da Silva. **Quem se apropria do espaço público?** Classe Social, Raça e Sexo sob o olhar do Alto das Pombas, Salvador-BA / Crislane Palma da Silva Rosa. -- Salvador, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SEEMANN, Jorn. Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia / [organização de Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Lívia de Oliveira. – São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 69 – 91.

SERPA, Angelo. Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. **OLAM – Ciência & Tecnologia**[arquivo de dados legíveis por máquina],Rio Claro, v.1, n. 2, p. 29-61, nov. 2001.

_____. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007a.

_____. **Cidade Popular: trama de relações sócio-espaciais**. Angelo Serpa, organizador. Salvador: EDUFBA, 2007 b.

_____. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP** – espaço e tempo, São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013.

_____. **ARQA88/20122 – Tópico Especial Espaço Público e Paisagem**. Salvador: UFBA, março a julho de 2019a. Não paginado. Não publicado. Notas de aula.

_____. **Por uma Geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia** / Angelo Serpa. – São Paulo: Contexto, 2019b.

SOUSA, André Nunes de. **Orla Oceânica de Salvador: um mar de representações**. Salvador: EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011.

_____. **Percurso historiográfico do campo disciplinar geográfico na Bahia e em São Paulo**: contribuições da Universidade Federal da Bahia e da Universidade de São Paulo. 2015. 236 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

_____. **Disciplina GEO686 Textos e contextos. O Espaço Geográfico na literatura**. Salvador: UFBA, junho de 2018. Não paginado. Não publicado. Notas de aula.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2013.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** / Yi-Fu Tuan ; tradução: Livia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2012.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador: transformações e permanência (1549-1999)**. Ilhéus: UESC, 2002. 455 p. il.

**APÊNDICE A–ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTADOS DO
DIQUE DO TORORÓ**

Nome: _____ Sexo/gênero: _____ Idade: _____

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) frequenta este espaço? E com que frequência? Onde mora?
2. Quais motivos te atraem para este espaço? Quais práticas o(a) senhor(a) realiza neste espaço?
3. Como o(a) senhor(a) explicaria ou entende do Dique do Tororó? Descreva-o. É um espaço público? Se sim, o que é público para o(a) senhor(a)? Para que serve este espaço?
4. O(a) senhor(a) percebe algo no Dique? O que percebe? Como me explica o que é perceber?
5. O(a) senhor(a) vê paisagem? E o que o(a) senhor(a) entende por paisagem? Com o(a) senhor(a) acha possível perceber a paisagem? Como o(a) senhor(a) percebe a paisagem do Dique? O que mais te chama atenção? Você percebe com outros sentidos?
6. O trânsito do entorno o que te apresenta? Falta algo no Dique do Tororó? O que poderia retirar? A vegetação do Dique te diz algo? Serve para algo? E a lagoa?
7. Qual a paisagem do Dique? Descreva-a. O que a paisagem do Dique te conta? Você faz parte da paisagem? E as outras pessoas?
8. O que o(a) senhor(a) entende por perceber outras pessoas?
10. O(a) senhor(a) percebe outras pessoas deste espaço? Se sim, de que forma? Se não, por quê?
11. O fato de perceber outras pessoas e até interagir com elas neste espaço é importante para a paisagem? Como?
12. Qual a importância do seu corpo para perceber a paisagem, os outros e vivenciar o Dique?

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Mestranda: Renata Oliveira Silva

Eu, _____, portador(a) de RG _____, depois de entender a pesquisa intitulada “Paisagens e interações nos espaços públicos da cidade de Salvador-BA”, estou ciente da necessidade da gravação de minha entrevista e AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Renata Oliveira Silva a realizar a gravação de minha entrevista.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação, caso solicitada;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada, caso seja solicitado, em nenhuma das vias de publicação das informações geradas.

Salvador, Bahia, ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa